

**UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSO* EM
COMUNICAÇÃO**

PAULO JOSÉ DE SOUSA

**ASSEDIADAS, ESTEREOTIPADAS E SUBMISSAS:
AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DAS TELENVELAS**

**SÃO PAULO
2025**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSO* EM
COMUNICAÇÃO**

PAULO JOSÉ DE SOUSA

**ASSEDIADAS, ESTEREOTIPADAS E SUBMISSAS:
AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DAS TELENÓVELAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, como requisito para a
obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Professora Dr.^a Clarice Greco
Alves

SÃO PAULO
2025

Sousa, Paulo José de.

Assediadas, estereotipadas e submissas: as empregadas domésticas das telenovelas / Paulo José de Sousa.. - 2026.

156 f. : il. color. + CD-ROM.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2026.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Clarice Greco Alves.

1. Telenovela. 2. Empregada doméstica. 3. Abusos. 4. Violências.
5. Preconceitos. I. Alves, Clarice Greco (orientadora). II. Título.

PAULO JOSÉ DE SOUSA

ASSEDIADAS, ESTEREOTIPADAS E SUBMISSAS:
AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS DAS TELENVELAS

Tese apresentada ao Programa de Pós –
Graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, como requisito para a
obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Clarice Greco Alves
Universidade Paulista-UNIP

Prof. Dr. Guilherme Perdigão
Universidade Oxford

Prof. Dr. Gustavo Souza da Silva
Universidade Paulista – UNIP

Profª. Dra. Ligia Maria Prezia Lemos
Universidade de São Paulo – Autônoma

Profª. Dra. Simone Luci Pereira
Universidade Paulista – UNIP

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que me permitiu saúde, perseverança e direcionamento.

À Professora Doutora Clarice Greco Alves, pela generosidade e atenção, e que pacientemente acolheu meu tema de pesquisa, me orientou e me auxiliou durante todo o percurso do Doutorado.

Aos professores do curso PPGCOM, que, em suas aulas, ajudaram imensamente nesta pesquisa, e talvez sem saber trouxeram renovação de mentalidade.

Aos professores da banca examinadora, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos colegas de sala, que compartilharam experiências, momentos de alegria e fizeram minha jornada acadêmica agradável e enriquecedora.

À equipe da secretaria do Programa de Comunicação, pela disposição e auxílio sempre.

À minha esposa e filhos, que com paciência me apoiaram nessa caminhada.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – que financiou este trabalho

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

A presente investigação objetiva analisar as representações das empregadas domésticas nas telenovelas transmitidas pela TV Globo, nos horários das 20h e 21h, pela primeira vez entre os anos de 2000 e 2018. Buscamos evidenciar particularidades dessas personagens, o que as torna significativas tanto no contexto das telenovelas quanto fora das telas, nas histórias de profissionais que prestam serviços domésticos. Ao mesmo tempo, procuramos refletir a respeito de temas como abusos, maus-tratos, preconceitos, violências e desigualdades sociais. Para a seleção de telenovelas que atendessem nosso objetivo, recorreremos à cartografia formulada por (Deleuze; Guattari, 2011), onde realizaremos um mapeamento no Portal Memória Globo na coluna personagens. Na fase preliminar da pesquisa, o mapeamento possibilitou identificar e selecionar as telenovelas e as trabalhadoras para nosso estudo. Desse modo, seguindo o percurso metodológico, foi possível elencar 31 telenovelas com 81 trabalhadoras domésticas. Diante do vasto rol de trabalhadoras nesse universo de telenovelas, fez-se necessário o uso de um método complementar para a seleção de telenovelas que contivessem trabalhadoras mais representativas do cenário profissional das empregadas domésticas e do propósito desta pesquisa. Dada a flexibilidade da cartografia, foi feita a combinação desse método com a análise de conteúdo proposta (Bardin, 2016; Greco, 2023). Na dimensão da pesquisa, a cartografia ajudou a acompanhar os processos e definir um caminho para a realização da investigação. A análise de conteúdo em conjunto com o mapeamento auxiliou na definição de um corpus da pesquisa e de diagnósticos das relações entre os padrões e as trabalhadoras domésticas. Tendo a violência, a exploração da mão de obra e o preconceito como eixos das discussões, consideramos a interseccionalidade inspirada em Crenshaw (2002) como recurso metodológico para nossas análises. Partimos da exposição de recortes e interfaces das violências utilizadas na construção da narrativa das personagens.

Palavras-chave: Telenovela; Empregada doméstica; Abusos; Violências; Preconceitos.

ABSTRACT

The present investigation aims to analyze the representations of domestic workers in telenovelas broadcast by TV Globo during the 8 p.m. and 9 p.m. time slots, aired for the first time between the years 2000 and 2018. We seek to highlight the particularities of these characters, which make them significant both within the context of the telenovelas and beyond the screen, in the real-life stories of domestic service professionals. At the same time, we reflect on themes such as abuse, mistreatment, prejudice, violence, and social inequalities.

To select the telenovelas that meet our objective, we draw on the cartography method formulated by Deleuze and Guattari (2011), through which we conducted a mapping on the Portal Memória Globo in the “characters” section. In the preliminary phase of the research, this mapping made it possible to identify and select the telenovelas and the workers for our study. Thus, following the methodological path, it became possible to navigate the Portal and list a menu of 31 telenovelas featuring 81 domestic workers.

Given the extensive number of characters within this telenovela universe, it became necessary to use an additional method to select the telenovelas containing the most representative workers in relation to the professional context of domestic labor and the purpose of this research. Due to the flexibility of cartography, we combine this method with content analysis as proposed by Bardin (2016) and Greco (2023). Within the research framework, cartography helps us follow processes and define a direction for conducting the investigation. Content analysis, together with the mapping, assists in defining the research corpus and in diagnosing the relationships between employers and domestic workers.

With violence, labor exploitation, and prejudice as the central axes of discussion, we adopt intersectionality, inspired by Crenshaw (2002), as a methodological tool for our analyses. We begin by presenting excerpts and interfaces of the forms of violence used in constructing the characters’ narratives.

Keywords: Soap opera; Domestic worker; Abuse; Violence; Prejudice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxo da análise de conteúdo.....	25
Figura 2 - Telenovelas do mapeamento.....	34
Figura 3 - Print da tela do <i>site</i> Memória Globo/personagens	36
Figura 4 - Cartilha Trabalhadores Domésticos Direitos e Deveres	49
Figura 5 - As Helenas de Manoel Carlos.....	67
Figura 6 - Empregada doméstica Zilda (Laços de Família)	76
Figura 7 - Empregadas jovens caracterizadas pelo tipo de veste	114
Figura 8 - Empregada Ritinha	115
Figura 9 - Empregada Shirley	117
Figura 10 - Trabalhadoras da categoria 35+	119
Figure 11 - Zilda e o neto de Helena.....	128
Figura 12 - Irene e a patroa	129
Figura 13 - Ritinha	133
Figura 14 - Danilo observando Ritinha	133
Figura 15 - Zilda (Mulheres Apaixonadas).....	135
Figure 16 - Carlinhos.....	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Média salarial da trabalhadora no primeiro trimestre de 2025.....	40
Gráfico 2 - Cesta básica e a correspondência em percentual do salário mínimo	42
Gráfico 3 - Panorama da contratação das trabalhadoras domésticas	51
Gráfico 4 - Comparativo de faixa etária trabalhadoras domésticas - 2013 e 2022.....	52
Gráfico 5 - Distribuição quantitativa por tipo de trabalhadora nas telenovelas	58
Gráfico 6 - Distribuição das ocupações no trabalho doméstico por autor	60
Gráfico 7 - Autores e telenovelas	62
Gráfico 8 - Principais autores, quantidade de telenovelas e trabalhadoras (2000-2018).....	63
Gráfico 9 - Proporção da participação dos autores e autoras das telenovelas	64
Gráfico 10 - Distribuição das atividades profissionais nas telenovelas	73
Gráfico 11- Distribuição das trabalhadoras negras e não-negras por telenovela das 20h e 21h (2000-2009).....	81
Gráfico 12 - Distribuição das trabalhadoras negras e não negras por telenovela das 20h e 21h (2010-2018).....	82
Gráfico 13 - Comparativo de produção de telenovelas e participações das empregadas negras e não-negras.....	84
Gráfico 14 - Proporção de denominação racial na casa de Helena: empregada e patroa	95
Gráfico 15 - Distribuição das trabalhadoras por faixa etária	Erro! Indicador não definido.
Gráfico 16 - Distribuição da faixa etária das trabalhadoras por autor	109

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Telenovelas das 20h e 21h e as trabalhadoras domésticas	56
Tabela 2 - As 81 trabalhadoras e as atividades de trabalho	72
Tabela 3 - Trabalhadoras categorizadas por denominação racial	80
Tabela 4 - As empregadas e as patroas (Helenas)	92
Tabela 5 - Distribuição por faixa etária das trabalhadoras nas telenovelas	106
Tabela 6 - Elementos característicos das empregadas segundo a faixa etária	113
Tabela 7 - Empregadas selecionadas para análise	125
Tabela 8 - Categorias de análise	125
Tabela 9 - Desdobramentos das violências nas narrativas das empregadas	142
Tabela 10 -Comparativo dos tipos de violências contra as domésticas e as elites	148

Sumário

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	22
1.1 Detalhamento das etapas do processo de análise de conteúdo	25
1.2 Plano amostral	28
1.3 Fases do plano amostral	28
1.4 Abrangência da pesquisa	29
1.5 A lógica do rizoma nas telenovelas	30
1.6 A combinação das abordagens quantitativa e qualitativa	31
1.7 A escolha das telenovelas das 20h e 21h	32
1.9 O Portal Memória Globo como local de pesquisa	34
1.11 Processo de coleta de informações e tabulação de dados da pesquisa	37
CAPÍTULO 2: O PANORAMA DO TRABALHO DOMÉSTICO DO BRASIL	38
2.1 A realidade do trabalho doméstico: desigualdades regionais, baixos salários, informalidade e exaustão	39
2.2 O poder de compra da trabalhadora doméstica (base na cesta básica)	41
2.3 As atividades não declaradas do trabalho doméstico	43
2.4 A relação precarizada patroa-empregada	45
2.5 Direitos das trabalhadoras domésticas: entre a teoria e a prática	47
2.6 Fragilidades da relação trabalhadora e empregadores	49
2.7 O panorama da contratação da mão de obra de trabalhadoras negras e não-negras	50
2.8 Trabalhadoras domésticas, perfil por faixa etária	52
CAPÍTULO 3: TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NAS TELENÓVELAS DAS 20h e 21h	54
3.1 Distribuição das trabalhadoras por telenovela	57
3.2 Distribuição das atividades das domésticas por autor	59
3.3 Quantidade de telenovelas do horário das 20h e 21h por autores (2000-2018)	62
3.4 As tramas das Helenas de Manoel Carlos	66
3.5 Sinopses das telenovelas de Manoel Carlos	68
3.6 As inúmeras formas do trabalho doméstico nas telenovelas	71
3.7 Entre a criadagem e as trabalhadoras das telenovelas	75
3.8 Expansão do Mapeamento	78
CAPÍTULO 4: TELENÓVELAS: TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS E NÃO-NEGRAS	78
4.1 Comparativo: empregadas domésticas nas telenovelas por denominação racial	84
4.2 Autores e as preferências por tipo de trabalhadoras nas telenovelas	86
4.3 As empregadas das Helenas, parte ou propriedade da família	89

4.4 A relação 80-20 patroas brancas e as empregadas negras	95
4.5 Dona Helena, a boa patroa.....	96
4.6 Entre a passividade e o ativismo, as empregadas domésticas e as <i>Empreguetes</i>	98
4.7 Relações problemáticas: o recorte de <i>Celebridade</i> e <i>Senhora do destino</i>	100
4.8 Imprensa reforça os estereótipos da empregada doméstica	102
CAPÍTULO 5: DISTRIBUIÇÃO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS, POR FAIXA ETÁRIA NAS TELENÓVELAS.....	104
5.1 Faixa etária das trabalhadoras nas telenovelas	105
5.2 Perfil da trabalhadora doméstica nas telenovelas	108
5.3 Faixa etária da trabalhadora por autor	109
5.4 Autor e as evidências de representatividade da faixa etária das trabalhadoras	110
5.5 Estereótipos comuns relacionados à faixa etária das empregadas	110
5.6 Elementos característicos das personagens segundo a faixa etária	112
5.7 Análise das trabalhadoras categoria jovens.....	114
5.8 Análise das trabalhadoras categoria “35+”	118
CAPÍTULO 6: ASSEDIADAS ESTEREOTIPADAS E SUBMISSAS.....	122
6.1 A combinação de métodos ao longo da pesquisa.....	123
6.2 Organização e análise de conteúdo	124
6.3 O contexto das tramas das empregadas	125
6.4 Identificação das categorias de análises nas tramas das empregadas domésticas	127
6.5 As perspectivas dos assediadores e das trabalhadoras.....	136
6.6 A Interseccionalidade como método de análise.....	139
6.7 Painel interseccional da violência	141
6.8 A temática da violência nas telenovelas: dois pesos e duas medidas.....	147
Considerações Finais	150
Referências	153

INTRODUÇÃO

A proposta de escrever sobre as empregadas domésticas apresentada no pré-projeto de doutorado foi inspirada em nossa dissertação de mestrado, na qual o título era Humor, Estereótipos e Preconceitos no Programa *Sai de Baixo*, da TV Globo. Estudar as violências que afetam as trabalhadoras não era o assunto central da pesquisa naquele texto, mas ao longo do desenvolvimento da dissertação, os preconceitos e os maus tratos direcionados às domésticas no programa humorístico alcançaram conotação significativa. Em *Sai de Baixo*, as piadas e os bordões, mesmo em tom de humor, eram ofensivos, carregavam preconceitos centrados na figura dos patrões, pessoas de classe média-alta. Os maus tratos e algumas piadas enfatizavam as características e o comportamento ‘do pobre’, sendo parte dessas anedotas orientadas ao núcleo da classe baixa representado pelas trabalhadoras domésticas e o porteiro do prédio. Essas opressões foram direcionadoras para inspirar nossas pesquisas.

A exploração de mão de obra e a violência contra empregadas domésticas são temas de importância social atuais, recorrentes nos portais de notícias, jornais, mídias sociais e são objetos de estudos acadêmicos. Esses temas, quando retratados na ficção televisiva, “refletem inquietações, geram questionamentos e propõem problemas a serem pensados, definidos, resolvidos pelo ambiente social em que circulam” (Motter, 2007, p.59).

Nas telenovelas, a temática da violência compõe relatos relevantes porque contextualiza as tramas das trabalhadoras domésticas e melhor qualifica a telenovela como uma *narrativa da nação* (LOPES, 2003). Nessa linha, a telenovela também pode levar a refletir sobre questões como preconceitos, estereótipos, exploração da mão de obra, violência e desigualdades sociais.

Motter & Jakubaszko, (2007), ao refletirem sobre a telenovela, destacam que a força do diálogo com o meio social está ligada ao grau de enfrentamento das questões e à qualidade artística do produto.

Acreditamos que a intensidade do diálogo com o ambiente social alcançada pelas telenovelas está em estreita relação de dependência com o grau de enfrentamento das questões, mas também para tanto não se pode esquecer ou descuidar da qualidade artística do produto. Enfatizamos que apenas a dimensão social, pedagógica, bem evidenciada, problematizada pelo roteirista através de um tratamento ficcional (poético/melodramático) adequado é que impulsiona o potencial apresentado pelo gênero de encarnação de um logos pedagógico o qual incita à reflexão, mobilizando interesse e atenção, interagindo com a sociedade como um influente interlocutor social nos processos que desenham os consensos geradores de mudanças. (Motter; Jakubaszko, 2007, p. 64).

Como vimos, além do entretenimento, a telenovela tem valor pedagógico e aborda valores, práticas sociais e comportamentos de uma determinada época. Essa lógica atribui relevância aos estudos.

Objetivos:

Objetivo geral

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as representações das empregadas domésticas nas telenovelas das 20h e 21h, exibidas originalmente na TV Globo entre os anos 2000–2018 e reprisadas no programa *Vale a Pena Ver de Novo*, no Canal Viva para assinantes e no portal digital de *streaming* de vídeos *Globoplay*.

Objetivos específicos

- analisar se a narrativa sobre as empregadas domésticas pode propor críticas sociais, suscitar debates e reflexões acerca de temas como: desigualdades, trabalho análogo à escravidão, estereótipos, preconceitos, racismo estrutural e violência;
- avaliar se a presença dessas personagens é relevante no cenário das telenovelas e também fora das telas. Isso inclui as empregadas domésticas que sofrem preconceitos e violências, especialmente as mulheres negras;
- levantar se, entre os anos 2000 e 2018, ocorreram mudanças nas telenovelas e alterações significativas nas personagens, adaptando-as ao contexto da conjuntura social da época, de modo a revalorizar a figura da empregada doméstica;
- analisar se as reapresentações nas telenovelas podem ocasionar um efeito ofensivo contra as profissionais de serviços domésticos e reforçar os estereótipos e preconceitos já existentes na sociedade;
- observar quais tipos de violência se manifestam nas relações assimétricas entre patrões e as trabalhadoras. Para entender melhor o conceito de representação, usamos as ideias de Hall (2016). O autor defende que a “representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p.31). Em concordância, os autores das telenovelas na criação de suas personagens fazem a aproximação da linguagem à cultura e assim produzem significado. Na visão de Pallottini (1989, p.5), uma personagem é “a imitação, portanto a recriação dos traços fundamentais de pessoa ou pessoas, traços selecionados pelo poeta segundo seus

próprios critérios”. Para Comparato (2009, p.111), “personagem vem a ser algo assim como personalidade e aplica-se às pessoas com caráter definido que aparecem na narração”. O caráter definido pelo autor pode propor realidade, autenticidade e verdade. Nessa ótica, é possível que a figura dessas personagens admita uma lógica que reflete a realidade.

As empregadas domésticas das telenovelas

Nas telenovelas, as empregadas domésticas cumprem, na grande maioria das vezes, papéis secundários. Em geral, há conflitos de classes e elas “gravitam” em torno das patroas. Nas palavras de Motter (2003), esse tipo de personagem ajuda a estruturar o cotidiano doméstico das famílias e também contribui para “compor o caráter de seus patrões” (Motter, 2003, p.117).

Do ponto de vista da dramaturgia, os empregados funcionam como peões, como articulações importantes, já que as pessoas circulam em diversos ambientes, em universos diferentes e eles estão sempre presentes, garantindo a ordem do espaço-base da personagem e servindo de interlocutor na passagem deles por ali (Motter, 2003, p.116).

Em uma breve descrição, nas telenovelas, a maioria das empregadas era retratada nas como bem-humorada (ainda que houvesse também algumas mal-humoradas), outras caricatas ou irreverentes. Com frequência participavam das discussões, mesmo sem serem convidadas, tangenciando a problemática noção de “como se fossem da família”.

As relações de trabalho estavam além da laboral, muitas trabalhadoras eram vítimas de violência simbólica (Bourdieu, 2012), sendo subjugadas, oprimidas em ações nem sempre percebidas. Por vezes, eram subordinadas a um vínculo de submissão semelhante à servidão, resultado de uma estratégia de poder de seus patrões. Costumavam cuidar da casa, de animais e de idosos de forma sistemática, permitindo que os patrões levassem uma vida mais confortável.

Por outro lado, as personagens também podem ser instrumentos de denúncia, já que uma telenovela mostra que existem problemas na sociedade quando se fala sobre elas. Nesse sentido, a denúncia “é comumente encontrada nas linhas que traçam o perfil dos personagens, ou seja, através da caracterização dos seres ficcionais, suas atitudes, hábitos e práticas” (Motter; Jakubaszko, 2007, p. 61).

Quadro Teórico de Referência

Este estudo fundamenta-se nas investigações acerca de telenovelas abrangendo a compreensão das personagens empregadas domésticas e das opressões que essas trabalhadoras sofrem, passando pelo entendimento de como é a lógica das rerepresentações.

O panorama nacional do trabalho doméstico foi definido pelos seguintes órgãos: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Os autores selecionados apresentaram características significativas para o estudo e análises de personagens das telenovelas e rerepresentações. Os autores que integraram o ciclo de leituras para a elaboração desta pesquisa são:

- Os conceitos sobre telenovela, drama e romance foram referenciados por: Balogh (2002), Greco (2023), Lopes (2003), Lopes (2009), Lopes (2011), Martín-Barbero (1997), Motter (2003), Motter & Jakubaszko (2007), Néia (2023) e Wolton (1996).
- Para o conceito de cartografia, os autores de base foram: Deleuze, G.; Guattari, F. (2011), Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. (2009) e Rosário, Coca (2018).
- A cultura de massas foi referenciada por Morin (2005).
- O método de análise de conteúdo seguiu as instruções de Bardin (2016) e Greco (2023).
- Os entendimentos sobre estereótipos e preconceitos foram embasados em: Bhabha (2007), Hall (2016), Heller (2002), Jodelet (2001) e Lippmann (2008).
- A relação entre empregadas e empregadores foi abordada por: Brites (2007), Castel (2012), Perdigão (2018), Pinheiro; Posthuma Tokarski (2021), Preuss (1997) e Teixeira, Randall (2018), Saraiva e Carrieri (2015).
- Os significados sobre personagem e representação foram apoiados em: Hall (2016), Pallotinni (1989) e Comparato (2000) e Comparato (2009).
- A pesquisa em plataforma seguiu as abordagens de D'Andréa (2020).
- Os entendimentos sobre interseccionalidades foram alicerçados em: Carrera (2021), Collins e Bilge (2021), Crenshaw (2002) e Hayeck (2009).
- Para os conceitos sobre racismo e sexismo, os autores consultados foram: Araújo (2008), Freyre (2005), Gonzales (1984), Lima (2001) e Peixoto (2008).

- Os conceitos sobre violência, violência simbólica, patriarcado, poder e dominação foram referenciados por: Akotirene (2019), Bourdieu (1996), Bourdieu (1999), Bourdieu (2007), Bourdieu (2009), Bourdieu (2012), Kehl (2004), Sommacal e Tagliari (2017).

Estrutura e organização da tese

Esta tese foi organizada em seis capítulos, sendo que o primeiro apresentou os métodos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo trouxe o contexto da realidade social das trabalhadoras domésticas com base no panorama do trabalho e das desigualdades sociais. Do terceiro ao quinto capítulo, são apresentadas análises e reflexões acerca de dados levantados por cartografia sobre as personagens empregadas domésticas em telenovelas. O mapeamento, cuja metodologia será explicada no capítulo 01, identificou 81 trabalhadoras domésticas em 31 telenovelas das 20h e 21h entre os anos 2000 e 2018. No decorrer do levantamento, surgiram atributos relevantes para a segmentação da população de trabalhadoras domésticas. Essas características estão descritas nos capítulos seguintes. O terceiro capítulo fez um levantamento sobre as diferentes atividades das trabalhadoras e apresentou um estudo sobre as ocupações profissionais nas telenovelas. O quarto capítulo quantificou as trabalhadoras por raça, as negras e as não-negras. No quinto capítulo, foi apresentado um levantamento das empregadas categorizadas por faixa etária. O sexto e último capítulo teve foco na abordagem qualitativa e colaboraram para interpretação de dados não numéricos, como as cenas das telenovelas e falas das personagens que remetem à violência, exploração da mão de obra, preconceitos e estereótipos em relação às trabalhadoras domésticas.

Justificativa

A telenovela promove diálogo entre ficção e a realidade, nos dá um diagnóstico sombrio e traz alguns desdobramentos da violência que marcaram a narrativa das personagens. Alguns autores de telenovela traçaram um panorama de representações da mão de obra das trabalhadoras, minimizando ou expondo abusos, violências e preconceitos presentes na sociedade à época da primeira exibição das telenovelas. O diagnóstico analítico aqui apresentado revela violências como assédio sexual, exploração de mão de obra e outras características dessa relação ainda presentes na atualidade.

Paralelamente à ficção está o cenário brasileiro cheio de desafios, apesar das mudanças e das novas leis que visam proteger as trabalhadoras. Mais de uma década após a primeira exibição das telenovelas, a exploração da mão de obra, o trabalho análogo à escravidão, o racismo, a desigualdade ainda compõem o imaginário coletivo que reflete e retrata a sociedade brasileira, como uma *narrativa da nação* (LOPES, 2003). O cenário descreve uma categoria profissional onde mais da metade da mão de obra não tem carteira assinada, nem direitos trabalhistas. O que se destaca nessa atividade profissional é que cerca de 65% das trabalhadoras são negras (DIEESE, 2025).

CAPÍTULO 1: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia científica emprega um conjunto de técnicas que possibilitam uma abordagem rigorosa e organizada de determinado tema, validando a produção de conhecimento. Em nossos estudos, o interesse pela cartografia surgiu a partir das primeiras orientações no curso de doutorado.

Inicialmente, a intenção era estudar as empregadas domésticas das telenovelas de Manoel Carlos exibidas originalmente entre as 20h e 21h na TV Globo entre os anos 2000 e 2010. Na ocasião, a hipótese era de que as telenovelas desse autor, exibidas no período, possuíam mais trabalhadoras domésticas que os demais autores da época. Isso facilitaria as buscas, supondo encontrar trabalhadoras que contextualizassem o cenário das empregadas domésticas. No decorrer do curso, decidimos ampliar o horizonte da pesquisa. A partir desse direcionamento, a investigação se tornou mais abrangente e incluiu em nossas análises preliminares os demais autores e autoras, permitindo percorrer todas as telenovelas e comparar as trabalhadoras domésticas. Esse novo encaminhamento iria fundamentar a pesquisa e dar mais propriedade à tese em questão. Para coletar dados sobre personagens em mais de 60 anos de telenovela, foi necessário encontrar um recorte. Mas ao iniciar a coleta, percebeu-se que grande parte das produções já não estava disponível para consulta (por exemplo, as da TV Tupi e Excelsior). Inicialmente buscamos artigos, teses ou dissertações que tivessem feito levantamento quantitativo das personagens empregadas domésticas em telenovelas, e não encontramos, assim como telenovelas do SBT ou Record.

Então, reconhecemos que a maior parte das telenovelas com possibilidade de consulta seriam as das 21h (antes, chamadas de ‘novelas das 20h’) da TV Globo, que são também as de maior repercussão e alcance, fechando o recorte temporal, da emissora e de horário. Decidimos, então, por ampliar o recorte para as décadas de 2000 a 2024.

Por fim, optamos por utilizar o *Portal Memória Globo* como fonte da coleta, por alguns motivos: 1) O Portal se propõe a ser um arquivo de memória sobre as telenovelas da Globo e apresenta descrição dos personagens das telenovelas dos últimos 18 anos (2000 a 2018) – ou seja, já havia mapa organizado dos dados que nos interessam; 2) Os dados do portal configuram padronização na coleta, uma vez que a coleta manual ou pela memória do pesquisador podem apresentar vieses. Assim, mesmo que o Portal Memória Globo deixe de listar uma ou outra personagem existente em alguma telenovela, a ausência representa um padrão escolhido pela própria emissora, e não falha ou viés do pesquisador. Esse princípio está de acordo com a *regra da homogeneidade* (Bardin, 2016) utilizada na segunda etapa da pesquisa, de análise de conteúdo. 3) Por fim, foi de nosso interesse entender como a Globo elenca as empregadas domésticas em suas telenovelas – tanto do ponto de vista do destaque dado à personagem, quanto dos termos utilizados para sua descrição. Assim, o website do projeto Memória Globo não constitui o *corpus* ou nosso objeto, mas sim o *locus de pesquisa*, por se tratar do *local onde ocorreu a coleta de dados*, para fins de padronização, análise da perspectiva da própria emissora e aproveitamento de uma listagem de dados pré-existente. O mapa com o panorama das novelas deste século proveu recursos para definir o corpus da pesquisa e contar as histórias das empregadas domésticas.

De acordo com Kastrup (2009, p.32), “a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto”. Nesta pesquisa, o caminho traçado na investigação é o **nosso** mapa - não há, portanto, um mapa definitivo. À medida que o estudo avança, as descobertas vão propondo os novos caminhos. Para Deleuze e Guattari (2011, p. 30), o mapa é flexível, é conectável “ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se à montagem de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social”. Partimos do princípio de que o mapeamento como técnica de pesquisa é um processo sistemático pela busca de conhecimento. Em nossa investigação, o mapeamento propõe um olhar, traça um caminho a partir das relações entre as trabalhadoras domésticas, patrões e demais personagens das telenovelas. De acordo com Rosário e Coca (2018, p.34), a cartografia “prima pela construção de um caminho movente que se diferencia de pesquisador para pesquisador e, também, encaminha e torna particular cada abordagem”.

Como método de trabalho, a pesquisa será iniciada com o levantamento de informações por meio da cartografia, assim, no Portal Memória Globo, selecionamos o título de cada telenovela e, na seção destinada a ela, chegamos à aba “personagens”. Desse modo, no percurso, foi possível percorrer 31 telenovelas disponíveis. Durante os primeiros passos

do mapeamento, percebemos que a coluna personagens do site Memória Globo só disponibilizava telenovelas e as informações sobre as trabalhadoras domésticas entre os anos 2000–2018. Essa limitação definiu a extensão de nossa investigação. Nessa fase preliminar da pesquisa, o mapeamento possibilitou identificar e selecionar as telenovelas e as trabalhadoras para nosso estudo, uma vez que “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30). Diante desse vasto rol de trabalhadoras domésticas no universo de telenovelas, analisar todas as trabalhadoras consumiria muito tempo, por este motivo se fez necessário o uso de um método complementar para a seleção de telenovelas que contenham trabalhadoras mais representativas¹ do cenário profissional das empregadas domésticas e do propósito desta pesquisa.

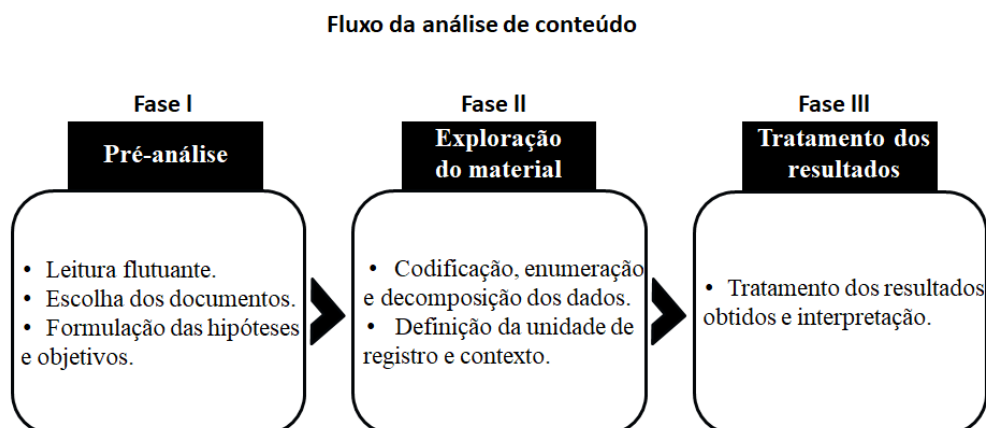
Dada a flexibilidade da cartografia, faremos a combinação desse método com a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). A análise de conteúdo permite ao pesquisador refinar a coleta de dados, realizar análises e reflexões. Para a autora, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 2016, p.48).

Na dimensão da pesquisa, a cartografia irá ajudar acompanhar os processos e traçar um caminho para a realização da investigação. A análise de conteúdo em conjunto com o mapeamento auxiliará a definição de um *corpus* da pesquisa e de diagnóstico das relações entre os padrões e as trabalhadoras domésticas. A análise de conteúdo de Bardin (2016) é organizada em três etapas, conforme a figura abaixo:

¹ O termo "representativa" empregado ao longo desta tese refere-se a uma amostra obtida por meio de uma coleta de dados, formando um subconjunto que representa um conjunto maior. De acordo com Bardin (2016, p.127), “A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo”.

Figura 1 - Fluxo da análise de conteúdo



Fonte: Autor da pesquisa, a partir de proposições de Bardin (2016).

A ilustração acima descreve o fluxo da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Para a autora, pode ser uma análise de significados, “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (Bardin, 2016, p.44). A inferência pode ter como significado uma dedução lógica.

1.1 Detalhamento das etapas do processo de análise de conteúdo

1. Pré – análise:

Essa fase requer a escolha e organização do material que será analisado, formulação das hipóteses, objetivos e definição de indicadores para fundamentar a interpretação final. Para Bardin (2016), os passos não seguem necessariamente uma ordem cronológica. Nesse momento, ocorre a organização do *corpus* da pesquisa. A fase é dividida em quatro etapas:

a) Leitura Flutuante

Nessa etapa do processo, o pesquisador faz os primeiros contatos com os documentos a serem analisados. Em nossa investigação inicial, examinamos os conteúdos previamente selecionados por meio da cartografia, que foram coletados no *Portal Memória Globo*, na coluna ‘personagens’ das telenovelas das 20h e 21h entre os anos 2000 e 2018. Durante essa leitura, podem ocorrer impressões, orientações e até hipóteses para a pesquisa.

b) Escolha dos Documentos

Nessa etapa, ocorre a elaboração do *corpus*. Na presente pesquisa, a seleção do *corpus* deve atender ao objetivo proposto que inicialmente engloba a seleção de telenovelas e empregadas domésticas. Nesses conteúdos, serão observadas as violências que afetam as trabalhadoras. Para Bardin (2016, p. 126) “o corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras”.

Regras para a escolha de documentos:

- *Regra da Exaustividade* - É necessário considerar todos os elementos desse *corpus*, explorar todos os pontos sem deixar de lado nenhuma parte. Em nosso mapeamento inicial, definimos o *corpus* da pesquisa em 31 telenovelas e 81 empregadas domésticas.
- *Regra da representatividade* – As amostras coletadas na seleção das telenovelas e trabalhadoras domésticas deverão representar o universo que está sendo estudado, no caso, a representatividade diz respeito à generalização.
- *Regra da Homogeneidade* – Em nossa pesquisa, os dados coletados obedecerão às mesmas técnicas, requisitos e correspondem ao mesmo tema definido nos objetivos.
- *Regra da Pertinência* – Os documentos (dados) coletados deverão ser adequados como fonte de informação e têm relação com os objetivos da pesquisa.

c) *Formulação da Hipótese e dos Objetivos*

Para Bardin (2016), hipótese é uma afirmação provisória, podendo ser constatada ou refutada após análises. Ao longo da pesquisa serão formuladas algumas hipóteses, ao passo que os objetivos representam a finalidade geral desta pesquisa. Esta pesquisa parte da hipótese de que a forma como as empregadas domésticas são representadas nas telenovelas evidencia o descaso da sociedade brasileira, que, nas tramas das 21h ao longo dos últimos 20 anos, tem demonstrado pouca disposição para uma abordagem crítica.

2. Exploração do material

Os dados brutos coletados serão tratados e transformados em informações significativas, em processo de codificação. A codificação enumera e decompõe os dados, que são transformados sistematicamente em função de regras definidas previamente. A codificação dos dados “é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes ao conteúdo” Bardin (2016, p. 133). Nessa fase, o processo não é conclusivo, a codificação continua na próxima etapa.

3. Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

A interpretação dos resultados corresponde a dar significado aos conteúdos selecionados (Bardin, 2016). Nesta pesquisa, esse processo faz uso de métodos estatísticos, quadros e ilustrações gráficas que condensam as informações relacionadas às trabalhadoras domésticas, e telenovelas. Com base na organização desse conteúdo, é possível propor inferências, realizar análises e interpretações relacionadas aos objetivos, para dar mais rigor à pesquisa. Todas as análises foram realizadas após a codificação dos conteúdos.

A codificação dos conteúdos

A codificação dos conteúdos é organizada por meio de três etapas:

- Recorte: definição das unidades
- Enumeração: definição das regras de contagem
- Classificação e agregação: elaboração de categorias

Unidade de registro e de contexto

- a) Unidade de registro – A unidade de registro responde quais elementos do texto são selecionados, priorizados e analisados. Nesta pesquisa, os temas tratados pelas telenovelas são as unidades de registro, que vão dar os significados para análise. Pode ser um dado relacionado à empregada doméstica ou à telenovela, ou pode ainda ser um tópico relacionado à narrativa da personagem.

- b) Unidade de Contexto – A unidade de contexto define o que é pertinente frente aos objetivos da pesquisa. Ela serve para codificar a unidade de registro, onde a unidade está inserida.

1.2 Plano amostral

Para identificar os elementos com características pertinentes ao universo das trabalhadoras domésticas e consolidar os objetivos desta pesquisa, elaboramos um conjunto de regras para a escolha de telenovelas que abrange 31 produções, exibidas entre 20h e 21h, no período de 2000 a 2018. Um dos critérios utilizados foi selecionar as obras de um autor, para que a análise fosse transversal entre tramas do mesmo estilo. Para atender o recorte proposto, definimos como padrão de escolha as telenovelas do autor que preenchesse três requisitos, a saber:

- possuir maior quantidade de trabalhadoras domésticas no conjunto de sua obra,
- possuir maior variedade de trabalhadoras acima dos 35 anos,
- as telenovelas que contassem com maior número de trabalhadoras negras.

1.3 Fases do plano amostral

Vale destacar que as informações obtidas no universo de interesse servirão de base para as abordagens quantitativas e qualitativas. As fases dos levantamentos serão distribuídas nos capítulos da pesquisa, conforme definições abaixo:

1 - Possuir maior quantidade de trabalhadoras domésticas no conjunto de sua obra. O capítulo 3 identificou e selecionou as empregadas e demais trabalhadoras domésticas nas telenovelas. Nessa fase, foi indicado o autor que possuiu maior quantidade de trabalhadoras domésticas no conjunto de sua obra.

2 - Possuir maior variedade de trabalhadoras acima dos 35 anos. O capítulo 4 quantificou e qualificou a presença das empregadas domésticas agrupadas por faixa etária. Nessa fase, foi indicado o autor com maior quantidade de trabalhadoras acima dos 35 anos.

3 - As telenovelas que contassem com maior número de trabalhadoras negras. No capítulo 5, foi realizado um levantamento da presença de trabalhadoras domésticas nas telenovelas. A seleção pretendeu quantificar as trabalhadoras por denominação racial.

Nessa fase, foi indicado o autor com maior número de trabalhadoras domésticas negras em suas telenovelas.

1.4 Abrangência da pesquisa

Considerando os requisitos acima, a investigação intencionou selecionar telenovelas e identificar as empregadas domésticas mais representativas. Para Bardin (2016), a representatividade faz referência a uma amostra de trabalhadoras que retrata o universo inicial e que pode ser generalizada como o todo. Pretendeu-se examinar uma série mais ampla de circunstâncias da população de trabalhadoras domésticas e também das telenovelas, levando a um entendimento mais aprofundado sobre os temas abordados.

Em nossa pesquisa, consideramos as amostras como unidade de registro. Para Bardin (2016, p.134), a unidade de registro “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado de unidade de base, visando à categorização e à contagem frequencial”. Quanto às rerepresentações das telenovelas, entendemos que elas são relevantes porque resgatam uma grande variedade temática de questões ainda atuais que afetam a sociedade.

A associação dos métodos cartografia e análise de conteúdo promove um processo de observação mais profundo das implicações que compreendem as questões sociais pertencentes à classe das trabalhadoras domésticas brasileiras, fornecendo percepções muito além dos contextos culturais da ficção. Essa abordagem é relevante para o campo de debates.

Nessa trajetória, foram realizadas comparações entre todos os autores e autoras do período.

Ainda na fase de mapeamento, pretendemos investigar quais as características das trabalhadoras domésticas e se elas são relevantes no cenário das telenovelas e fora das telas, em relação às histórias de empregadas domésticas. Era de nosso interesse saber se a presença dessas personagens pode propor críticas sociais e suscitar debates e reflexões acerca de temas como exploração de mão de obra, desigualdades e violências. Partindo das caracterizações dos autores na criação de suas personagens, as empregadas domésticas carregam traços que denotam estereótipos e preconceitos. Nesse contexto, é possível admitir dois significados para essas empregadas: um ligado à ficção que visa preencher o quadro de personagens coadjuvantes e outro que possibilita suscitar críticas sociais e reflexões acerca de preconceitos, violências, assédio moral e/ou sexual.

Deleuze e Guattari (2011, p. 30) pontuam que a cartografia segue conexões e articulações de ideias que produzirão o mapa para o pesquisador, “o mapa está inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”. Desse modo, estabelecidos os caminhos durante o processo de construção do mapa, serão estabelecidas as relações norteadoras para a nossa investigação. Essas conexões são definidas por Deleuze e Guattari (2011) como *rizoma*.

1.5 A lógica do rizoma nas telenovelas

Para entender a metáfora do rizoma, recorreremos às ideias de Deleuze e Guattari (2011), quando emprestam da Botânica o termo rizoma para compor uma perspectiva que traz abordagens que contemplam relações. Nas telenovelas, o rizoma descreve um mapa que entrelaça as conexões que envolvem os núcleos familiares, empregadas domésticas e patrões. Nas narrativas, a lógica dessas tramas é baseada em uma estrutura social, por vezes opressiva, composta de relações assimétricas entre os patrões e as empregadas.

A palavra rizoma faz referência às raízes das plantas, quando elas se espalham e se entrelaçam. Segundo Deleuze e Guattari (2011, p. 22), “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. Os rizomas podem ser entendidos como redes, mapas de conexões ou malhas, mas essa estrutura não segue uma ordem hierárquica.

Na pesquisa cartográfica, a investigação, de acordo com Rosário e Coca (2018, p.36), “se constitui em linhas rizomáticas que vão, conforme o percurso de cada pesquisador, do teórico ao empírico e/ou de volta ao teórico e a outros percursos”. Portanto, nesta pesquisa, a cartografia em conjunto com a análise de conteúdo possibilitou ao pesquisador realizar reflexões fundamentadas na intensidade das múltiplas manifestações de opressão inseridas em naturezas diversas que descrevem a realidade das trabalhadoras domésticas. Barros e Kastrup (2009, p. 56) defendem que “sempre que o cartógrafo entra em campo há processos em curso”. A palavra processo pode ser entendida como um meio de produção de dados, que nesta pesquisa ocorre a partir da coleta e análise de informações.

Desse modo, a primeira parte da pesquisa explorou a listagem de personagens no Portal Memória Globo entre a telenovela *Terra Nostra* (Benedito Ruy Barbosa), exibida pela primeira vez entre os anos 1999 e 2000, até a telenovela *Segundo Sol* (João Emanuel Carneiro), exibida pela primeira vez no ano de 2018. Inicialmente, a seleção possuiu caráter preliminar, em triagem que quantificou 31 telenovelas. Nesse mapeamento, foram

catalogadas todas as trabalhadoras listadas nas colunas personagens de cada telenovela do Portal Memória Globo. Vale ressaltar, mais uma vez, que o portal constitui o *locus de pesquisa*, ou seja, local de coleta de dados, e não o corpus de pesquisa propriamente.

Este processo teve o objetivo de produzir informações relacionadas às trabalhadoras domésticas e às telenovelas. A coleta de dados foi realizada uma a uma, sem uso de *softwares* de auxílio à pesquisa. A seleção de dados objetivou identificar elementos que colaborassem para a definição do corpus desta pesquisa. Dessa forma, os dados produzidos e agrupados serviram de ponto de partida para compor a nossa pré-análise.

Os registros tabulados agrupam o título da telenovela, o ano da primeira exibição, os nomes das trabalhadoras e as atividades profissionais desenvolvidas. De acordo com Rosário e Coca (2018, p.35), “o olhar cartográfico, por ser voltado para as multiplicidades e as diferenças, pode ser eficaz para pensar alguns objetos de investigação na comunicação a partir de determinadas epistemologias”. Inicialmente, a coleta de dados no Portal Memória Globo explorou sistematicamente as abas ‘personagens das telenovelas’. O levantamento ocorreu entre os dias 10 de maio de 2023 e 19 de agosto de 2024.

Sabemos que o exercício profissional de atividades domésticas também é realizado por homens; porém, nesse caso, estão em minoria. Há mordomos presentes em algumas telenovelas; esse profissional possui enquadramento como trabalhador doméstico ao prestar serviço nas residências por mais de dois dias por semana, conforme dispõe o Art. 1º da LC 150/2015. Com afazeres bem distintos de uma empregada doméstica, o mordomo atua como gestor da equipe de funcionários masculinos: jardineiro, motorista e manutenção.

Nesta pesquisa, tomamos como base o levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos² (DIEESE) do ano de 2022 que defende que a atividade doméstica é majoritariamente exercida por mulheres. O estudo indica que, nessa ocupação, 91,4% da força de trabalho é exercida por mulheres. Por esta razão, nossa pesquisa focou as trabalhadoras, as quais são a maioria nesse universo profissional.

1.6 A combinação das abordagens quantitativa e qualitativa

Esta pesquisa se baseia em análise majoritariamente quantitativa, com inserção de observações de cunho qualitativo em momentos eventuais dos cinco primeiros capítulos e um capítulo final com perspectiva qualitativa. Para Bardin (2016, p.144), “a abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem”. A

² Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html> Acesso: 20/08/2024

análise quantitativa foi aplicada no segundo capítulo, com o panorama das empregadas domésticas e dados estatísticos constantes de portais do governo. Ainda, os capítulos 3, 4 e 5 aplicam observação quantitativa na análise de dados levantados.

O capítulo 6 apresenta uma análise empírica, com abordagem qualitativa, e pretende colaborar com a interpretação de dados não numéricos, como as cenas das telenovelas e falas das personagens que remetem à violência, preconceitos e estereótipos contra as trabalhadoras domésticas. Para Bardin (2016, p.146), “a análise qualitativa é o fato de a inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.)”. Para a autora, essa abordagem não rejeita a quantificação dos dados. Assim, o último capítulo traz uma análise transversal e com categorização dos tipos de violências enfrentadas pelas personagens, sob a ótica interseccional.

1.7 A escolha das telenovelas das 20h e 21h

Nesta pesquisa, a escolha das telenovelas das 20h e 21h se justifica pelo caráter mais realista quando comparado com as telenovelas das 18h ou 19h. As antes chamadas “novelas das oito”, ao longo dos anos foram avançando na faixa horária e hoje são apelidadas de ‘novelas das nove’, sendo os produtos que ainda mantêm o posto de maior audiência da televisão brasileira (Lopes; Greco, 2018). Na faixa de horário escolhida, a telenovela atua com temas mais “fortes”. Para Balogh (2002, p.164), a telenovela das oito é “a mais comprometida com a nossa realidade”, as tramas exibidas nesse horário alcançam grande repercussão junto ao telespectador. Para Lopes (2009, p.24), telenovelas realistas são “críticas da realidade social e política do país”. É sabido que a telenovela é um dos principais produtos da televisão, faz parte do gosto do brasileiro e promove impactos importantes na cultura nacional.

Nas palavras de Lopes (2003, p.17), “a telenovela no Brasil conquistou reconhecimento público como produto artístico e cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e a identidade do país”. Com função pedagógica, da mesma maneira que a telenovela ganhou visibilidade, ela evidenciou o caráter que predomina na vida pública e privada, ao expor essa dicotomia nas abordagens de temas da sociedade. Para ela, como recurso comunicativo, a telenovela é “componente de políticas de comunicação/cultura que perseguem o desenvolvimento da cidadania e dos direitos humanos na sociedade” (Lopes, 2009, p.32). Entre as possíveis definições, podemos usar a fala da autora para definir a telenovela como espaço de diálogos e reflexões sobre questões sociais,

lugar que evidencia o abismo entre as classes sociais, quando confronta miséria e riqueza. Balogh (2002) faz um contraponto, ao colocar a televisão como fonte de entretenimento e defender que o telespectador pode ter o senso crítico adormecido.

Para Motter (2003), o entendimento da telenovela como entretenimento pode significar descompromisso, restauração do desgaste ocasionado pelos desafios diários. A telenovela estabelece uma relação com o cotidiano e ajuda a aliviar as perturbações que constituem a vida do telespectador. Por outro lado, a autora defende a ficção como agente transformador, trazendo à consciência a realidade do cotidiano.

A ficção não traz problemas, antes coloca cada telespectador diante de seres familiares vivendo conflitos, buscando soluções, reconciliando-se, mostrando um modo de ver e reagir diante das possibilidades de escolha de respostas às questões que a cada passo propõe a complexidade do mundo no interagir social. (MOTTER, 2003, p.31)

Como colocado pelas autoras supracitadas, a telenovela é abrangente, pois ao mesmo tempo que instrui, ela também distrai. Logo, a percepção entre a realidade e ficção, entre a crítica e o entretenimento dependerá das intenções do autor e da análise do telespectador.

Veremos na imagem à frente as telenovelas do mapeamento.

Figura 2 - Telenovelas do mapeamento



Fonte: elaborado pelo autor, com imagens de Memória Globo, GShow e Globoplay

1.9 O Portal Memória Globo como local de pesquisa

Nosso *locus* de pesquisa foi o Portal da Globo que se propõe a ser arquivo sobre suas telenovelas. Criado em 1999, o site advém de projeto que “resgata, preserva e compartilha a história do Grupo Globo e de seus profissionais”. (Memoria Globo, 2025). Não só nas

questões nostálgicas proporcionadas, o portal é uma base relevante para a pesquisa acadêmica, pois possibilita ao pesquisador acesso a conteúdo histórico da emissora.

No portal, o acesso é fácil e gratuito, basta digitar Memória Globo no navegador de internet que o usuário logo será direcionado para diversos *links* que o conectam a esse portal, tendo também como opção o www.memoriaglobo.com. No *site*, há inúmeras informações, curiosidades, coberturas e bastidores. O menu principal apresenta ao internauta as colunas de entretenimento, esportes, perfis, produtos digitais, erros, acusações falsas contra a emissora, princípios editoriais e equipe.

Além dessas funcionalidades, o ambiente integra outros produtos do grupo Globo, como G1, GE, *GShow*, e *Globoplay*. Na coluna entretenimento/novela, o *site* é intuitivo, há uma lista de telenovelas de “A” até “Z”, os visitantes podem pesquisar as páginas que apresentam trama principal, tramas paralelas, personagens, curiosidades, bastidores, trilha sonora e ficha técnica. O Portal Memória Globo traz uma galeria de vídeos onde compartilha trechos das telenovelas, permitindo interação com as redes sociais.

A escolha do Portal Memória Globo se justifica pelo conteúdo histórico da emissora oferecido gratuitamente e sua acessibilidade às buscas de conteúdo. Apesar de estarem sob domínio e organização da emissora comercial, essas possibilidades fazem do Portal um importante canal de informações para a primeira etapa de nossa pesquisa.

A coluna ‘personagens’, com listagem de personagens de cada telenovela, permite ao pesquisador o acesso à lista com seus respectivos nomes e papéis desempenhados nas tramas. No portal, essa coluna segue a mesma lógica da telenovela em que se percebe uma hierarquia. O destaque está nas personagens principais, em que, em sua maioria, as informações são mais aprofundadas, possuindo nome e sobrenome, havendo detalhamentos das tramas e imagens. A lista contempla patroas, patrões, empresários, *socialites* e pessoas da alta sociedade.

Para os papéis de menor destaque, a exemplo das trabalhadoras domésticas, com exceção daqueles interpretados por atrizes mais renomadas, a relação de personagens não oferece maiores detalhes, quase não se veem fotos, em geral, elas ocupam o final da lista. Nessa estrutura, as características do *site* seguem o mesmo fundamento da telenovela que prioriza as personagens principais. E, em última instância, seguem também a hierarquia social, com patrões em destaque e funcionários em situação de quase invisibilidade.

Observar e refletir sobre a organização das informações pela Globo tornou-se, portanto, também relevante para a pesquisa.

Figura 3 - Print da tela do site Memória Globo/personagens



Fonte: Memória Globo. Acesso: 19/08/2024³.

Na listagem de personagens, não há categorização profissional padronizada nas atividades domésticas - ora a trabalhadora é empregada, ora é identificada como uma babá ou copeira, entre outras atividades. Quanto às trabalhadoras, as informações do Portal Memória Globo/personagens são limitadas ao nome e à atividade profissional. Em nossa pesquisa, foi necessário recorrer a outros portais para obter distintas características das trabalhadoras domésticas, como fatores idade e cor da pele, elementos relevantes para o nosso estudo. O Portal Memória Globo não fornece dados além daqueles abertos aos internautas. Para informações complementares, o pesquisador deve recorrer aos portais *GShow*, *Globoplay*, Canal Viva para os assinantes.

Um ponto importante a ser considerado na pesquisa é ressaltado por D'Andréa (2020, p.53), que chama a atenção para as mudanças: “Não é raro um *site* se modificar significativamente ao longo de uma pesquisa, deixando a sensação – injusta, mas compreensível – de que a análise está desatualizada antes mesmo de ser finalizada”. O Portal Memória Globo está em constante transformação, mesmo tratando de conteúdos históricos da TV, ele também é submetido a atualizações constantes e mudanças de *layout*. O objetivo principal da Memória Globo é apresentar o conteúdo da emissora, mas também ser uma porta de entrada para

³ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/lacos-de-familia/noticia/personagens.ghtml>
Acesso 19/08/2024

os outros produtos do grupo. D'Andréa (2020) ressalta a dificuldade de se conhecer como funcionam tais 'artefatos tecnológicos'. Ele usa a metáfora da "caixa preta" que simboliza um local onde as informações não estão acessíveis e as lógicas de processamento, as informações coletadas e o tratamento de dados são abertos somente aos proprietários do Portal.

Nesse sentido, nosso *locus* de pesquisa, por ser comercial e digital, restringe os dados disponíveis ao acervo existente no instante da coleta. Assim, a coluna personagens no Portal Memória Globo pode não exibir todas as trabalhadoras domésticas representadas no período da pesquisa, fazendo com que, ao longo da nossa investigação, algumas trabalhadoras possam não ser catalogadas. Assim, as personagens listadas no Portal Memória Globo constituem os dados que vieram a formar nosso *corpus de análise*. As domésticas ausentes no *corpus* inicial poderão ser identificadas pontualmente e incorporadas à população de trabalhadoras no conjunto de telenovelas selecionadas e analisadas. No entanto, essas menções se darão de maneira aleatória, constituindo *corpus de referência*. Dessa forma, essa limitação não compromete a validade da pesquisa.

1.11 Processo de coleta de informações e tabulação de dados da pesquisa

Para a tabulação dos dados referentes às telenovelas e às trabalhadoras domésticas que inicialmente compõem o *corpus* desta pesquisa, desenvolvemos tabelas que geraram indicadores de análise. A técnica facilita a contagem de frequências, identificação de componentes inter-relacionados, definição de categorias e posterior produção de informações.

A representação das trabalhadoras domésticas na lógica de agrupamento e quantificação de dados (características) representa um dos possíveis modos de ver e entender as circunstâncias em que estão inseridas as trabalhadoras apresentadas nesta pesquisa.

Durante as análises, coletamos e registramos os dados, primeiramente, quantitativamente. Para Bardin (2016, p.144), "a abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem". Esses elementos serão transformados em estatísticas acerca de uma população, em procedimento que permite ao pesquisador interpretar significados e observar contextos do ambiente.

No próximo capítulo, faremos um estudo sobre o panorama do trabalho doméstico no Brasil, no qual apresentamos o contexto e as tendências da realidade social e econômica das

trabalhadoras. Apesar da importância, o emprego doméstico é pouco valorizado, marcado por rotinas exaustivas de trabalho e informalidade.

CAPÍTULO 2: O PANORAMA DO TRABALHO DOMÉSTICO DO BRASIL

Este capítulo tem o intuito de compreender de maneira mais abrangente o contexto e as tendências da realidade social e econômica em que se encontram as empregadas domésticas. Para alcançar os objetivos, construímos alguns indicadores, utilizando dados disponibilizados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

Ressaltamos que os levantamentos estatísticos desses departamentos são passíveis de erros amostrais⁴ em função do método de coleta de dados, mas esses procedimentos não invalidam a pesquisa. A realidade das empregadas domésticas é marcada pelos baixos salários, informalidade e rotinas exaustivas de trabalho. O serviço remunerado movimenta a economia e envolve tarefas essenciais para as famílias. Apesar de sua importância, o emprego doméstico é ainda pouco valorizado. Profissionalmente, as trabalhadoras domésticas desenvolvem atividades remuneradas nas residências de seus patrões, trabalho também chamado de emprego ou serviço doméstico. A profissão detém uma legislação trabalhista própria, na qual os empregadores (patrões), em geral, são pessoas físicas.

A profissão de empregada é uma das categorias que mais emprega mulheres no país, conforme a pesquisa⁵ do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), as tarefas são majoritariamente ocupadas por mulheres. Esse emprego é muito importante para a inclusão no mercado de trabalho, principalmente para as mulheres com baixa escolaridade. Dessa força de trabalho, 38,2% não completaram o ensino fundamental e 3,3% não têm instrução. Como forma de inserção, as trabalhadoras estão categorizadas em diaristas ou mensalistas, sendo que, na maioria das vezes, o trabalho doméstico ocorre no lar. Como “ganha-pão”, o serviço doméstico remunerado custeia o orçamento familiar. O levantamento realizado na pesquisa acima mencionada indica que 52,9% das empregadas são responsáveis pelo abastecimento da casa.

⁴ O erro amostral pode estar inserido no processo quando a amostra coletada é limitada a uma parcela da população, não ao todo, logo, algumas análises e ilustrações desta investigação podem apresentar pequenas incertezas tidas como irrelevantes para o nosso estudo, o que, portanto, não compromete a qualidade da pesquisa.

⁵ Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html> Acesso: 01/10/2024

2.1 A realidade do trabalho doméstico: desigualdades regionais, baixos salários, informalidade e exaustão

Estudo do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome⁶ aponta que, no Brasil, aproximadamente 6 milhões de trabalhadoras domésticas remuneradas (TDR) são originárias de famílias de baixa renda. Outro dado importante diz respeito à raça, 66% são mulheres negras. A pesquisa informa, ainda, que apenas 25% da categoria possui registro em carteira e apenas 36% delas contribuem para a assistência social. O levantamento revela que a desigualdade regional no norte e nordeste é grave, apenas 15% das trabalhadoras negras têm registro em carteira de trabalho. Mesmo sendo uma das principais categorias de trabalho remunerado no Brasil, 64,5% das empregadas domésticas têm renda abaixo de um salário-mínimo, muitas atuam em jornadas exaustivas.

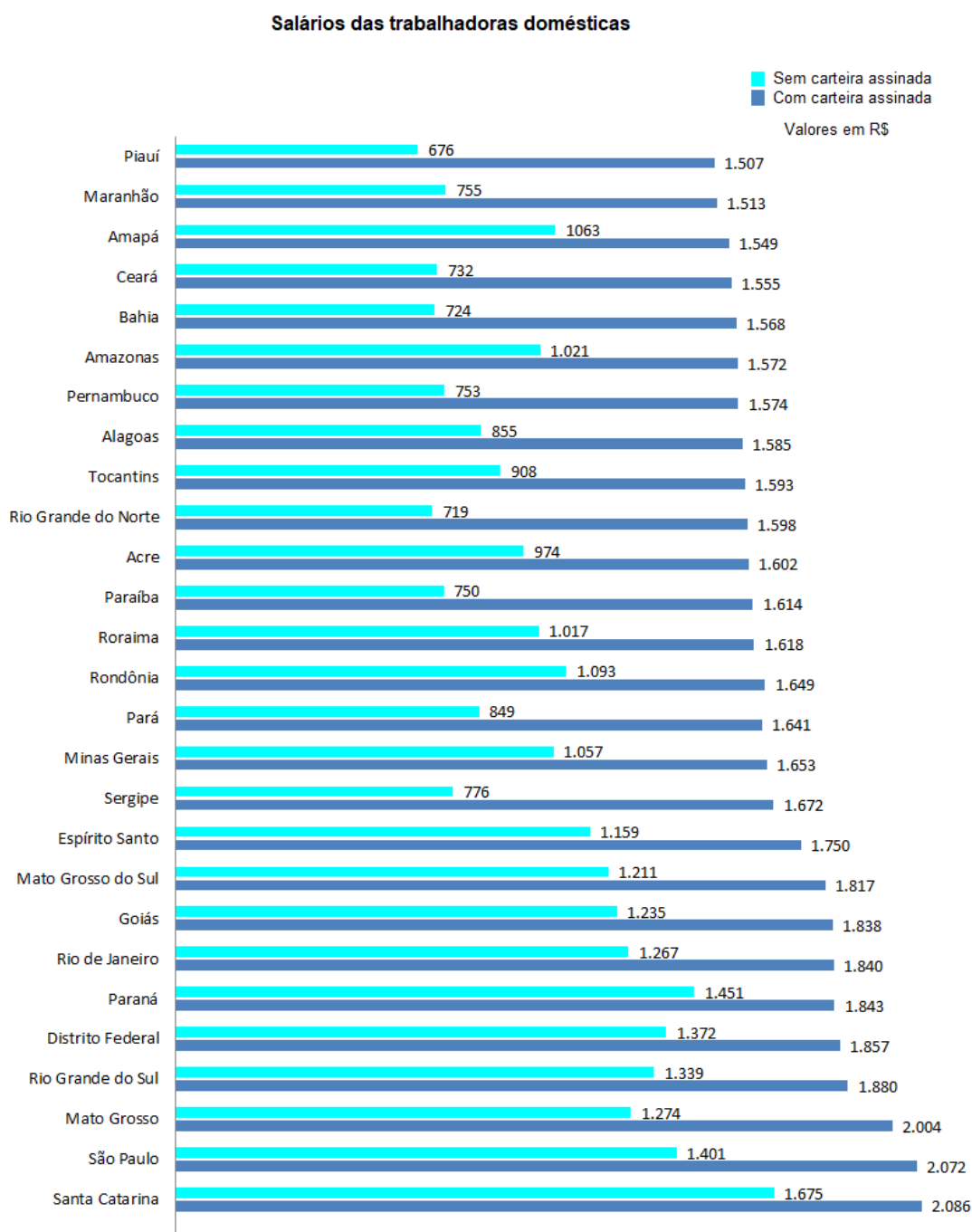
Na faixa de salário ainda persiste a desigualdade no mercado de trabalho; conforme a pesquisa, as trabalhadoras domésticas negras recebem menos do que as trabalhadoras não negras.

O indicador abaixo apresenta um agrupamento de dados⁷ com a média salarial das empregadas domésticas praticadas nas regiões metropolitanas. O levantamento evidencia a conjuntura econômica e social e compara as trabalhadoras com carteira assinada com as que atuam na informalidade.

⁶ Fonte: <https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/estudo-revela-desigualdades-regionais-e-exaustao-cronica-entre-trabalhadoras-domesticas-no-brasil>
Acesso: 07/07/2025

⁷ Fonte: <https://extra.globo.com/economia/noticia/2025/06/baixos-salarios-informalidade-e-exaustao-saiba-como-e-a-realidade-das-trabalhadoras-domesticas-no-brasil.ghtml> Acesso: 04/07/2025

Gráfico 1 - Média salarial da trabalhadora no primeiro trimestre de 2025



Fonte: Portal Extra.Globo.com. Elaboração do autor.

O gráfico acima compara a renda média bruta das trabalhadoras domésticas com registro em carteira com a renda das trabalhadoras que atuam na informalidade.

A baixa renda⁸ caracterizada no indicador acima, com concentração maior nas regiões norte e nordeste, colocam a empregada doméstica e sua família em situação de vulnerabilidade e diversos fatores e desafios que reforçam o ciclo de pobreza como a alimentação precária, falta de acesso à educação, limitação a ascensão social, discriminação e diversos fatores como a exposição a ambientes violentos, problemas de moradia, saneamento básico inexistente, transporte público precário, serviço de saúde deficiente.

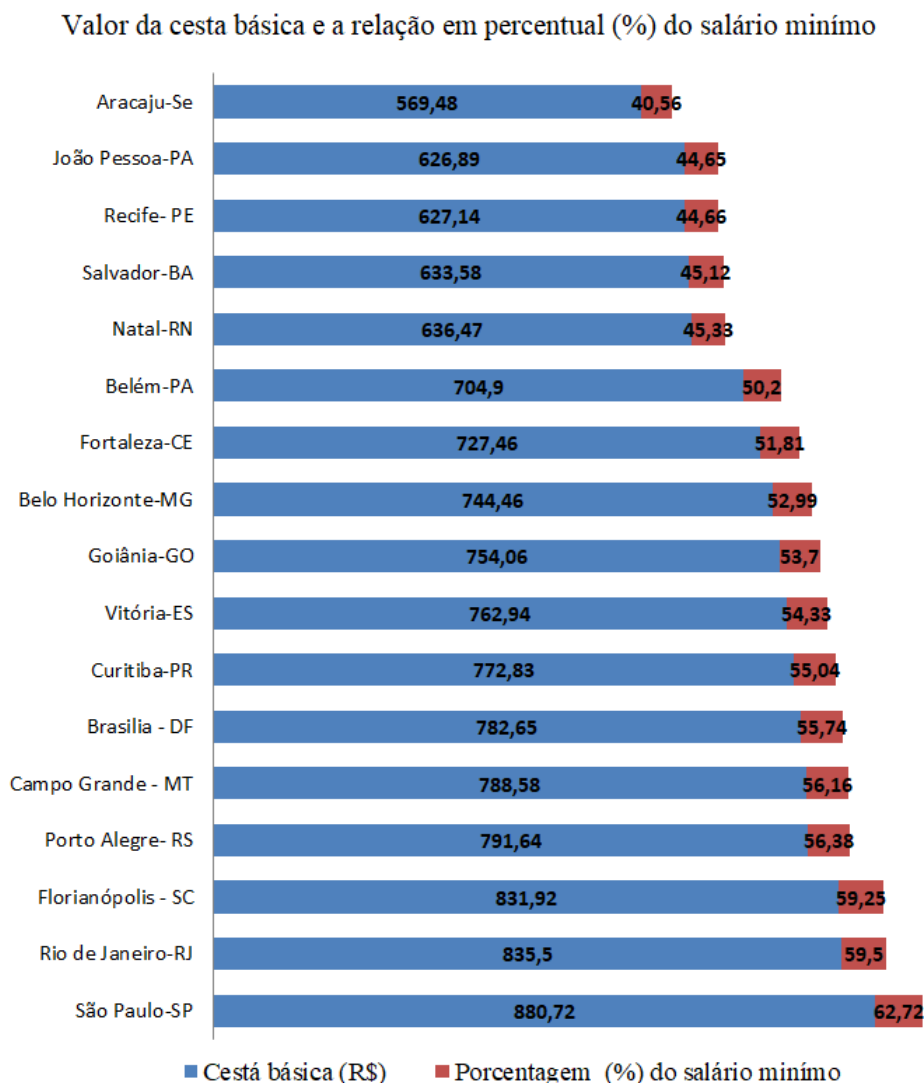
Podemos notar no indicador acima que os maiores salários estão concentrados na região sudeste e sul, sendo talvez essa uma possível explicação para a origem da migração das trabalhadoras, tanto as empregadas domésticas com registro em carteira quanto as que atuam na informalidade. Essas trabalhadoras, em busca de melhores oportunidades, seguem para os locais que lhes oferecem maiores remunerações, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro. O mesmo ocorre nas telenovelas, muitas personagens domésticas são oriundas do Nordeste e trabalham em casas da elite residente na região Sudeste, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo.

2.2 O poder de compra da trabalhadora doméstica (base na cesta básica)

Como parâmetro de análise, optamos por utilizar a comparação do valor do salário-mínimo com o valor da cesta básica de alimentos. Foram utilizados os dados do levantamento realizado pelo DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) em 17 capitais que compõem a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos⁹, realizada em março de 2025.

⁸ Fonte: Conforme a SERASA, para saber quem se enquadra no critério de baixa renda, é só dividir a renda da família pelo número de pessoas. Se o resultado for igual ou menor a meio salário mínimo, a família pode ser considerada de baixa renda.

⁹ Fonte: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/2025/202503cestabasica.pdf> Acesso: 06/07/2025

Gráfico 2 - Cesta básica e a correspondência em percentual do salário mínimo

Fonte: PNAD/DIEESE . Elaboração do autor

O gráfico acima compara o valor da cesta básica com a referência em percentual do salário-mínimo. Na ilustração, o preço da cesta tem variação entre 40% a 60% do salário-mínimo, conforme a cidade. Essa quantia, em percentual, corresponde à quase metade da renda bruta da empregada que trabalha com carteira assinada. Para a trabalhadora que atua na informalidade, o poder de compra é basicamente limitado à alimentação. Verifica-se também que os menores valores da cesta básica foram registrados nas capitais do Nordeste.

Observamos no indicador que o custo de vida é maior nas cidades do Sul e Sudeste quando comparado às outras regiões. Proporcionalmente, os locais onde a renda da trabalhadora doméstica é maior estão concentrados nas regiões onde o salário mínimo tem

menor poder de compra. A exemplo de São Paulo, o custo da cesta básica é o mais alto da nação, correspondendo a 62,72% do salário-mínimo.

A natureza informal do trabalho doméstico favorece os empregadores, que encontram um ambiente propício para diversos tipos de abusos contra as trabalhadoras desprotegidas. A exploração da mão de obra é um fato comum nas telenovelas e fora das telas. Nesta pesquisa, são discutidas questões de interesse social. Estudar as empregadas das telenovelas é também verificar os estereótipos e preconceitos que afetam a categoria, expor essa face para a sociedade, objetivando fazer uma ponte entre o conhecimento acadêmico e a esfera pública, e, quem sabe, promover a “valorização” da atividade doméstica. Fora das telas, a narrativa das domésticas é a porta de entrada para o tema conduzido pelo caminho daquelas inúmeras trabalhadoras que em unidade se identificam nas aflições e desigualdades que ocorrem muitas vezes nas tramas secundárias das telenovelas. As violências que afligem as empregadas são tematizadas em relatos que revelam a discriminação das classes superiores.

Dentro e fora da ficção, as desigualdades de classe e raça são as marcas da precariedade característica dessa categoria profissional, tornando a atividade da empregada doméstica “uma das ocupações mais vulneráveis à disposição de trabalhadoras que são, em geral, mulheres, negras, com pouca escolaridade e oriundas das camadas de mais baixa renda” (Pinheiro; Posthuma; Tokarski, 2021, p.8).

2.3 As atividades não declaradas do trabalho doméstico

O trabalho doméstico assume um “caráter” de serviços gerais, com a trabalhadora sendo tratada como “pau para toda obra” e recebendo atribuições que podem compreender multitarefas e desvio de função. Ao analisar as condições de trabalho e o perfil das empregadas, percebemos que esse grupo de trabalhadoras, no desenvolvimento de suas responsabilidades, não segue um padrão definido. No mercado de trabalho ficcional e também fora das telas, as atribuições da profissão não são bem delimitadas. O segmento profissional abrange serviços gerais como forma não declarada da ocupação do trabalho doméstico.

No contexto social brasileiro, as instabilidades econômicas somam-se às crises no setor público e impactam diretamente a atividade doméstica, sobrecarregando a trabalhadora. Por exemplo, à medida que a população envelhece, aumenta a demanda por cuidadoras de idosos. Também a falta de creches ocasiona a necessidade de contratação de

babás. Essa carência de pessoas qualificadas nem sempre reflete em empregabilidade para as profissionais em questão. Aos idosos e crianças, os direitos de cidadania são responsabilidades da família, sociedade e Estado, este último pouco assume seu papel. Um estudo¹⁰ do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) explica parte das mudanças na estrutura ocupacional das trabalhadoras domésticas.

As razões dessa mudança são associadas a fatores como envelhecimento populacional, aumento da longevidade, crescente participação feminina no mercado de trabalho, escassez de serviços públicos de cuidados, preços inacessíveis à maior parte das famílias dos serviços privados, incluindo creches e escolas, entre outros. (DIEESE, 2023, p.18)

A instabilidade nas finanças é uma questão que não se resolve no lar, as famílias e a sociedade em crise econômica não conseguem pagar pelos serviços adicionais. Nesse cenário, algumas famílias terceirizam as tarefas de cuidadora de idosos e babá para a trabalhadora doméstica, que assume mais essas demandas. Assim, cria-se a empregada “faz-tudo” na casa da patroa, com uma lista longa de afazeres, nem sempre relacionados com a atividade principal de empregada doméstica. São inúmeras as formas de trabalho, as atividades “extras” transferidas para a trabalhadora ao longo da jornada de trabalho e que se acumulam com o tempo. No lar, a doméstica faz limpeza, cozinha, serve, costura, atende telefone, faz a feira, lava e passa, faz reparo em roupas, cuida de criança, idosos, cuida de doentes, passeia com animais, entre outras atividades. Nesse cenário, o trabalho doméstico se distingue de outras ocupações profissionais assalariadas por essas circunstâncias.

Do ponto de vista de exploração profissional, o exercício de multitarefas é de conhecimento da sociedade e autoridades do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). As políticas voltadas para o bem-estar das empregadas domésticas são ações tímidas. Há um descompasso entre os levantamentos do governo e as práticas necessárias para coibir a exploração da mão de obra. As pesquisas identificam os abusos, mas acabam por servir apenas para gerar dados estatísticos limitados à atualização dos anuários utilizados neste capítulo.

Em muitos casos, a empregada não percebe o abuso e segue sua vida profissional. Para a trabalhadora, nem sempre ciente de seus direitos, as alternativas não são favoráveis, cabendo a ela aceitar a condição de trabalho, reportar às autoridades e/ou buscar um novo

¹⁰ Fonte: <https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.pdf>
Acesso: 21/03/2025

trabalho. A escolha não é simples, pois a ocupação é crucial para o sustento da família da empregada, portanto, a mudança de emprego pode ser uma decisão complexa.

A Pesquisa de Emprego e Desemprego ¹¹ (PED) do DIEESE reitera: “acrescente-se que este é um emprego de baixa sindicalização, de acesso limitado aos direitos trabalhistas plenos, mesmo quando com carteira de trabalho assinada, e uma ocupação de baixos rendimentos e de longas jornadas”. (DIEESE, p.1, 2010)

2.4 A Relação precarizada patroa-empregada

Além da desvalorização da atividade profissional ocasionada pelas diferentes ocupações impostas pelo empregador como a questão de a empregada executar múltiplas tarefas, o emprego doméstico tem outras complicações, como a relação da trabalhadora com a patroa. O Sistema de Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)¹², apresenta uma análise das questões da relação da trabalhadora doméstica com o empregador:

Além disso, a relação com o empregador é fortemente marcada por relações interpessoais e familiares, o que descaracteriza o caráter profissional da ocupação. Acrescente-se que este é um emprego de baixa sindicalização, de acesso limitado aos direitos trabalhistas plenos, mesmo quando com carteira de trabalho assinada, e uma ocupação de baixos rendimentos e de longas jornadas. Todos esses elementos contribuem para a desvalorização da atividade. (DIEESE, p.1, 2010)

Esse tema é recorrente dentro e fora das telas, as relações pessoais entre os patrões e as trabalhadoras domésticas se sobrepõem às relações profissionais. Randall (2018, p. 302) considera que “os laços emocionais entre empregadores e empregadas domésticas, e as práticas exploradoras que essas relações simultaneamente facilitam, constituem uma espécie de paradoxo afetivo”.

Na casa da patroa, como local de disputas, mesmo que haja cumplicidade, há uma dinâmica entre a titular e a rival, uma “mulher trabalhando para e por outra mulher, em um ambiente desprovido de fronteiras profissionais onde a patroa e a empregada são simultaneamente enredadas no jogo de conflitos de gênero e classe” (PREUSS, 1997, p.54).

A autora defende que na relação patroa-empregada, há uma conexão ambivalente, mesmo que a patroa precise da empregada, não quer ser substituída; deseja apenas a

¹¹ Fonte: <https://www.dieese.org.br/estudosetorial/2010/2010pedsetoriaistrabalhodomestico.pdf>
Acesso: 02/04/2025

¹² Fonte: <https://www.dieese.org.br/estudosetorial/2010/2010pedsetoriaistrabalhodomestico.html>
Acesso: 01/10/2024

submissão. Na telenovela, muitas vezes as empregadas atuam como apoio à personagem das patroas, tensionando a relação hierarquizada entre mulheres.

No espaço de conflitos, a igualdade não é uma possibilidade, logo, a elite recorre a estratégias simbólicas para assegurar o domínio. Há ações que enfraquecem ou anulam o caráter profissional da relação patroa-empregada, ocorrência preponderante na ficção e na realidade. Essas atitudes são reforçadas pelos patrões, que repetidas vezes pronunciam o bordão “é como se fosse da família”. No caso, a imposição do estereótipo direcionado à trabalhadora pode ter um propósito. Lippmann (2008) observa que na relação empregador-empregado, mesmo que não haja muita intimidade, verificam-se os traços mais marcantes e conhecidos, e o resto da imagem é preenchido com estereótipos. Para o autor, “as mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório do estereótipo” (p.91).

Esse pensamento possui amplo significado, o uso do bordão acima pode propor um “falso” pertencimento típico de uma relação desigual, onde a categoria patronal sempre define as “regras”. Entretanto, essa lógica oprime o poder de barganha da trabalhadora. Faz-se necessário problematizar essa ação, pois ela minimiza os problemas das trabalhadoras, afeta e descaracteriza o vínculo profissional, precariza as questões definidas na legislação trabalhista que deveriam proteger as empregadas. Essa relação “confusa” prejudica a vida profissional das trabalhadoras domésticas e continua atual. Por ser uma atividade exercida exclusivamente no lar dos patrões, favorece a ilegalidade, sendo difícil ser fiscalizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Vimos no gráfico 1 a discrepância salarial da renda entre as trabalhadoras com registro em carteira e as trabalhadoras que atuam na informalidade. A análise¹³ do panorama do trabalho doméstico no Brasil, a partir de levantamento realizado em 2022 pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) observa o cenário do emprego doméstico e revela a complexidade da situação das empregadas. A pesquisa revelou um número aproximado de 6 milhões de trabalhadoras, das quais uma em cada quatro possui carteira assinada.

Observamos também que esse panorama não se confirma nas regiões Norte e Nordeste, sendo a proporção de trabalhadoras com carteira assinada bem menor. A outra parcela é composta por mais de 4 milhões de domésticas sem registro profissional, atuando em condições ilegais de trabalho e na informalidade. O diagnóstico não é dos melhores

¹³ Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>
Acesso: 11/10/2024

nesse contexto, pois a ausência de vínculo empregatício “anula” todos os direitos das trabalhadoras.

Nessas circunstâncias, muitas trabalhadoras não possuem conhecimento nem autonomia para exigir a regularização da situação trabalhista, portanto, a conscientização colaboraria para a consolidação dos direitos. Logo, faz-se necessário desenvolver mecanismos mais eficientes que identifiquem esse quadro de vulnerabilidades e defendam as trabalhadoras, assegurando um vínculo profissional justo com seus patrões.

Conseqüentemente, é imprescindível a fiscalização dessa relação profissional por meio de políticas públicas de proteção aos direitos trabalhistas das empregadas domésticas.

2.5 Direitos das trabalhadoras domésticas: entre a teoria e a prática

Não é nosso objetivo explicar as leis e suas disposições legais, mas traçar um breve panorama histórico em relação ao emprego doméstico. A luta pela isonomia de direitos das empregadas domésticas já vem de uma longa caminhada. No passado, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT),¹⁴ aprovada no ano de 1943, deixou uma série de lacunas que afetaram diretamente as trabalhadoras e os trabalhadores domésticos. Por uma série de razões, esse conjunto de leis não estabelecia coberturas trabalhistas para essa categoria profissional. Considerando o contexto da profissão, as trabalhadoras domésticas “desfrutaram” a primeira lei de amparo de sua atividade profissional em 1972.

Posteriormente, na Constituição de 1988¹⁵, houve uma ampliação desses direitos.

Após as mudanças iniciais, ainda assim as coberturas não se igualavam a outras atividades profissionais. Muitas dessas trabalhadoras continuavam às margens das proteções, atuando na informalidade. A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) n° 66/2012, conhecida como PEC das domésticas¹⁶, aprovada no Congresso Nacional no ano de 2013, trouxe uma série de mudanças de médio e longo prazo e propôs um nível maior de proteção para as trabalhadoras. As empregadas domésticas passaram a ter novos direitos, entre eles férias, 13° salário, hora extra, recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), carteira assinada, tendo esses direitos igualados a outros profissionais vinculados à

¹⁴ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm Acesso: 17/04/2025

¹⁵ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Acesso: 17/04/2025

¹⁶ Fonte: <https://legis.senado.leg.br/norma/540675> Acesso: 17/04/2025

CLT. A partir do ano de 2015, ocorreu a lei complementar 150/2015¹⁷, que em resumo limitou a jornada semanal da empregada a 44 horas.

Na ocasião, as novas regras deveriam afetar diretamente todos os trabalhadores e trabalhadoras que exerciam atividades profissionais nas residências dos patrões.

Inicialmente, a expectativa era de que a PEC das domésticas daria segurança para o lado mais fraco da relação entre empregados e patrões no ambiente doméstico e quebraria o elo da cultura escravagista no emprego, caracterizado pelo trabalho sem jornada definida, por exemplo. A lei definiu parâmetros, abordando a questão da jornada de trabalho, que antes não havia limites. Por norma, a PEC das domésticas trouxe mudança de mentalidade e conscientização às trabalhadoras que, a partir dessa lei, teriam seus direitos garantidos.

Com base nesses princípios, o empregador deveria compartilhar dessa consciência e assegurar os direitos da trabalhadora doméstica. No ambiente onde há conflitos de classes, subsiste o descaso e a indiferença por parte dos patrões, e o cenário atual não é otimista.

Mais de uma década após a promulgação da PEC, as empregadas ainda reclamam seus direitos na justiça do trabalho, requerendo o vínculo trabalhista. Isso mostra que as mudanças caminham lentamente. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)¹⁸ não consegue fiscalizar o cumprimento das normas trabalhistas nos lares, local onde há relações de abuso que incluem maus tratos, violências, exploração de mão de obra, acúmulo de funções e o trabalho informal. Em resposta a essas violências, no sentido de orientar as trabalhadoras e os empregadores, o governo editou uma cartilha de direitos, deveres e obrigações. O manual é voltado para as empregadas domésticas, o objetivo da cartilha é de proteger as trabalhadoras. O documento foi lançado em 2004 e está atualizado até o ano de 2015.

¹⁷ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp150.htm Acesso: 17/04/2025

¹⁸ Fonte: https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/fiscalizacao_trabalho_domestico Acesso: 17/04/2025

Figura 4 - Cartilha Trabalhadores Domésticos Direitos e Deveres



Fonte: Ministério do Trabalho e Previdência Social. Acesso em 17/04/2025¹⁹.

No seu conteúdo, a literatura traz uma abordagem sucinta de orientações, esclarecimentos e ações preventivas contra a exploração da mão de obra doméstica e violências. As orientações são úteis para as trabalhadoras e os empregadores. No manual, muitas instruções são voltadas para as questões de contrato, carteira de trabalho e rescisão.

Quanto a temas delicados, o livreto na abordagem da violência doméstica esclarece os assédios moral e sexual. No entanto, o acesso ao material informativo é complexo e torna a cartilha com pouca expressão. Tudo isso é pouco diante das responsabilidades das autoridades. É necessário falar mais sobre regulação, quem sabe abrir discussões em larga escala. A busca pelo conteúdo digital na plataforma do governo não é intuitiva, a desigualdade digital pode tornar o material inacessível.

2.6 Fragilidades da relação trabalhadora e empregadores

A falta de transparência na relação trabalhista por parte dos empregadores e as falhas na gestão do “contrato” de trabalho da empregada doméstica reforçam os motivos de denúncias

¹⁹ Fonte: <https://www.gov.br/esocial/pt-br/documentacao-tecnica/manuais/cartilha-trabalhadores-domesticos-direitos-e-deveres>

contra o empregador na justiça do trabalho. O Sindoméstica²⁰ (Sindicato das Empregadas Domésticas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo) apresentou as cinco principais situações que, no ano de 2023, originaram ações trabalhistas no emprego doméstico:

1. Ausência de registro em carteira;
2. Não recolher os encargos e tributos trabalhistas;
3. Não pagamento de horas extras e/ou adicional noturno, ou pagamento indevido;
4. Não concessão ou concessão errônea de férias;
5. Salário inferior ao mínimo ou piso regional.

Em entrevista²¹ à TV Senado, o senador Paulo Paim fez um balanço dos 10 anos após a aprovação da PEC das domésticas. Paim avaliou que “mais da metade das trabalhadoras domésticas, em torno de 60%, não tem carteira assinada. Isso é lamentável, temos inúmeras denúncias até de trabalho escravo dentro das casas, se referindo a quem faz o serviço doméstico”. Essa baixa proporção de contribuição para a previdência social revela a fragilidade da categoria profissional. O “outro lado da moeda” é que, a partir da PEC das domésticas, para o empregador, o risco de ter uma empregada na informalidade passa a ter uma expressão financeira muito alta.

Em contrapartida, a contratação da trabalhadora com carteira assinada exige uma reestruturação do orçamento doméstico para esse custo de formalização. O orçamento mais alto pode implicar na redução da contratação de empregadas, condicionando o mercado a utilizar trabalhadoras diaristas²² ou reforçar a informalidade. O trabalho informal segue uma lógica operada pelos empregadores que sistematicamente são amparados no excesso de mão de obra disponível, no enfraquecimento da categoria profissional e nas crises do mercado de trabalho.

2.7 O panorama da contratação da mão de obra de trabalhadoras negras e não-negras

O gráfico abaixo apresenta a comparação da distribuição relativa da proporção do total de trabalhadoras negras e não-negras realizada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) nos anos 2013 e 2022. A ilustração gráfica possibilita uma análise

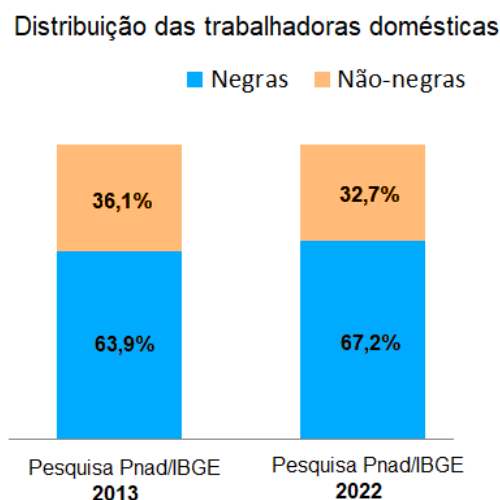
²⁰ Fonte: https://sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=1085 Acesso 07/04/2025

²¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=7pIzIrlMRE&t=171s> Acesso: 04/04/2025

²² Trabalhadora diarista: trabalhadora doméstica que presta serviço em até dois dias por semana na mesma residência, com jornadas semanais de até 16 horas.

técnica por meio da avaliação de dados quantificados em percentuais, de modo a estabelecer comparações e identificar tendências.

Gráfico 3 - Panorama da contratação das trabalhadoras domésticas



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD). Elaboração do autor.

O gráfico acima apresentou um panorama da contratação de trabalhadoras domésticas negras e não-negras no mercado de trabalho brasileiro. Os dados foram levantados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) nos anos 2013 e 2022. Vimos nas pesquisas que, no ano de 2022, no mercado de trabalho, as trabalhadoras negras correspondiam a 67,2% contra 32,7% de mulheres não-negras. Destacamos que a análise apontou tendência de crescimento dessa ocupação por mulheres negras entre os anos 2013-2022. Os dados confirmam que o mercado de trabalho doméstico é majoritariamente de mulheres negras e o aumento dessa proporção nos últimos anos indica que o cenário tem se agravado. A maior proporção de empregadas negras apresentada na ilustração ocorre em um cenário baseado em um contexto de discriminação e exclusão socioeconômica, no qual as desigualdades de classe e denominação racial são as marcas da precariedade característica dessa categoria profissional, tornando a atividade da empregada doméstica uma das ocupações mais vulneráveis. Esse cenário é descrito no estudo Estatísticas do gênero, divulgado pelo IBGE²³.

²³ Fonte: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza> Acesso: 18/07/2025

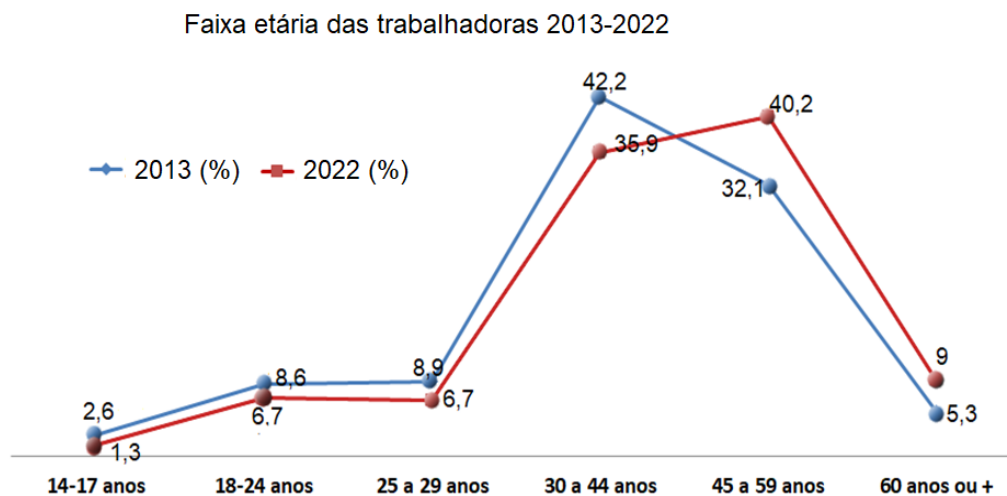
No Brasil, as mulheres pretas ou pardas são mais afetadas pelas desigualdades na educação, no mercado de trabalho, na renda e na representatividade política do que as brancas. Elas dedicam mais tempo aos afazeres domésticos e cuidados de pessoas, têm menor taxa de participação no mercado de trabalho e menor percentual entre as ocupantes de cargos políticos. Além disso, as pretas ou pardas representam a maior parte das vítimas de homicídios contra mulheres praticados fora do domicílio e têm maior percentual de pessoas em situação de pobreza. (IBGE, 2024)

Cabe observar que as mudanças sociais caminham devagar, apesar dos avanços ao longo do tempo, os dados revelam que a desigualdade racial permanece.

2.8 Trabalhadoras domésticas, perfil por faixa etária

O gráfico abaixo estabelece uma comparação da estrutura etária das trabalhadoras domésticas. A análise contempla o grupo etário de 14 a 60+ anos e compara o ano de 2013 com o ano de 2022. Na ilustração, os pontos mostram a concentração da população ocupada, as conexões das linhas de tendência apresentam a variação quantitativa das faixas etárias no decorrer dos anos.

Gráfico 4 - Comparativo de faixa etária trabalhadoras domésticas - 2013 e 2022



Fonte: PNAD Contínua, 2022. Elaborado pelo autor.

O gráfico acima comparou os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua)²⁴ a partir do ano de 2013 com o levantamento de 2022. No gráfico, o que se percebe ao longo das décadas é que a maioria das trabalhadoras domésticas está distribuída na faixa etária entre 30 até 59 anos. Na comparação, percebemos a tendência

²⁴ Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.pdf> Acesso: 28/01/2025

de envelhecimento dessa mão de obra quando relacionamos as linhas correspondentes ao ano de 2013 com o ano de 2022, faixa onde predomina a maioria das trabalhadoras. Com mais idade, as trabalhadoras ficam mais vulneráveis, adentram uma condição caracterizada pela redução na capacidade física e mental passíveis de desencadear doenças relacionadas às jornadas extensas de trabalho, assédio moral, desvalorização profissional, tratamento injusto e maus tratos.

Ainda na análise do ano de 2022, para as mulheres mais jovens, a pesquisa indicou uma tendência de queda na proporção de mulheres entre 14 a 29 anos quando comparada com a pesquisa de 2013. Uma das possíveis explicações para essa queda na proporção de mulheres jovens no serviço doméstico é o acesso à educação. Alguns fatores, como a lei de cotas²⁵ e o financiamento estudantil²⁶, têm sido fundamentais para a qualificação profissional. Desse modo, o mercado abre oportunidades e essas jovens poderão migrar para outras atividades economicamente mais atrativas.

Vimos que a atividade doméstica carrega traços que estão presentes na cultura brasileira, portanto, ao refletir sobre essa ocupação, percebe-se que a categoria profissional é vulnerável, desvalorizada e mal remunerada. Contudo, o serviço doméstico é fundamental para a sociedade.

O trabalho doméstico segue, em pleno século XXI, como uma das ocupações mais vulneráveis à disposição de trabalhadoras que são, em geral, mulheres, negras, com pouca escolaridade e oriundas das camadas de mais baixa renda. É uma ocupação que se constitui historicamente na intersecção de três grandes pilares produtores de desigualdade: o racismo – dadas suas origens escravocratas; o patriarcado – que assume que o trabalho doméstico é naturalmente uma habilidade feminina; e a distribuição de renda, que, no caso brasileiro, é tão desigual que possibilita que um trabalhador assalariado utilize seu próprio salário para pagar outro trabalhador assalariado. (Pinheiro; Posthuma; Tokarski, 2021, p.8)

No próximo capítulo, iniciaremos a cartografia das telenovelas das 20h e 21h entre os anos 2000–2018, com objetivo de identificar, quantificar e qualificar as trabalhadoras domésticas. Os aspectos que nos interessam são aqueles que ocasionam a sensação de ‘realidade’. Segundo Comparato (2000, p.128), “a complexidade de uma personagem e as suas contradições têm de se manifestar para que ela pareça verossímil, real. Quanto maior for sua densidade humana, mais real nos parecerá”. No mapeamento, seguimos os rizomas, entendemos as relações, conhecemos as particularidades, as verdades e coletamos informações. A realização do mapeamento ocorre quando traçamos um percurso baseado em

²⁵ Fonte: <https://www.gov.br/mec/pt-br/lei-de-cotas> Acesso:13/05/2025

²⁶ Fonte: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-financiamento-do-fies> Acesso: 13/05/2025

suas conexões, uma vez que “o mapa está em constante movimento, já que a cartografia não oferece regras definidas por antecedência, um roteiro pronto e fixo ou um método estabelecido de trabalho” (ROSÁRIO e COCA, 2018, p. 37). O caminho será definido pelo cruzamento de situações e aspectos das relações que afetam a sociedade.

CAPÍTULO 3: TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NAS TELENVELAS DAS 20h e 21h

Neste capítulo, iniciamos o processo de cartografia das telenovelas. O nosso mapa tem como proposta inicial identificar a presença de empregadas domésticas nas telenovelas da faixa das 20h e 21h, entre os anos 2000 e 2018. Com esse procedimento, é possível verificar características para quantificar e qualificar as trabalhadoras e também identificar o autor que mais incluiu domésticas em sua criação.

A flexibilidade do mapeamento permitirá que, ao longo desta pesquisa, nossas observações sejam fundamentadas nos aspectos físico, social e psicológico das personagens.

Barros e Kastrup (2009, p.57) ressaltam que “o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”.

O levantamento foi realizado no Portal Memória Globo, a fim de identificar a listagem de personagens de cada telenovela do período analisado e selecionar as que retrataram trabalhadoras domésticas. Os dados brutos foram agrupados em uma planilha. Na tabela abaixo, na linha cronológica, a primeira telenovela é *Terra Nostra* (Benedito Ruy Barbosa) exibida entre 1999 e 2000, enquanto *Segundo Sol* (João Emanuel Carneiro) exibida no ano de 2018 é a última telenovela de nossa amostra. A tabela é organizada em linhas que listam cada uma das 31 telenovelas e colunas que identificam: o ano da primeira exibição da telenovela, o título da obra, e as personagens, em coluna denominada ‘todas as trabalhadoras domésticas’, (dividida em ‘empregadas domésticas’, ‘outras trabalhadoras’ e ‘total’). A coluna *todas as trabalhadoras domésticas* tem foco no aspecto social, visa identificar o trabalho que as personagens realizam, é subdividida em duas partes: uma coluna agrupa as empregadas domésticas (as personagens que foram assim denominadas pela emissora no Portal Memória Globo). A segunda coluna agrupa o conjunto de trabalhadoras domésticas definidas no *site* com outras denominações. Para facilitar a organização dos dados na tabela e o entendimento do leitor, criamos a categoria profissional *outras trabalhadoras*. Essa categoria engloba aquelas denominadas como babás, governantas, ajudantes de cozinha,

faxineiras, copeiras e outras profissionais do lar. Finalizando a tabela, a última coluna ‘total’ corresponde à quantidade de trabalhadoras por telenovela.

Bardin (2016, p.148), pontua que “classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com os outros”. A categorização das atividades é, portanto, parte integrante da investigação inicial. Na parte inferior da tabela são apresentadas as somas. A quantificação dos dados agrupados na planilha abaixo nos permitiu uma seleção preliminar das principais telenovelas, onde serão estabelecidas comparações e as análises iniciais.

Tabela 1 - Telenovelas das 20h e 21h e as trabalhadoras domésticas

Ordem	Ano	Telenovelas	Todas as trabalhadoras domésticas		
			Empregadas domésticas	Outras trabalhadoras	Total
1	1999/2000	Terra Nostra	1	2	3
2	2000/2001	Laços de Família	1	2	3
3	2001/2001	Porto dos Milagres	0	1	1
4	2001/2002	O Clone	1	0	1
5	2002/2003	Esperança	0	1	1
6	2003/2003	Mulheres Apaixonadas	13	1	14
7	2003/2004	Celebridade	0	5	5
8	2004/2005	Senhora do Destino	0	3	3
9	2005/2005	América	0	1	1
10	2005/2006	Belíssima	4	0	4
11	2006/2007	Páginas da Vida	2	3	5
12	2007/2007	Paraíso Tropical	0	1	1
13	2007/2008	Duas Caras	1	1	2
14	2008/2009	A Favorita	0	0	0
15	2009/2009	Caminho das Índias	1	0	1
16	2009/2010	Viver a Vida	2	3	5
17	2010/2011	Passione	0	0	0
18	2011/2011	Insensato Coração	1	2	3
19	2011/2012	Fina Estampa	1	1	2
20	2012/2012	Avenida Brasil	2	0	2
21	2012/2013	Salve Jorge	2	0	2
22	2013/2013	Amor à Vida	0	1	1
23	2014/2014	Em Família	6	0	6
24	2014/2015	Império	0	0	0
25	2015/2015	Babilônia	1	1	2
26	2015/2016	A Regra do Jogo	1	0	1
27	2016/2016	Velho Chico	1	2	3
28	2016/2017	A Lei do Amor	1	2	3
29	2017/2017	A Força do Querer	2	0	2
30	2017/2018	O Outro Lado do Paraíso	1	1	2
31	2018/2018	Segundo Sol	1	1	2
			46	35	81

Fonte: Memória Globo/personagens. Elaborado pelo autor da pesquisa.

A tabela apresenta comparação entre as telenovelas do horário das 20h e 21h, exibidas na TV Globo entre os anos 2000 e 2018. A pesquisa preliminar identificou nas 31 telenovelas a presença de 81 trabalhadoras, que foram categorizadas em *empregadas domésticas* e *outras trabalhadoras*.

Na coluna *empregadas domésticas*, identificamos 46 trabalhadoras. A categoria *outras trabalhadoras* registra a presença de 35 profissionais, divididas em babás, faxineiras, cozinheiras, ajudantes de cozinha, copeiras, cuidadoras de idosos e outras atividades. Vale lembrar que a coluna personagens do Portal Memória Globo não divulga todas as trabalhadoras. Dessa forma, a nossa tabela não registra todas as profissionais que tiveram representações ficcionais, e sim *todas as que foram elencadas* pela emissora no site que constituiu nosso *locus* de pesquisa. No desenvolvimento desta pesquisa, no que se refere à análise das telenovelas, apresentaremos todas as empregadas domésticas relevantes para o nosso estudo. O agrupamento de dados acima servirá de base para a seleção de telenovelas e a identificação de empregadas domésticas mais representativas.

3.1 Distribuição das trabalhadoras por telenovela

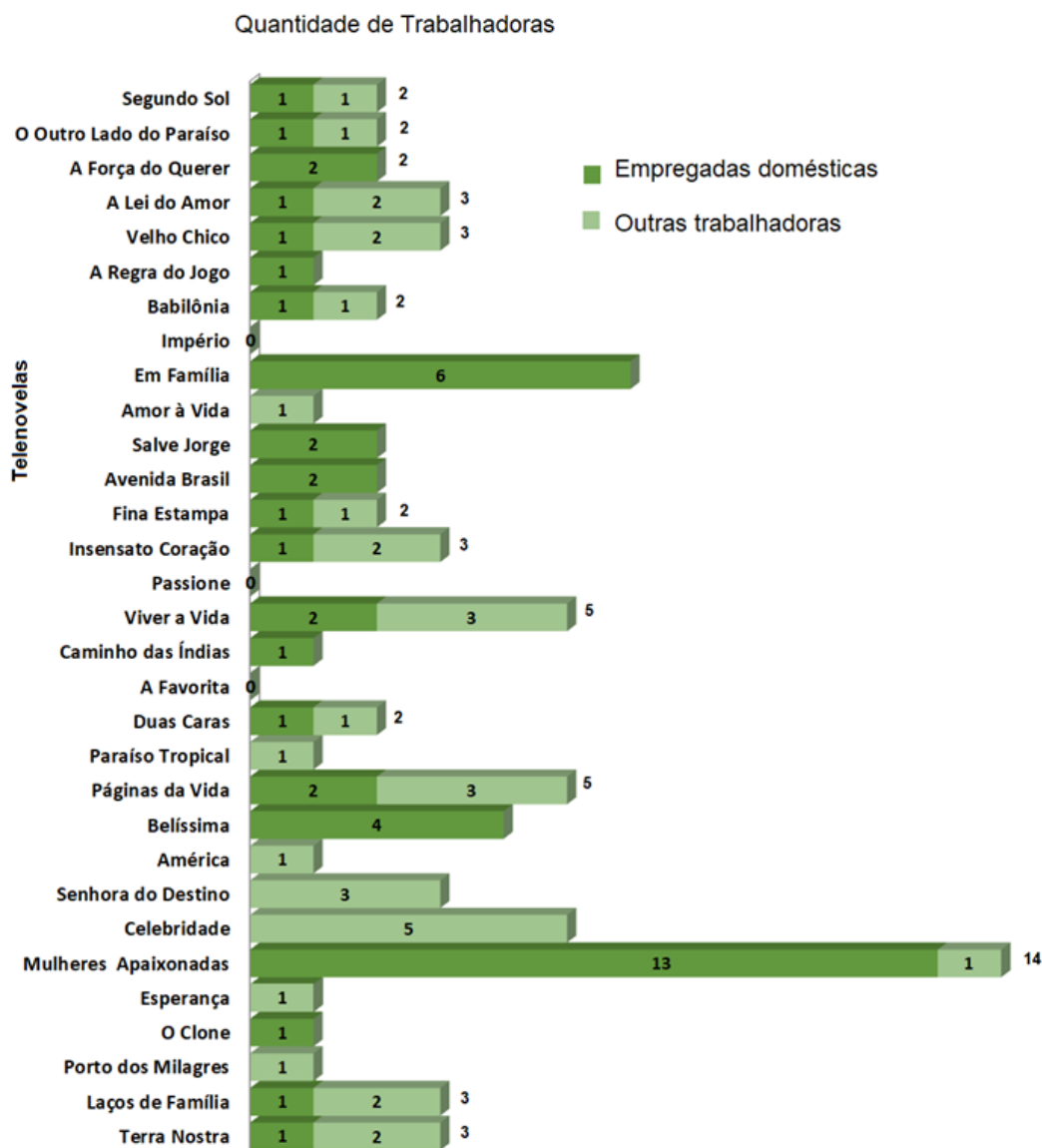
A ilustração abaixo quantifica nas barras horizontais a presença de trabalhadoras domésticas nas 31 telenovelas do horário das 20 e 21h entre os anos 2000 e 2018. A sequência das telenovelas atende à cronologia definida na tabela acima. A distribuição das 81 trabalhadoras por telenovela é categorizada em ‘empregadas domésticas’ e ‘outras trabalhadoras’. As duas categorias abrangem todas as trabalhadoras que realizam serviços domésticos, diferenciando-se apenas pela nomenclatura das atividades.

Destacamos que algumas trabalhadoras que compõem o quadro de personagens das telenovelas não estão catalogadas na coluna personagens do Portal, por esse motivo não foram consideradas na tabela acima. Como exemplo, temos Fausta (Guida Viana), que era diarista de Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) em *Senhora do Destino* (Aguinaldo Silva).

Temos ainda Cida (Thaissa Carvalho), que era a empregada de Betina (Letícia Spiller), e Dalva (Marcia Di Milla), empregada de Ingrid (Natália do Vale), ambas da telenovela *Viver a Vida* (Manoel Carlos). Essas trabalhadoras tiveram participação ativa nas telenovelas.

Vale ressaltar que, em nosso levantamento, todas as trabalhadoras domésticas têm igual valor. O gráfico abaixo destaca as telenovelas com maior número de trabalhadoras.

Gráfico 5 - Distribuição quantitativa por tipo de trabalhadora nas telenovelas



Fonte: Tabela 1. Elaborado pelo autor da pesquisa.

O gráfico acima relacionou as 31 telenovelas com as atividades domésticas das trabalhadoras. Ao observar a ilustração, percebemos que na distribuição de trabalhadoras não há um equilíbrio. Essa composição desproporcional foi definida pelos autores das telenovelas.

No gráfico, há duas categorias profissionais que representam o conjunto das 81 de trabalhadoras. Na ilustração, temos 46 ‘empregadas domésticas’ e 35 ‘outras trabalhadoras domésticas’ (distribuídas entre babás, cuidadoras de idosos, arrumadeiras, copeiras, governantas e outras profissionais). As telenovelas *A Favorita* (de João Emanuel Carneiro)

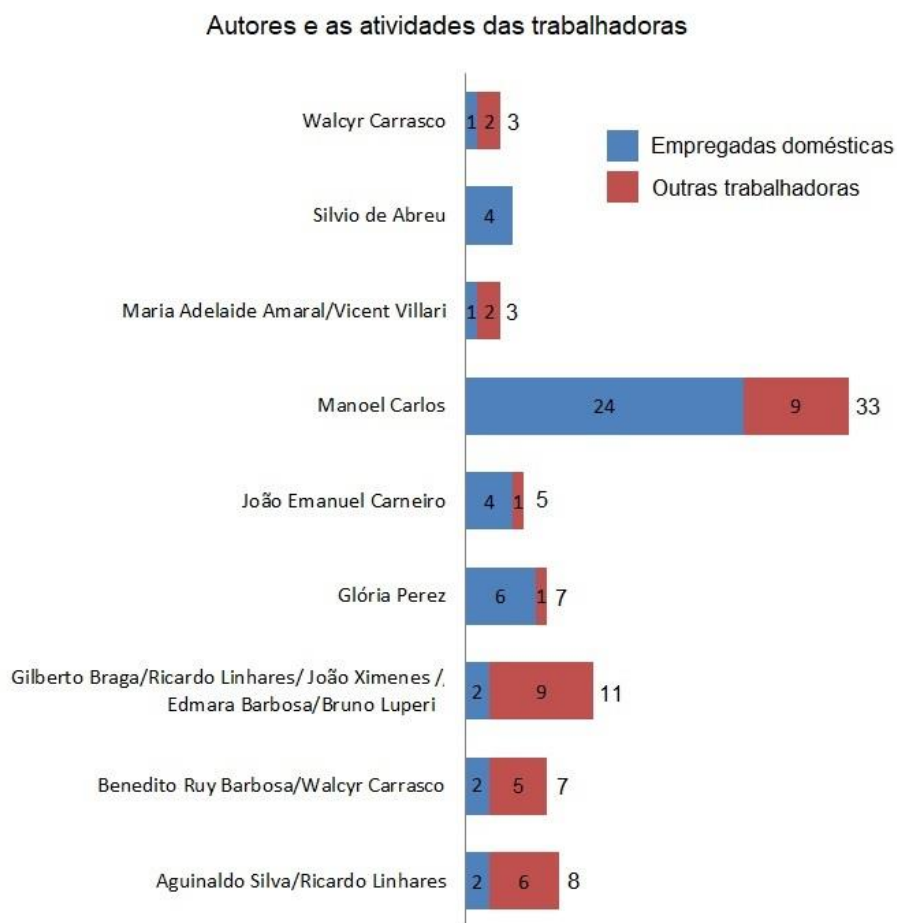
Império (de Aguinaldo Silva) e *Passione* (de Silvio de Abreu), não registraram a presença de empregadas na coluna personagens do *site* Memória Globo.

Podemos supor que, mesmo que cumprindo um papel secundário, a quantidade de trabalhadoras apresentada na tabela acima reforça a importância da personagem no elenco das telenovelas. Nos interessa analisar se essas profissionais estão limitadas somente a compor um quadro de personagens, ou possuem narrativas relevantes e significativas que refletem a realidade das trabalhadoras domésticas. Ao observarmos a ilustração, percebemos que as telenovelas que possuem maior quantidade de trabalhadoras são de autoria de Manoel Carlos. Por meio de nossas observações iniciais, é possível admitir como hipótese que alguns autores das telenovelas sinalizem alguma preferência pelo tipo de personagem, essa “predileção” será verificada no gráfico abaixo. Para fundamentar nossas ideias, organizamos a seguir a distribuição de trabalhadoras domésticas pelos autores das telenovelas e iremos destacar alguns exemplos para ilustrar a descrição das tarefas.

3.2 Distribuição das atividades domésticas por autor

O gráfico abaixo traz a distribuição das ocupações profissionais das trabalhadoras por autor. Na ilustração, a quantificação indicada nas colunas é organizada nas duas categorias “empregada doméstica” e “outras trabalhadoras”, cuja soma é indicada na extremidade da coluna.

Na ilustração, as categorias “empregada doméstica” e “outras trabalhadoras” em nosso estudo exercem praticamente as mesmas tarefas no lar. A categoria “outras trabalhadoras” engloba babás, governantas, cozinheiras, ajudantes de cozinha, faxineiras, cuidadoras de idosos, copeiras e outras profissionais. Na elaboração do gráfico a seguir, recorreremos à coluna ficha técnica para identificar os autores das telenovelas.

Gráfico 6 - Distribuição das ocupações no trabalho doméstico por autor

Fonte: Memória Globo/personagens/ficha técnica. Elaboração do autor.

O gráfico acima apresenta a distribuição de uma população de 81 trabalhadoras domésticas com os autores das 31 telenovelas. O indicador revela a desproporção da distribuição das trabalhadoras. Manoel Carlos foi o autor que mais fez uso desse tipo de personagem para compor o elenco de suas telenovelas. Ao longo de 18 anos de produção, foram 33 profissionais, sendo 23 empregadas e 10 outras trabalhadoras distribuídas nas 5 telenovelas de Maneco²⁷, equivalendo a 40,7% do total. Na ficção e fora das telas, a categoria profissional não limita a trabalhadora a uma tarefa específica. O trabalho doméstico no Brasil é marcado pela multiplicidade, são inúmeros afazeres direcionados à trabalhadora, com atividade remunerada, o exercício de múltiplas tarefas pode caracterizar exploração da mão de obra. De acordo com nosso critério de seleção de autor, a quantidade de trabalhadoras domésticas qualifica a obra de Manoel Carlos para as nossas coletas e

²⁷ Maneco: Manoel Carlos (autor)

análises de evidências de representatividade. As diversas denominações que caracterizam as atividades domésticas identificadas nas colunas personagens do Portal Memória Globo categorizadas na ilustração acima funcionam para referenciar a profissão das trabalhadoras.

Na ficção e fora das telas, o trabalho doméstico assume um caráter de serviços gerais, em que a trabalhadora é incumbida de responsabilidades que podem abranger a realização de diversas atividades e por vezes caracterizar o desvio de função. Ao examinar a descrição do perfil profissional das trabalhadoras no portal, notamos que esse conjunto de empregadas não se encaixa em um padrão estabelecido na execução de suas tarefas. Às vezes, a trabalhadora doméstica pode ser descrita como babá, faxineira, cozinheira, copeira ou empregada doméstica. São diversas tarefas condensadas em uma única profissão: a de trabalhadora doméstica.

Uma amostra da mão de obra nas telenovelas de Manoel Carlos

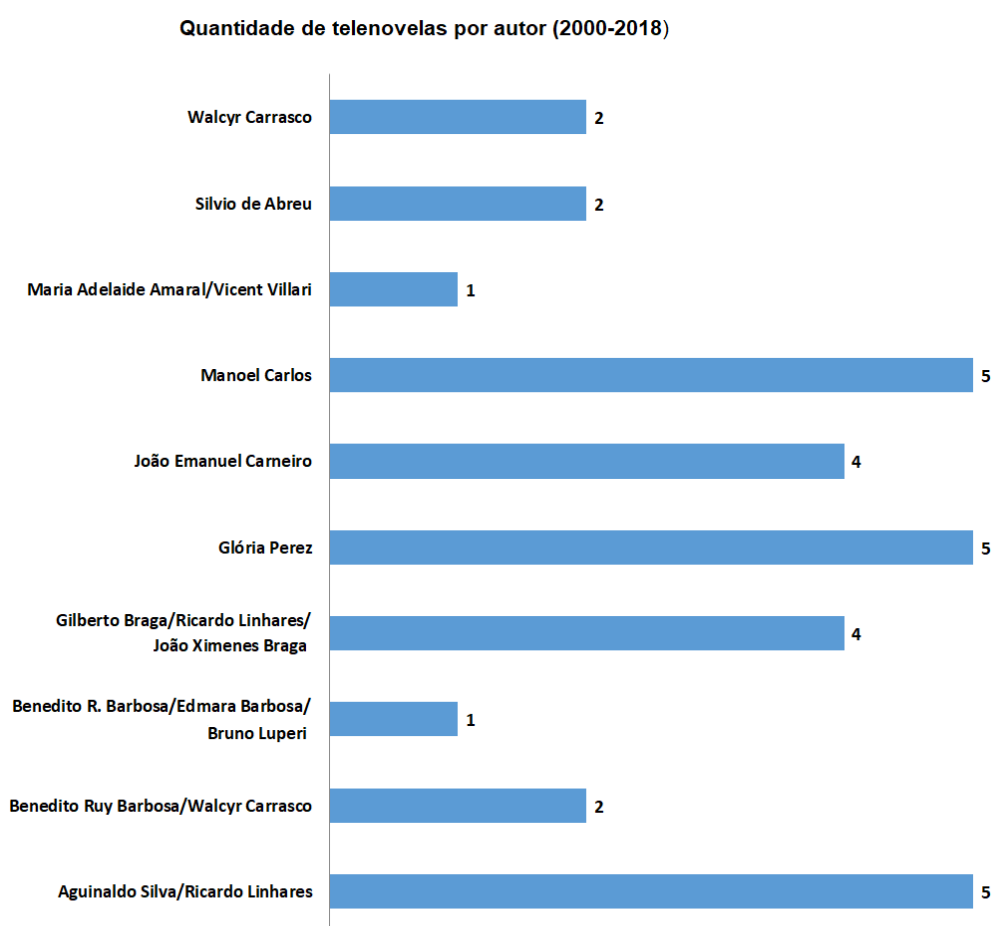
Em *Mulheres Apaixonadas*, Helena (Cristiane Torloni) contava com duas empregadas, uma jovem e outra de idade mais avançada. A jovem era Sônia (Priscila Dias); no portal era definida como “empregada de Helena”. Ela entrou em licença-maternidade nos primeiros capítulos da telenovela. A segunda empregada é Maria (Idelcéia Santos), denominada no portal como “empregada que trabalhava na casa de Helena”. Mesmo com mais idade, era bastante ativa, trabalhava muito, era babá, cozinheira e arrumadeira. Ao assumir as atribuições de Sônia, que estava afastada, Maria ficou sobrecarregada de tarefas, cuidava do filho de Helena, um menino de nove anos. Além de fazer bolos e doces para o garoto, ela estava sempre realizando alguma tarefa na cozinha, como preparar o cardápio do dia. Pontualmente, a questão da prática de multitarefas foi considerada temporária na situação de Maria, pela questão da licença-maternidade de Sônia, mas no geral a sobrecarga de tarefas da trabalhadora não foi tema de discussão entre os patrões.

Em *Laços de Família*, Zilda (Thalma de Freitas) era caracterizada como “criada de Helena” (Vera Fischer) no Portal Memória Globo. Na rotina diária, a trabalhadora era submetida a uma exploração contínua. Ela desempenhava as funções de faxineira, cozinheira, lavadeira e babá tanto do neto da patroa quanto do filho de uma amiga de Helena. O mesmo ocorreu com Lídia (Thalita Carauta); no portal, a descrição trazia que era “empregada doméstica de Helena” (Regina Duarte) na telenovela *Páginas da Vida*. Lídia também acumulava diversas responsabilidades, cuidava da casa e da filha da patroa, dia e noite.

3.3 Quantidade de telenovelas das 20h e 21h por autores entre os anos 2000 e 2018

O gráfico abaixo relaciona a quantidade de telenovelas com seus autores. Por meio da ilustração, é possível identificar os autores mais ativos nas duas décadas. A representação gráfica mostra os autores que atuaram em parceria para criar suas obras e os autores que produziram trabalhos individuais.

Gráfico 7 - Autores e telenovelas



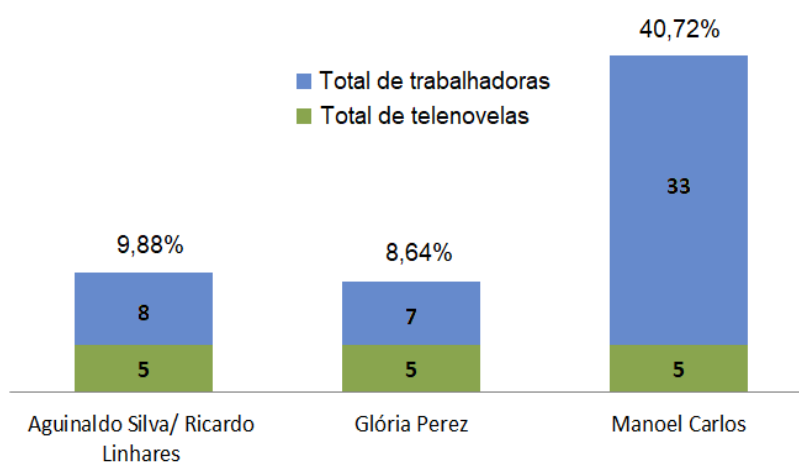
Fonte: Memória Globo/personagens/ficha técnica. Elaboração do autor.

A ilustração acima distribuiu a quantidade de telenovelas pelos autores. O gráfico indica que Aguinaldo Silva, em parceria com Ricardo Linhares, Glória Perez e Manoel Carlos, foram os autores mais participativos ao longo das duas décadas (2000-2018). É de nosso interesse saber se, no período investigado, a quantidade de telenovelas produzidas por autor teve influência na quantidade de trabalhadoras presentes nas telenovelas, supondo uma

a relação “mais telenovelas, mais trabalhadoras por autor”. A ilustração abaixo sintetiza dados e define uma relação da quantidade de telenovelas com a quantidade de trabalhadoras por autor.

Para entender melhor, na ilustração abaixo, estabelecemos uma relação entre os três principais autores indicados no gráfico anterior com a quantidade de telenovelas e a participação das trabalhadoras domésticas. Os percentuais foram calculados com base na quantidade total de trabalhadoras (81). A ilustração abaixo tem o propósito de definir os parâmetros de análise.

Gráfico 8 - Principais autores, quantidade de telenovelas e trabalhadoras (2000-2018)



Fonte: Tabela 2. Elaboração do autor.

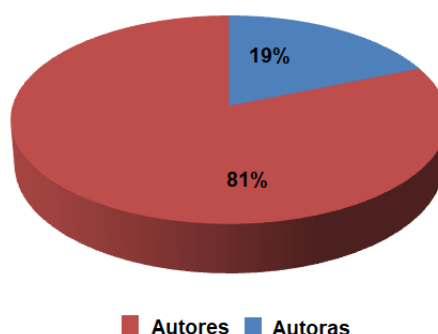
A distribuição gráfica acima estabeleceu uma relação entre a quantidade de telenovelas com a quantidade de trabalhadoras por autor. A parceria Aguinaldo Silva/Ricardo Linhares, Glória Perez e Manoel Carlos como os autores que mais produziram no período 2000-2018, somam juntos aproximadamente 50% do total das telenovelas. Ao estabelecer uma relação entre a quantidade de telenovelas produzidas com a quantidade de trabalhadoras do elenco, percebemos que o número de trabalhadoras não decorre da associação “mais telenovelas, mais trabalhadoras por autor”. Não há proporcionalidade nessa relação, portanto consideramos que a quantidade de telenovelas por autor, que no indicador obteve empate nas três colunas, teve pouca influência na quantidade total de trabalhadoras. Logo, nossa conclusão é que, para os três autores selecionados, a quantidade de trabalhadoras está relacionada à preferência pessoal de cada um em função do roteiro da

telenovela. Na ilustração, Manoel Carlos manteve a mesma quantidade de telenovelas que os demais autores dessa seleção, porém, no que se refere à quantidade de trabalhadoras, ele detém a margem de 40,72% do total contra 9,88% de Aguinaldo Silva/ Ricardo Linhares e 8,64% de Glória Perez. Com esta análise, concluímos que a hipótese da relação “mais telenovelas, mais trabalhadoras por autor” não pode ser comprovada.

Analisando os indicadores, percebemos que as 31 telenovelas exibidas no horário nobre foram produzidas por poucos autores, “os mesmos de sempre”, que foram se alternando durante os 18 anos de exibição. No total, são 16 autores (13 autores e 3 autoras/coautoras). O gráfico abaixo apresenta distribuição em percentual da participação de autores e autoras ao longo do período.

Gráfico 9 - Proporção da participação dos autores e autoras das telenovelas

Distribuição da participação dos autores



Fonte: Gráfico 3. Elaboração do autor.

A ilustração acima indicou a divisão da participação dos autores entre os anos 2000 e 2018. O gráfico mostra que não houve ascensão de mulheres roteiristas (autoras) no mercado das telenovelas das 20h e 21h, sendo o período majoritariamente dominado por homens. Essa proporção pode ser analisada sob diferentes perspectivas. Podemos supor que as opiniões entre autores e autoras apresentem características particulares que irão influenciar a composição das personagens, as narrativas e o olhar para as temáticas das trabalhadoras domésticas. Particularmente, as telenovelas de Manoel Carlos seguem uma tradição que faz parte das características ficcionais e pode ser traduzida em conservadorismo ou estilo. A realidade criada pelo autor apresenta elementos que se repetem em *Laços de Família* (2000), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Páginas da Vida* (2006), *Viver a Vida* (2009) e *Em Família* (2014). Nessas telenovelas, algumas tramas foram baseadas nas experiências do próprio

roteirista, com as narrativas principais situadas no Leblon-RJ. Nas palavras do autor²⁸: “situo as minhas novelas no Rio de Janeiro. Faço coisas fortes, sob o céu muito azul” (Memória Globo). A conexão de Manoel Carlos com o bairro nobre do Rio de Janeiro poderia limitar a perspectiva de sua obra, no entanto proporcionava uma troca contínua entre a realidade e a ficção e entre o telespectador e o personagem. A perspectiva de Maneco consolidava a telenovela como obra aberta, para Motter (2003, p.171), a sociedade “pode definir o rumo da história rejeitando-a ou manifestando aprovação através dos índices de audiência, bem como seus representantes podem expressar diretamente o desagrado com o todo ou com aspectos específicos da telenovela”. O autor evidenciava a experiência de se manter receptivo às reações, anseios e motivações das pessoas. Portanto, Maneco utilizava o mundo real como fonte de inspiração, mantendo essa característica ao longo de sua trajetória profissional.

Embora o Leblon remeta a uma nação elitista, a predominância de trabalhadoras domésticas nas telenovelas de Manoel Carlos espelha a realidade brasileira, onde a profissão²⁹ de empregada doméstica é uma das principais fontes de emprego para mulheres.

O Leblon estimulava o autor, e segundo sua filha: “meu pai usou muito o cotidiano do bairro no seu processo criativo. O passear pelas ruas, as curiosidades, as pessoas com quem ele conversava. O Leblon sempre foi um personagem dele” afirmou Júlia Almeida em entrevista³⁰ ao Jornal O Globo (O Globo, 2024).

O Leblon³¹ de Manoel Carlos é ator e expectador ao mesmo tempo. Nas palavras do próprio Maneco:

Mesmo mantendo algumas peculiaridades, o Leblon é um bairro sem mistério, de cotidiano simples e acolhedor. Isso me inspira. Moro aqui há muitos anos e conheço, pelo menos de vista, todos os moradores. Nos saudamos na rua, me param quando caminho, comentam a novela, dão palpites, fazem sugestões, sem nenhuma cerimônia. Com a intimidade de velhos amigos. Sinto-me numa aldeia. É para essas pessoas que eu escrevo minhas novelas, em primeiro lugar. Porque, além de dever-lhes muitas das histórias que conto, tiro delas, por empréstimo, quase todos os nomes dos meus personagens (O Globo, 2013).

Contudo, esse não é o único padrão que o autor empregava na elaboração de suas narrativas, tornando-se um clássico importante a presença constante da personagem Helena em suas histórias. Outro traço característico é apontado por Balogh (2002), ao chamar de

²⁸ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/manoel-carlos/noticia/manoel-carlos.ghtml> Acesso: 27/05/2025

²⁹ <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html> Acesso: 29/07/2025

³⁰ Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/09/15/o-leblon-das-helenas-relacao-de-amor-entre-o-autor-manoel-carlos-e-o-bairro-carioca-inspira-documentario.ghtml> Acesso: 29/07/2025

³¹ Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/manoel-carlos-renovado-como-leblon-9169798> Acesso: 29/07/2025

manifestações híbridas a mescla entre o real e a ficção. Por exemplo, nas ações socioeducativas, as personagens das telenovelas de Manoel Carlos transitavam entre a realidade e a ficção. Maneco teve participação como personagem em *Laços de Família* (2000), quando o autor visitou a livraria Dom Casmurro de Miguel (Tony Ramos). Martín-Barbero (1997) atribui ao melodrama um caráter dialógico e carnavalesco. Segundo o autor, a telenovela é considerada uma forma de literatura dialógica ou um gênero carnavalesco, no qual o "autor, leitor e personagens trocam constantemente de posição" (Martín-Barbero, 1997, p.308).

As histórias e conflitos familiares aconteceram na classe média e giravam em torno da protagonista Helena. Além do nome da protagonista, há outros recorrentes nas telenovelas de Maneco, é o caso da empregada Zilda que aparece em *Laços de Família*, *Mulheres Apaixonadas* e *Viver a Vida*. Outros nomes que fazem parte do cotidiano da obra desse autor são Onofre, Clara, Miguel e Sandra. O médico da família de Manoel Carlos, o Dr. Moretti³², foi representado na ficção cinco vezes.

3.4 As tramas das Helenas de Manoel Carlos

Nas telenovelas de Manoel Carlos, Helena é a personagem principal, e “o nome da protagonista foi escolhido pelo novelista em homenagem à Helena de Troia que na mitologia grega é a filha de Zeus e da rainha Leda” (GShow, 2025). Em entrevista à CNN, Manoel Carlos define uma das virtudes de Helena: “como característica, as personagens sempre demonstravam uma grande força para lidar com as piores situações”. Abaixo, apresentamos as personagens ‘Helena’ de suas tramas.

³² Fonte: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/manoel-carlos-e-os-elementos-que-nunca-podem-faltar-em-suas-novelas,6e9f211f5343de4fafcbc7bc66935ea06jxco93i.html>
Acesso: 17/07/2024

Figura 5 - As Helenas de Manoel Carlos



Fonte: Autor da pesquisa, imagens Memória Globo. Acesso 29/08/2025

1. Helena (Vera Fischer) - *Laços de Família* (2000-2001)

A trama de Helena começa por um conflito, quando mãe e filha ‘disputam’ um namorado. Edu (Reynaldo Gianecchini) namorava Helena (Vera Fischer), mas se encantou por Camila, filha de Helena, interpretada por Carolina Dieckmann. No final da trama, Edu casa com Camila e Helena fica com Miguel (Tony Ramos).

2. Helena (Christiane Torloni) - *Mulheres Apaixonadas* (2003)

Helena era diretora de uma famosa escola de ensino médio, a personagem está insatisfeita com o casamento com Téo (Tony Ramos), e decide mudar o rumo amoroso de sua vida. Helena cria um filho adotivo, mas, na verdade, a criança é fruto de um caso de Téo, seu marido, com uma prostituta.

3. Helena (Regina Duarte) - *Páginas da Vida* (2006)

Helena era uma médica com dois filhos adotivos, um deles era negro, o segundo era a menina Clara, interpretada por Joana Mocarzel. Clara era uma criança com Síndrome de Down.

4. Helena – (Taís Araújo) - *Viver a Vida* (2010)

Taís Araújo foi a primeira Helena negra das telenovelas de Manoel Carlos; ela namorou o personagem Marcos (José Mayer), um homem divorciado 20 anos mais velho. A relação de Marcos com a jovem modelo causou problemas com Luciana (Alinne Moraes), filha de Marcos, e com Tereza (Lília Cabral), a ex-esposa.

5. Helena (Bruna Marquezine / Júlia Lemmertz) - *Em Família* (2014)

A última Helena de Manoel Carlos foi interpretada por duas atrizes. Bruna Marquezine, a atriz, fez a primeira parte da história, a juventude de Helena. A atriz Júlia Lemmertz interpretou a segunda fase da telenovela e fechou o ciclo das Helenas de Manoel Carlos. A atriz é filha de Lílian Lemmertz, que foi a primeira Helena de Manoel Carlos em 1982. A narrativa inicia com o relato do amor de infância entre os primos Helena e Laerte, separados por uma tragédia antes do casamento. Vinte e quatro anos depois, Laerte retorna ao Brasil e se encanta por Luíza, filha de Helena, por sua semelhança com a mãe na juventude.

3.5 Sinopses das telenovelas de Manoel Carlos

Laços de Família (2000–2001)

A telenovela foi ao ar em 2000-2001 e reapresentada no programa *Vale a Pena Ver de Novo*, nos anos 2005 e 2020–2021, no Canal Viva, em 2019. A temática principal discutiu o amor incondicional que a mãe dedica à filha. Helena (Vera Fischer) engravida para salvar Camila (Carolina Dieckmann), sua filha, que está com leucemia. A proposta consistia em empregar as células do cordão umbilical do recém-nascido.

Em segundo plano, encontram-se as empregadas domésticas. Zilda (Thalma de Freitas), que era uma jovem negra, sem vida própria, estava sempre pronta para o serviço, exercendo a função de “doméstica 24 horas”. Zilda, confidente e leal à sua patroa “dona” Helena (Vera Fischer), Zilda tinha o estereótipo do caricato, reunia trejeitos de atrapalhada e fazia o papel de alívio cômico. Comparato (2009) defende que tudo pode ser engraçado, se for dito de maneira divertida. Propp (1992, p.134) pontua que: “qualquer traço de caráter negativo pode ser representado comicamente graças aos mesmos meios com os quais se cria, em geral, o efeito cômico”.

Laços de Família apresentou mais duas tramas paralelas envolvendo empregadas. Ritinha (Juliana Paes), a jovem, foi empregada doméstica de Alma (Marieta Severo). Ritinha foi seduzida por Danilo (Alexandre Borges), seu patrão, que a engravidou. Por fim,

destacamos a personagem Irene (Cléa Simões). Irene é negra, era a babá da filha de Miguel (Tony Ramos). Com o avanço da idade, a babá, sem perspectiva de carreira, se viu obrigada a permanecer na casa da patroa mesmo após o crescimento da filha de Miguel.

Mulheres Apaixonadas (2003)

A telenovela estreou em 2003 e foi reexibida no programa *Vale a Pena Ver de Novo*, entre os anos 2008 – 2009 e 2023. No canal Viva, a reapresentação ocorreu em 2020. Na ficção, a mulher e o amor são os tópicos centrais das discussões que constituem as narrativas sobre as relações familiares. *Mulheres Apaixonadas* trouxe para o debate questões como o adultério, maus-tratos e violência contra idosos, violência contra mulheres e violência urbana.

No capítulo de abertura da telenovela, Helena (Christiane Torloni) socorre a empregada, Sônia (Priscila Dias), que já está em trabalho de parto, mesmo sabendo que isso pode fazê-la se atrasar para o casamento de Marina (Paloma Duarte) e Diogo (Rodrigo Santoro). A relação de afeto empregada-patroa é tão intensa que a doméstica confiou a Helena a tarefa de batizar seu filho. Essa relação é de longa data, Sônia conheceu a patroa em Vassouras, sua cidade natal.

Em outra trama, está Zilda (Roberta Rodrigues). A jovem empregada é negra, trabalhava na casa de Irene (Marta Melinger), fazia comida, faxina e cuidava de idosos. O assédio sexual estava presente no ambiente de trabalho doméstico, a empregada era constantemente assediada pelo filho do patrão.

Páginas da Vida (2006-2007)

A telenovela foi exibida pela primeira vez em 2006-2007 e reapresentada no canal Viva, entre os anos 2021-2022. A trama retratou a rotina dos personagens de diversas classes sociais e faixas etárias, focando em temas como a Síndrome de Down e o Racismo. Lídia Alves (Thalita Carauta), a jovem empregada, é negra e trabalhava na casa de Helena (Regina Duarte).

Além de realizar os afazeres da casa, a doméstica cuidava da filha da patroa. Em outro núcleo familiar estava Constância Ribeiro (Walderez de Barros), a trabalhadora é branca e aparentava ser madura. Constância era governanta na mansão de Lalinha (Glória

Menezes), trabalhava há muitos anos com a família, desde a época que moravam na fazenda, e cuidou de todos os filhos dos patrões até crescerem.

Viver a Vida (2009-2010)

A telenovela foi ao ar em 2009-2010 e reapresentada no canal Viva em 2024. A história apresentou o enredo de Helena (Taís Araújo), uma modelo jovem de renome internacional que, no auge da fama, opta por renunciar à sua profissão para se casar com Marcos (José Mayer), um homem 20 anos mais velho. A atriz viveu a primeira Helena negra de Manoel Carlos, a personagem contrastava com as Helenas anteriores, todas eram brancas e maduras. O autor³³ “conta que escolheu Taís Araújo por querer sua Helena negra e jovem, não focando em ‘preconceito a combater’”.

Nas tramas que envolvem as domésticas, temos a empregada Nice (Roberta Almeida), a jovem trabalhava na casa de Tereza (Lilia Cabral). A doméstica vivia “plugada” na família, participava das rodas de conversas, era alegre. Nice tinha o estereótipo do “bobo da corte”, dançava Salsa para alegrar as filhas da patroa, a empregada acreditava que era amiga da patroa, abraçava e aconselhava “dona Tereza”. Em contrapartida, ganhava roupas usadas quando a patroa fazia uma faxina no armário. Em outro núcleo familiar, temos Dalva (Márcia Di Milla), a empregada de Ingrid (Natália do Vale). A empregada é negra, aparentava ser uma mulher madura, era muito amiga da patroa, escutava os desabafos, aconselhava e chorava com a patroa.

Em uma terceira trama, temos Cida (Thaíssa Carvalho), jovem empregada de Betina (Letícia Spiller) e Gustavo (Marcelo Airoldi). Essa personagem tem um apelo diferente das demais domésticas, a empregada se declarava a mulher da casa na ausência da patroa, dava ordens, era conselheira de Gustavo, a quem tratava de “patrãozinho”. Cida era extremamente sensualizada, insinuante e manipulava seu patrão. Nessa trama, há um jogo de interesses, o patrão e a doméstica ocultavam uma relação de troca de flertes e provocações.

Gustavo assediava Cida, ao mesmo tempo que era chantageado pela doméstica que solicitava bens em troca de seu silêncio. A empregada flagrou Gustavo beijando Malu, a prima de Betina.

³³ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2709200911.htm> Acesso: 15/11/2025

Em Família (2014)

A telenovela trouxe para a discussão a história de Helena (Júlia Lemmertz) e Laerte (Gabriel Braga Nunes), que eram primos. O amor, o ciúme e a obsessão definem bem a trama desse par. Duas décadas após a separação do casal, Laerte, que morava na Europa, regressa ao Brasil e se apaixona por Luiza (Bruna Marquezine), filha de Helena e muito parecida com a mãe. O encontro gera o conflito da protagonista, que se abala com o relacionamento entre eles. A história ocorre em três fases, a primeira apresenta a relação dos primos desde a juventude até a separação. Na segunda fase da trama, ocorre o reencontro de Helena e Laerte, a terceira fase traz o conflito tendo a Luiza como foco principal e pivô das tensões e ciúmes do triângulo amoroso de Helena, Laerte e Luiza. A telenovela começou na cidade fictícia de Esperança, localizada no interior de Goiás, com breve passagem pela Europa. A última parte foi gravada na cidade cenográfica do Projac, tendo parte da ação ambientada no Leblon (RJ).

No núcleo das empregadas domésticas, as duas principais eram Gorete (Carol Macedo), uma empregada branca. A jovem trabalhava na casa de Juliana (Vanessa Gerbelli) e Fernando (Leonardo Medeiros). Namorava Jairo (Marcello Melo Jr.). A doméstica tinha uma filha pequena, Bia (Bruna Faria), fruto de um caso amoroso com o patrão. A participação dessa empregada foi breve, Gorete faleceu após um acidente de trânsito.

Rosa (Tânia Toko) é outra empregada da trama. Ela é uma mulher negra que aparenta ser madura e trabalha para a família há muitos anos. Rosa foi doméstica na casa de Chica (Natália do Vale) desde a época em que a família de Helena morava em Goiás. Após alguns anos, passou a servir na casa de Helena.

3.6 As inúmeras formas do trabalho doméstico nas telenovelas

A tabela a seguir relaciona as trabalhadoras com as tarefas domésticas mencionadas no Portal Memória Globo. Na planilha, são 31 telenovelas com 81 trabalhadoras domésticas identificadas pelo nome e relacionadas às diferentes descrições das atividades de trabalho.

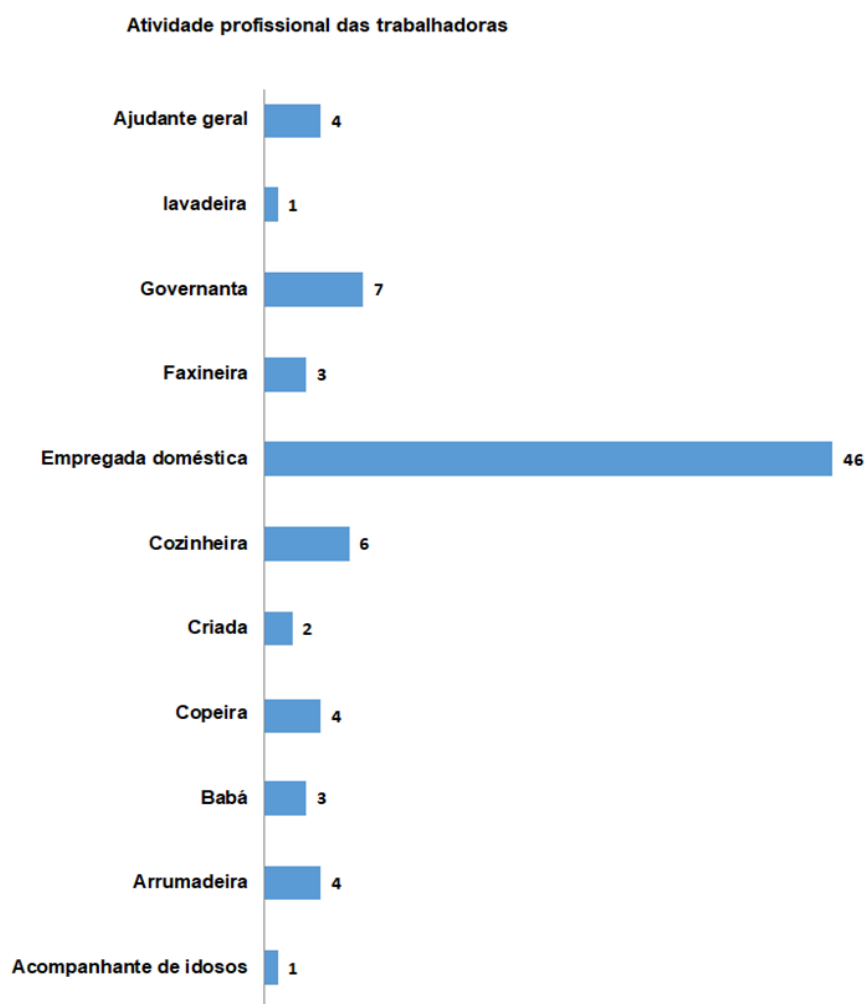
Tabela 2 - As 81 trabalhadoras e as atividades de trabalho

Ordem	Telenovelas	Quant.	Personagem	Atividade profissional	Ordem	Telenovelas	Quant.	Personagem	Atividade profissional
1	Terra Nostra	1	Luiza	Empregada	13	Duas Caras	43	Sabrina	Empregada
		2	Mariana	Governanta			44	Andréia	Copeira
		3	Antônia	Cozinheira	14	A Favorita	0	Ausente	
2	Laços de Família	4	Zilda	Criada	15	Caminho das índias	45	Durga	Empregada
		5	Ritinha	Empregada			46	Nice	Empregada
		6	Irene	Babá	16	Viver a Vida	47	Zilda	Empregada
3	Porto dos	7	Ondina	48			Matilde	Faxineira	
4	O Clone	8	Zoraide	49			Amélia	Ac. de idoso	
5	Esperança	9	Júlia	Criada	17	Passione	50	Soraia	Ajudante
6	Mulheres Apaixonadas	10	Zilda	Empregada			0	Ausente	
		11	Sônia	Empregada	18	Insensato Coração	51	Cida	Empregada
		12	Maria	Empregada			52	Fabiola	Cozinheira
		13	Cândida	Empregada			53	Haíde	Faxineira
		14	Celeste	Empregada	19	Fina Estampa	54	Marilda	Empregada
		15	Selma	Empregada			55	Zuleica	Copeira
		16	Odete	Empregada	20	Avenida Brasil	56	Zeze	Empregada
		17	Yvone	Empregada			57	Janaína	Empregada
		18	Célia	Empregada	21	Salve Jorge	58	Saete	Empregada
		19	Chica	Empregada			59	Creuza	Empregada
		20	Sandra	Empregada	22	Amor à Vida	60	Lídia	Governanta
21	Shirley	Empregada	61	Ivi			Empregada		
22	Gracinha	Empregada	23	Em Família	62	Rosa	Empregada		
23	Alzira	Governanta			63	Ceição	Empregada		
7	Celebridade	24			Palmira	Arrumadeira	64	Zu	Empregada
		25			Hercília	Faxineira	65	Guimar	Empregada
		26			Iara	Copeira	66	Gorete	Empregada
		27	Katia	Arrumadeira	24	Império	0	Ausente	
		28	Regina	Arrumadeira	25	Babilônia	67	Karla	Copeira
29	Cicera	Ajudante	68	Wilma			Empregada		
8	Senhora do Destino	30	Marina	Governanta	26	A Regra do jogo	69	Conceição	Empregada
		31	Clementina	Governanta	27	Velho Chico	70	Doninha	Cozinheira
		9	América	32			Pepita	Babá	71
10	Belíssima	33	Regina	Empregada	72	Josefa	Lavadeira		
		34	Matilde	Empregada	28	A Lei do Amor	73	Santa	Cozinheira
		35	Zulmira	Empregada			74	Zuleika	Babá
		36	Mônica	Empregada	75	Leila	Empregada		
11	Páginas da Vida	37	Lídia	Empregada	29	A Força do Querer	76	Zuleide	Empregada
		38	Elvira	Empregada			77	Dita	Empregada
		39	Constância	Governanta	30	O Outro Lado do Paraíso	78	Rosalinda	Empregada
		40	Thelma	Ajudante			79	Zildete	Cozinheira
		41	Sandra	Ajudante			80	Josefa	Empregada
12	Paraíso Tropical	42	Cristina	Arrumadeira	31	Segundo Sol	81	Maria	Cozinheira

Fonte: Memória Globo/personagens. Elaborado pelo autor.

O mapeamento da coluna personagens do Portal Memória Globo registrou todas as ocupações relacionadas às 81 trabalhadoras domésticas. Apesar das diferentes descrições, as atividades são correlatas, na maioria das vezes exercidas no mesmo ambiente. A dinâmica segue uma lógica: inicialmente a trabalhadora tem a atividade definida, mas acaba assumindo outros afazeres, logo se adapta ao exercício de múltiplas tarefas. Para orientar nossas análises, a ilustração abaixo traz a distribuição quantitativa das inúmeras denominações que, na prática, pertencem ao rol de atividades domésticas exercidas pelas trabalhadoras na ficção e fora das telas.

Gráfico 10 - Distribuição das atividades profissionais nas telenovelas



Fonte: Tabela 2. Elaborado pelo autor.

O gráfico acima indica a distribuição quantitativa das diversas formas de declaração das atividades das trabalhadoras domésticas nas telenovelas, de acordo com os dados de personagens do Portal Memória Globo. Vimos que a maioria dessas atividades apresenta

baixa frequência. Do total de trabalhadoras, destacamos a empregada doméstica como a ocupação que mais se repete. Essas atividades são exercidas nos domicílios dos patrões.

Vale lembrar que algumas trabalhadoras que compõem o quadro de personagens não estão catalogadas na coluna personagens do Portal, por esse motivo não foram consideradas nos gráficos acima. Como exemplo, temos Fausta (Guida Viana), que era diarista de Nazaré Tedesco (Renata Sorrah) em *Senhora do Destino* (Aguinaldo Silva). A personagem foi incluída na pesquisa como corpus de referência, e sua identificação foi feita por meio da análise das cenas da telenovela.

Por meio dessas personagens, os lados social e pedagógico, destacados e discutidos pelos novelistas, conseguem fazer a telenovela provocar reflexões, despertar interesse e atenção, e se conectar com a sociedade nos processos geradores de mudança, logo, as trabalhadoras domésticas são significativas no universo da ficção.

Dentro e fora das telas, a atividade profissional de empregada doméstica, em geral, assume um caráter amplo que exige dinamismo. As empregadas absorvem outras atividades definidas nas “entrelinhas” do contrato de trabalho, essas características marcaram as personagens nas telenovelas. Em alguns casos, as inúmeras formas de trabalho doméstico definem uma só profissional e concentram-se na empregada doméstica. A análise gráfica acima permitiu observar a falta de padronização na forma de declaração da atividade das trabalhadoras domésticas nas telenovelas. Mesmo constituindo atividades análogas, as múltiplas práticas, quando exercidas em conjunto, caracterizam a exploração de mão de obra e sobrecarga imposta às trabalhadoras.

As múltiplas formas de declaração de atividade doméstica pelo Portal Memória Globo podem caracterizar a preferência dos autores ou simbolizar a falta de relevância atribuída à atividade profissional, sendo assim, não há uma referência padrão para a atividade profissional. Dessa forma, podemos supor que esse cenário reflita a realidade. Fora das telas, o trabalho doméstico também é caracterizado por inúmeras atividades, tendo como principal denominação a de “empregada doméstica”, como as trabalhadoras são declaradas pelos patrões. Na rotina de trabalho, algumas empregadas acumulam atividades de diarista, faxineira, babá, cozinheira, lavadeira, passadeira, arrumadeira, acompanhante de criança à escola, cuidadora de idoso.

Atualmente, a prática das múltiplas atividades denominadas atividades domésticas é resultado, dentre outros fatores, do descaso das autoridades com a aplicação e fiscalização das leis trabalhistas que visam proteger as trabalhadoras domésticas com regras definidas na “PEC das domésticas” (Proposta de Emenda à Constituição), que após a promulgação foi

transformada em emenda. A Emenda Constitucional³⁴ n° 72 regulamenta o trabalho doméstico, definindo normas no sentido de minimizar ou mesmo abolir a exploração da mão de obra e igualar os direitos trabalhistas dos trabalhadores e trabalhadoras domésticas aos demais trabalhadores regidos pela CLT³⁵. Dependendo do contexto profissional da trabalhadora, o uso de inúmeras intitulações pode caracterizar o trabalho com exercício de múltiplas tarefas. Por outro lado, dentro desse universo das denominações profissionais, ressignificar a atividade não irá anular a exploração da mão de obra da empregada doméstica.

3.7 Entre a criadagem e as trabalhadoras das telenovelas

No gráfico acima, chama-nos a atenção a atividade denominada de “criada”. Esse vocábulo aparece nas listas de personagens no Portal Memória Globo, utilizado em “telenovela de época” e também nas contemporâneas. Como de exemplo, na telenovela *Esperança* (2002-2003), esta denominação foi atribuída à Júlia (Sheron Menezes) “principal criada da casa de Francisca (Lúcia Veríssimo), uma bela mulata” (Memória Globo). Em *Mulheres Apaixonadas* (2003), era assim que Lorena (Susana Vieira) tratava suas empregadas domésticas.

O uso do termo poderia insinuar um caráter de denúncia, dado que “uma telenovela faz denúncia quando aponta para problemas presentes em nossa sociedade, dando importância à questão, mas tratando-a de modo menos frontal e mais lateral” (MOTTER; JAKUBASZKO, 2007, p. 61). Entretanto, o uso da palavra foi feito sem problematização e direcionado a personagens cuja exploração não era tratada de maneira crítica na trama. Assim, a atribuição de ‘criada’ aponta mais para uma leitura preconceituosa do que de denúncia.

Na telenovela *Laços de Família* (2000), Zilda (Thalma de Freitas) trabalhava como empregada doméstica da protagonista, “dona” Helena, vivida por Vera Fischer. Zilda era uma jovem negra, sem vida própria, descrita na lista de personagens da telenovela como “criada de Helena, parte da família” (imagem).

³⁴ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm
Acesso: 09/04/2025

³⁵ CLT: Consolidação das Leis do Trabalho

Figura 6 - Empregada doméstica Zilda (Laços de Família)



Thalita de Freitas em Laços de Família, 2000 — Foto: Jorge Baumann/Globo.

Criada de Helena (Vera Fischer), parte da família.

Fonte: Memória Globo, acesso 15/07/2025³⁶

A figura acima evidência a imagem de Zilda e o vocábulo “criada”, diferente da maioria das personagens, no caso de Zilda, o Portal Memória Globo denomina a personagem como “criada”. Na mesma telenovela, as empregadas Ritinha e Irene foram submetidas à exploração do trabalho e a violências, mas não foram referidas como criadas.

O portal não explica por que esse termo foi atribuído à Zilda, porém podemos supor que na telenovela essa expressão possua uma conotação análoga ao “período escravista”.

Para Peixoto (2008, p.2) a atividade de criada fazia parte de uma lista de “ocupações mais oferecidas dentre as várias delimitadas e deliberadamente reservadas aos negros, mesmo após a Abolição”. Além das multitarefas, a trabalhadora era maltratada pela nora de Helena, não tinha intervalo de descanso, era uma “doméstica 24 horas”. Nas madrugadas estava sempre disponível para ouvir, aconselhar e servir sua patroa e os demais da casa.

Zilda, assim como descrito pelo portal Memória Globo, era “como se fosse da família”, relação entre os patrões e a empregada denominada por Brites (2007) de “ambiguidade afetiva”. A colocação de que ela seria ‘parte da família’ remete à ideia, bastante comum ainda em muitas famílias de classe alta brasileira, de que um suposto afeto ou proximidade pessoal justificaria a falta de rigor no cumprimento de funções da empregada doméstica. Esse pensamento pode propor um “falso” pertencimento típico de

³⁶ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/lacos-de-familia/noticia/personagens.ghtml>

uma relação desigual, cuja lógica reduz o poder de reivindicações por parte da trabalhadora. Brites (2007) pontua que, apesar de a hierarquia estar presente entre os empregadores e a empregada, há uma carga afetiva por parte dos patrões. Na prática, essa conduta ocorre em paralelo com a exploração da mão de obra sob o manto da relação afetiva e dos laços da confiança mútua.

Helena (Vera Fischer) abriu espaço para a empregada se sentir parte da família, Zilda (Thalma de Freitas), que, além de seus afazeres domésticos que a sobrecarregavam, servia como conselheira e solucionadora de problemas na casa, a ponto de intervir nas brigas dos filhos da patroa. Como resultado, a família se beneficiava, enquanto a funcionária ia além do que sua profissão exigia. Zilda costumava reclamar com frequência, queixando-se da nora de Helena, da violência na cidade e do excesso de trabalho. No entanto, raramente expressava discordância em relação a situações que a incomodavam.

No capítulo 122, Helena conversava com Iris (Debora Secco), sua meia-irmã. A jovem planejava morar com Helena, não queria ficar para o Haras de Alma (Marieta Severo). Por falta de espaço no apartamento de Helena, a adolescente pensou em ficar no quarto de Zilda, sendo que nessa condição a empregada teria que dormir no chão em um colchão. Zilda exclamou: “Ué, eu vou perder o meu cantinho!” “Eu não, imagine! Depois de passar o dia inteiro arrumando casa, fazendo comida, cuidando de criança, de jeito nenhum, eu peço as minhas contas.”

Em outra análise, a personagem poderia simbolizar uma crítica à realidade das empregadas domésticas que sofrem as mesmas opressões. Entretanto, segundo Motter e Jakubaszko (2007), a crítica é um tipo de focalização “pode ser percebida quando a ficção faz a crítica de valores, comportamentos e práticas sociais, mediante personagens ou situações” (p. 62). Para as autoras, isso ocorre quando diálogos e cenas explicitam o olhar crítico do autor sobre determinado tema. Nesses casos, o debate leva à reflexão e contribui para a desconstrução de estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Por outro lado, quando a crítica é inexistente ou não é explícita, a representação pode reforçar estereótipos e naturalizar situações de violência.

3.8 Expansão do Mapeamento

Vimos neste capítulo que Manoel Carlos foi o autor com o maior número de trabalhadoras em sua obra. Ao longo de 18 anos de produção, foram 33 trabalhadoras, divididas em 23 empregadas domésticas e 10 outras trabalhadoras distribuídas em 5 telenovelas. De acordo com o critério de seleção de autor, a quantidade de trabalhadoras domésticas qualificou a obra de Manoel Carlos para as nossas coletas e análises. Ao longo de nossa caminhada, nessa fase inicial do mapeamento, foram encontradas evidências e a partir dessas descobertas surgiram novas ideias. Por isso, percebemos a necessidade de fundamentar as nossas análises com mais informações sobre as trabalhadoras e expandir nosso percurso de modo a definir o recorte desta pesquisa. Passos e Barros (2009, p.17) defendem que “a cartografia como método de pesquisa é o traçado desse plano da experiência, acompanhando os efeitos (sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento) do próprio percurso da investigação”.

Durante os levantamentos deste capítulo, recorreremos à coluna personagens do Portal Memória Globo, onde realizamos a primeira parte do mapeamento das atividades das trabalhadoras domésticas em cada telenovela do período 2000-2018. Porém, essa coluna é limitada, em cada telenovela, ela nos forneceu apenas os nomes e as atividades das trabalhadoras. Para o levantamento de dados dos autores, recorreremos à coluna ficha técnica do mesmo portal. A partir desse ponto da pesquisa, ampliamos nossa busca para as demais colunas do Portal Memória Globo, Portal *GShow*, *Globoplay*, Canal Viva e *Wikipédia*.

No próximo capítulo, seguiremos outras pistas, o mapeamento será direcionado pelo aspecto físico das trabalhadoras, faremos a categorização por denominação racial, o levantamento irá quantificar e qualificar as empregadas negras e não-negras, já que nos interessa estabelecer uma comparação entre a ficção e a realidade das trabalhadoras domésticas.

CAPÍTULO 4: TELENÓVELAS: TRABALHADORAS DOMÉSTICAS NEGRAS E NÃO-NEGRAS

A atividade doméstica nas telenovelas é predominantemente desenvolvida por mulheres brancas. Fora da ficção, há um quadro de desigualdades sociais preocupantes e o trabalho doméstico é majoritariamente ocupado por mulheres negras. Como atividade profissional remunerada, é um lugar de relações muitas vezes conflituosas, espaço onde se

configuram o preconceito, a exploração de mão de obra, onde se cruzam outras possíveis violências relacionadas principalmente às mulheres negras. Neste capítulo, realizamos um levantamento da presença de trabalhadoras domésticas nas telenovelas. Nossa seleção quantificou as trabalhadoras por denominação racial. Esse mapeamento nos permitiu identificar algumas interfaces das opressões nas relações de trabalho.

Em nossas pesquisas preliminares, observamos dois grupos de empregadas domésticas, as trabalhadoras negras e as não-negras. A definição dessa classificação utilizada ao longo deste trabalho tomou como base a categorização³⁷ estabelecida pelo DIEESE. A tabela abaixo agrupa dados das telenovelas das 20h e 21h exibidas originalmente entre os anos 2000 e 2018, a pesquisa quantifica e relaciona o ano da exibição, autores, telenovelas e as trabalhadoras. Para atender nosso objetivo, a coluna quantidade de trabalhadoras é dividida em duas partes, correspondendo respectivamente às empregadas negras e não-negras. A organização dos dados abaixo servirá de base para as nossas análises e comparações.

³⁷ Negras: Pretas + Pardas. Essa categorização foi definida pelo DIEESE.

Não-Negras: Brancas + Amarelas + Indígenas. Essa categorização foi definida pelo DIEESE.

Tabela 3 - Trabalhadoras categorizadas por denominação racial

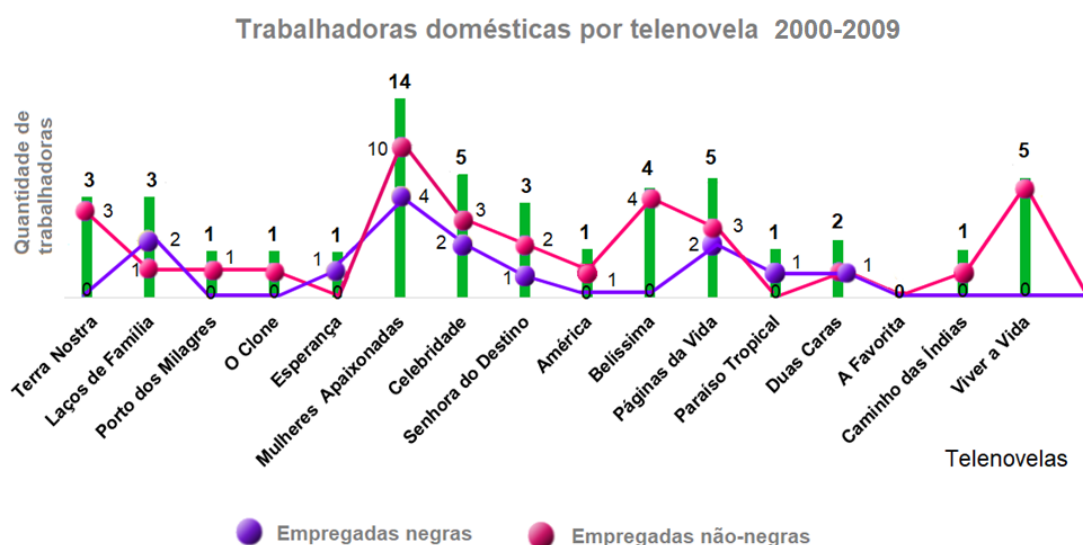
Ordem	Ano	Autor	Telenovelas	Quantidade de trabalhadoras	
				Negras	Não negras
1	1999/2000	Benedito R. Barbosa	Terra Nostra	0	3
2	2000/2001	Manoel Carlos	Laços de Família	2	1
3	2001/2001	Aguinaldo Silva Ricardo Linhares	Porto dos Milagres	0	1
4	2001/2002	Glória Perez	O Clone	0	1
5	2002/2003	Benedito R. Barbosa Walcyr Carrasco	Esperança	1	0
6	2003/2003	Manoel Carlos	Mulheres Apaixonadas	4	10
7	2003/2004	Gilberto Braga	Celebridade	2	3
8	2004/2005	Aguinaldo Silva	Senhora do Destino	1	2
9	2005/2005	Glória Perez	América	0	1
10	2005/2006	Sílvio de Abreu	Belíssima	0	4
11	2006/2007	Manoel Carlos	Páginas da Vida	2	3
12	2007/2007	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Paraíso Tropical	1	0
13	2007/2008	Aguinaldo Silva	Duas Caras	1	1
14	2008/2009	João Emanuel Carneiro	A Favorita	0	0
15	2009/2009	Glória Perez	Caminho das Índias	0	1
16	2009/2010	Manoel Carlos	Viver a Vida	0	5
17	2010/2011	Sílvio de Abreu	Passione	0	0
18	2011/2011	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Insensato Coração	1	2
19	2011/2012	Aguinaldo Silva	Fina Estampa	1	1
20	2012/2012	João Emanuel Carneiro	Avenida Brasil	1	1
21	2012/2013	Gloria Perez	Salve Jorge	0	2
22	2013/2013	Walcyr Carrasco	Amor à Vida	0	1
23	2014/2014	Manoel Carlos	Em Família	3	3
24	2014/2015	Aguinaldo Silva	Império	0	0
25	2015/2015	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Babilônia	0	2
26	2015/2016	João Emanuel Carneiro	A Regra do Jogo	0	1
27	2016/2016	Benedito R. Barbosa Edmara Barbosa	Velho Chico	2	1
28	2016/2017	Maria A. Amaral Vicent Villari	A Lei do Amor	0	3
29	2017/2017	Gloria Perez	A Força do Querer	0	2
30	2017/2018	Walcyr Carrasco	O Outro Lado do Paraíso	0	2
31	2018/2018	João Emanuel Carneiro	Segundo Sol	1	1
			Soma	23	58

Fonte: Memória Globo, GShow e Wikipedia. Elaborado pelo autor da pesquisa.

A tabela acima apresentou uma comparação entre as 31 telenovelas das 20h e 21h, exibidas na TV Globo entre os anos 2000 e 2018. A pesquisa preliminar identificou 81 trabalhadoras, sendo 23 trabalhadoras negras e 58 trabalhadoras não-negras. Esses indicadores serão fundamentais para as nossas inferências. Cabe lembrar que o portal Memória Globo nas colunas personagens não cita todas as trabalhadoras das telenovelas, algumas das empregadas ausentes da lista poderão ser identificadas durante o desenvolvimento da pesquisa.

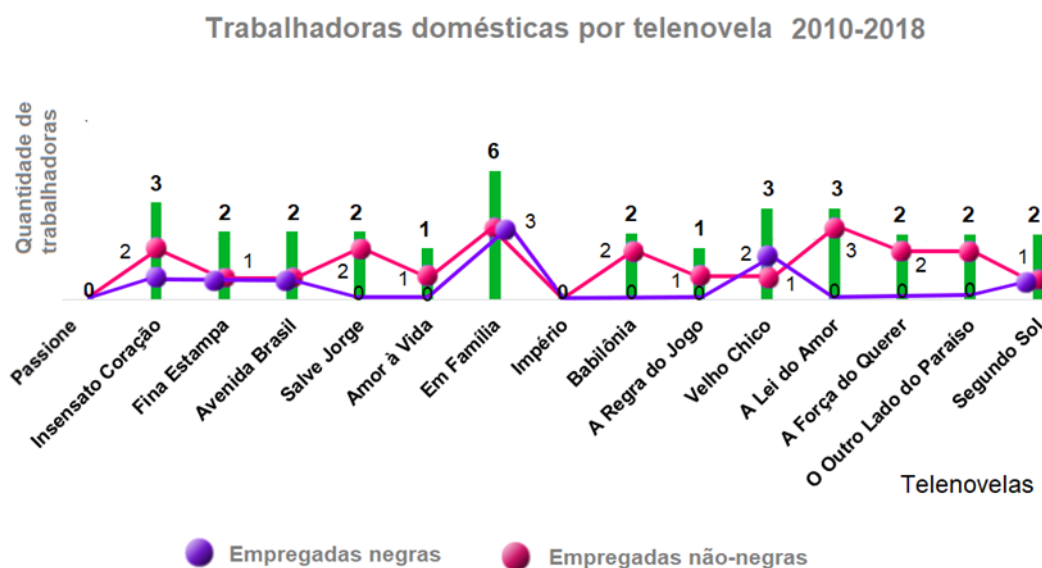
Os elementos gráficos abaixo quantificam e qualificam as personagens. A ilustração combina o gráfico de colunas verticais com um gráfico de linhas horizontais. As colunas apresentam e comparam a distribuição da frequência quantitativa parcial e total de trabalhadoras domésticas negras e não-negras por telenovela. A amplitude gráfica do período (2000-2018) é muito extensa, portanto, foi necessário dividir em duas partes: a primeira compreende os anos 2000-2010) finalizando na telenovela *Viver a Vida* (2009-2010); e o segundo período inicia-se na telenovela *Passione* (2010) e finaliza na telenovela *Segundo Sol* (2018). Nos gráficos, duas linhas interligam as quantidades de trabalhadoras classificadas por denominação racial, as linhas permitem visualizar tendências de forma mais intuitiva.

Gráfico 11- Distribuição das trabalhadoras negras e não-negras por telenovela das 20h e 21h (2000-2009)



Fonte: Tabela 3. Elaboração do autor.

Gráfico 12 - Distribuição das trabalhadoras negras e não negras por telenovela das 20h e 21h (2010-2018)



Fonte: Tabela 3. Elaboração do autor.

As representações gráficas acima sistematizam os dados em dois conjuntos de elementos, visando facilitar a identificação de diferentes informações das trabalhadoras domésticas nas telenovelas. Nas ilustrações 11 e 12, as colunas representam as 31 telenovelas e comparam quantitativamente a distribuição da classificação por denominação racial das 81 trabalhadoras domésticas. A quantidade total de trabalhadoras por telenovela é indicada na extremidade de cada barra.

No gráfico, há duas linhas que interligam as colunas, uma linha foi definida para conectar as quantidades de trabalhadoras negras e a segunda linha conecta as quantidades de trabalhadoras não-negras. As interligações das linhas indicam tendências, comparam as quantidades de trabalhadoras por telenovela e mostram a flutuação quantitativa do agrupamento de empregadas.

Na ilustração, ao observar as barras é possível perceber que as telenovelas *Império* (Aguinaldo Silva), *Passione* (Silvio de Abreu) e *A Favorita* (João Emanuel Carneiro) não apresentaram nenhuma trabalhadora doméstica no quadro de personagens. A telenovela *Mulheres Apaixonadas* (Manoel Carlos) tem destaque, fez uso de 14 trabalhadoras distribuídas em quatro trabalhadoras negras e dez não-negras. *Em Família* (Manoel Carlos) contou com 6 trabalhadoras, sendo três negras e três não-negras, na sequência temos *Celebridade* (Gilberto Braga) e *Páginas da Vida* (Manoel Carlos) que apresentaram em seu elenco cinco trabalhadoras cada, sendo respectivamente três trabalhadoras não-negras e duas

trabalhadoras negras. Para compor o quadro de personagens em *Viver a Vida* (Manoel Carlos), o autor fez uso de cinco trabalhadoras não-negras. As demais telenovelas em seus quadros de personagens mesclaram trabalhadoras negras e não-negras e registraram a presença de no máximo quatro trabalhadoras.

Ainda nas ilustrações, as linhas indicam tendências ao longo do tempo, logo, ao observar as conexões, é possível perceber que há uma variação quantitativa entre os pontos das colunas. Essa flutuação está relacionada à quantidade de empregadas em cada telenovela. As maiores oscilações ocorreram entre as telenovelas *Terra Nostra* (1999-2000) e *Viver a Vida* (2009-2010), nesse período, nas 16 telenovelas foram identificadas 14 empregadas negras e 36 empregadas não-negras. Nesse intervalo, Manoel Carlos foi o autor que mais criou esse tipo de personagem. A partir da telenovela *Passione* (2010-2011), percebe-se menor oscilação nas linhas de tendência quando comparado ao período anterior.

Esse aspecto mais linear ocorre em função da menor participação dessas personagens nas telenovelas.

A distribuição mais equilibrada segue até a telenovela *Amor a Vida* (Walcy Carrasco), exibida no ano 2013, logo depois Manoel Carlos rompe essa linearidade com a sua última obra, a telenovela *Em Família* (2014). A ilustração indica que o elenco era composto por seis trabalhadoras domésticas, quantidade equivalente ao dobro da média do intervalo. Na sequência temos um período com oscilações quantitativas mais moderadas, em alguns casos tendendo a zero. Em contraste com a realidade, a linha correspondente à participação das empregadas negras indica a maior baixa no período, com a mínima oscilação. O indicador quantitativo da presença de empregadas não-negras apontou uma queda. Nas 15 telenovelas que compõem o período (2010-2018), são identificadas 9 empregadas negras e 22 empregadas não-negras.

Para concluir a ilustração acima, a telenovela *Segundo Sol* (João Emanuel Carneiro) apresenta duas empregadas significativas para esta pesquisa: duas personagens que mantiveram relações afetivas com seus empregadores. Josefa dos Santos, Zefa (Claudia de Moura), é negra, trabalha desde os 13 anos na fazenda dos Athayde.

Zefa manteve um romance com Severo Athayde (Odilon Wagner) durante anos e engravidou duas vezes, teve um menino branco e outro negro. O menino branco foi adotado pela patroa Claudine (Cássia Kiss) e foi batizado como Edgar (Caco Ciocler), tornando-se o herdeiro da família. O menino negro ficou com Zefa, cresceu sem saber quem era o pai biológico, foi batizado como Roberval (Fabricio Boliveira). A diferença entre os destinos das crianças reflete o racismo

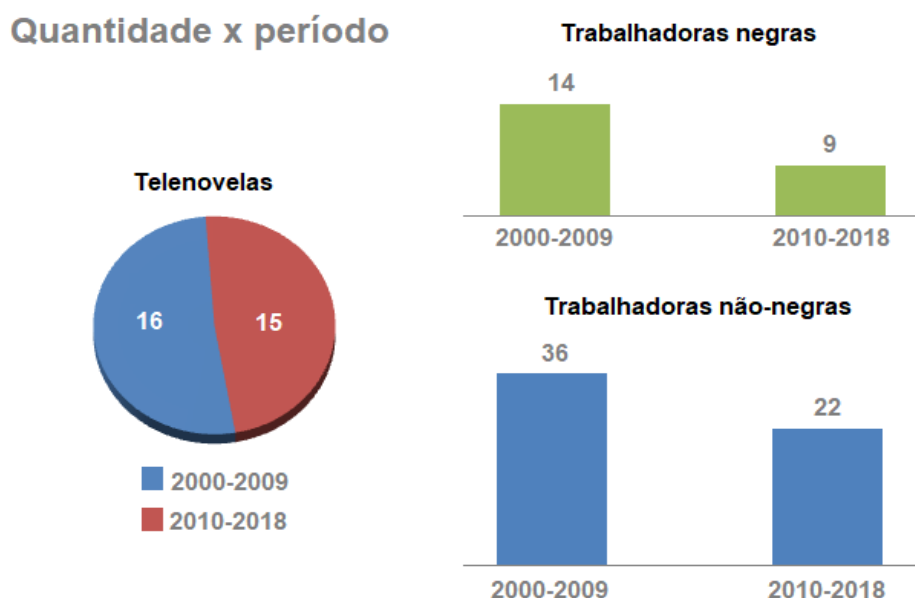
estrutural que acomete a sociedade brasileira, na qual os brancos têm oportunidades enquanto o percurso dos negros contém mais obstáculos.

A segunda empregada é Cacau (Fabíula Nascimento). A personagem era branca e retratava uma mulher madura, que atuava como cozinheira. Cacau tem um filho com o patrão, mas se envolve com o motorista. A trama dessas personagens do recorte da obra de João Emanuel Carneiro reforça os dilemas centrais investigados nesta pesquisa, evidenciando como as narrativas das empregadas domésticas se conectam a questões estruturais que envolvem relações de poder, racismo, exploração de mão de obra e outras violências.

4.1 Comparativo: empregadas domésticas nas telenovelas por denominação racial

A representação abaixo sintetiza o comportamento das linhas de tendências dos gráficos 11 e 12. Para facilitar o entendimento, organizamos o indicador abaixo em dois períodos: 2000-2009 (16 telenovelas) e 2010-2018 (15 telenovelas). O gráfico estabelece uma comparação quantitativa da produção de telenovelas e a presença de trabalhadoras negras e não negras nas duas décadas.

Gráfico 13 - Comparativo de produção de telenovelas e participações das empregadas negras e não-negras



Fonte: Gráficos nº11 e 12. Elaborado pelo autor.

A ilustração acima trouxe uma representação quantitativa do conjunto de gráficos anteriores, organizada em dois períodos. No indicador, observa-se que as trabalhadoras negras e não-negras estão em maior número nas telenovelas mais antigas, entre os anos (2000-2009). Com base nessa variação, podemos supor que as empregadas começaram a perder espaço nas telenovelas a partir do ano de 2010. Esse comportamento segue até a telenovela *Segundo Sol* (João Emanuel Carneiro), exibida no ano de 2018, última telenovela indicada no portal Memória Globo até a data da conclusão deste levantamento.

Consideramos que a menor quantidade de telenovelas do período 2010-2018 ocasionou baixo impacto na quantidade de trabalhadoras.

Ainda na análise gráfica, a comparação evidenciou que as trabalhadoras domésticas negras são minoria nos dois períodos. Uma possível explicação para a redução progressiva no número de trabalhadoras domésticas negras, principalmente na segunda década, pode se dar em virtude dos avanços sociais dos últimos anos, assim essas mudanças teriam impacto veemente nos autores e suas criações. A partir desse pensamento, poderíamos supor que os autores de telenovelas continuamente em suas ações afirmativas buscam fugir de um possível “viés racista” – pelo qual o autor ou o responsável pela seleção do elenco recorre a atrizes negras somente para interpretar personagens menos relevantes. Dessa forma, como confirmado na linha de tendência das ilustrações acima, o número de empregadas negras nas telenovelas foi decrescendo ao longo do tempo.

Para reforçar essa ideia, podemos considerar que essa tendência decrescente apontada no indicador também pode ser atribuída à influência de novos autores na construção dos roteiros das telenovelas, com maior letramento sobre questões étnico-raciais. Ou, ainda, ser sugestão da emissora ou dos responsáveis pelo recrutamento do elenco. Logo, as atrizes negras passaram a ocupar papéis mais significativos.

Vale ressaltar que Manoel Carlos, um autor das “antigas”, quebrou um paradigma de quase 30 anos, ao colocar uma atriz negra no papel principal da telenovela *Viver a Vida* exibida entre os anos 2009 e 2010. Taís Araújo foi a primeira Helena negra, personagem tradicionalmente interpretada por mulheres brancas. Com a primeira Helena negra, Manoel Carlos rompe a “mítica” onde predomina a ideologia da branquitude que define um padrão de beleza (Araújo, 2008). Essa ideia era reforçada pela personagem principal que, segundo Maneco, foi inspirada na mitologia grega de Helena³⁸ de Troia, que “tinha a reputação de ser a mulher mais bela do mundo” (GShow, 2025).

³⁸Fonte: <https://gshow.globo.com/novelas/noticia/tv-globo-60-anos-relembre-as-helenas-de-manoel-carlos.ghtml> Acesso: 28/05/2025

É necessário considerar as mudanças sociais, mas não se pode ignorar os rastros do preconceito enraizados na cultura. Para Araújo (2008), o mito da democracia racial brasileira no cinema e na telenovela “caracteriza-se como uma poderosa cortina que dificulta a percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e provoca a falta de reconhecimento da importância dos atores e das atrizes negras na história do cinema e da televisão do país”. (Araújo, 2008, p.979)

Para o autor Aguinaldo Silva, o preconceito faz parte da cultura nacional que é retratada na ficção, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo³⁹. Silva pontua que a telenovela reflete o preconceito do brasileiro.

Acho que o problema é mais amplo do que colocar a culpa do preconceito na TV ou nas novelas. Quantos negros ocupam cargos de direção nos jornais ou nas universidades, por exemplo? As novelas, a literatura reflete o preconceito que existe na sociedade, afirma.

Se o preconceito é um problema estrutural, a telenovela pode prestar um grande serviço à nação. Logo, a partir da ficção é possível analisar o Brasil e perceber no âmbito geral o que as narrativas contextualizam. A partir dessa análise, focamos nas relações entre as trabalhadoras e seus patrões, cujas abordagens revelam preconceitos e violências.

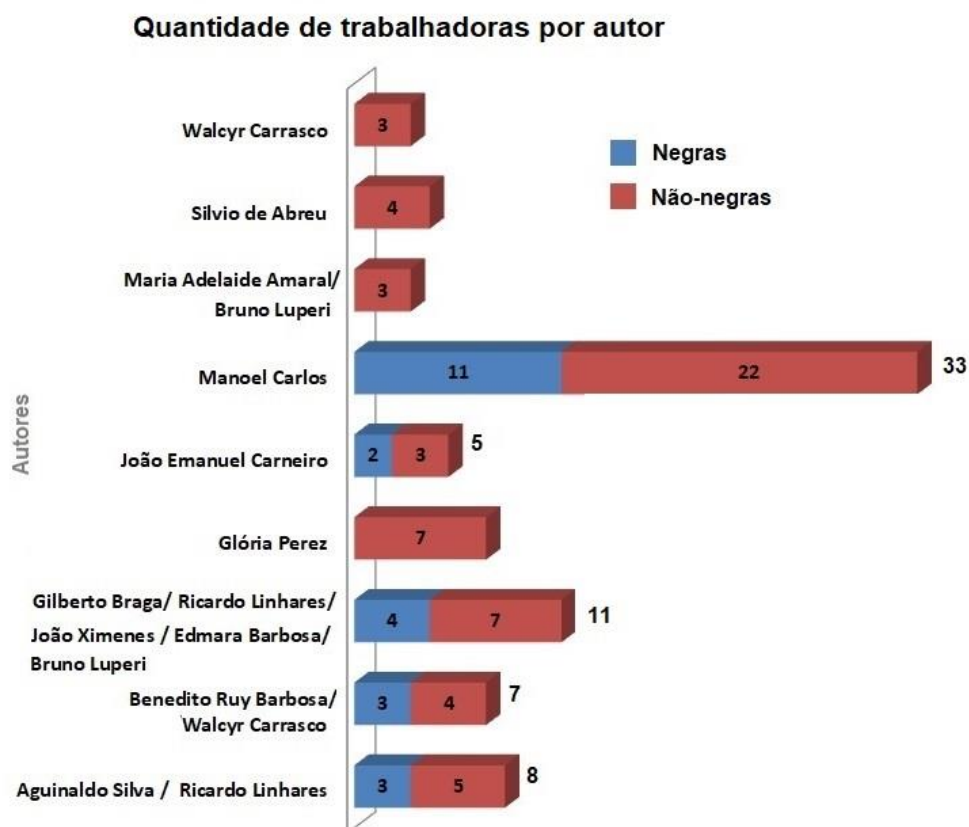
Ao longo do mapeamento, percebemos que as telenovelas de Maneco quantitativamente foram as que mais retrataram as trabalhadoras domésticas negras e não-negras em seus quadros de personagens. A presença massiva dessas empregadas representa a realidade brasileira que compõe uma narrativa da nação (Lopes, 2003). É de nosso interesse saber como é a distribuição quantitativa das trabalhadoras domésticas pelos autores.

4.2 Autores e as preferências por tipo de trabalhadoras nas telenovelas

O gráfico abaixo representa a distribuição das trabalhadoras domésticas nas telenovelas com seus respectivos autores e coautores. Os elementos gráficos quantificam, comparam e qualificam em trabalhadoras negras e não-negras distribuídas nas colunas correspondentes aos autores das telenovelas. A quantidade total de trabalhadoras por autor é indicada na extremidade de cada coluna.

³⁹ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq28089841.htm> Acesso: 23/04/2025

Gráfico 14 - Autores e as trabalhadoras domésticas negras e não negras



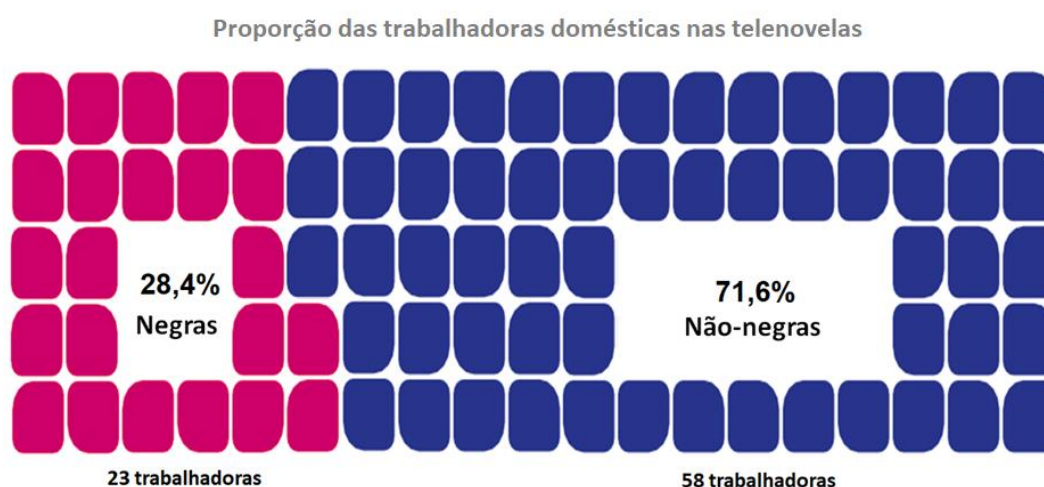
Fonte: Tabela 3. Elaboração do autor.

A ilustração acima representou a distribuição quantitativa das 81 trabalhadoras domésticas pelos respectivos autores das 31 telenovelas. A ilustração indica uma distribuição desproporcional, que sugere a preferência de alguns autores por esse tipo de personagem. As telenovelas de Manoel Carlos detêm 40,7% da mão de obra do total das 81 trabalhadoras domésticas. Com 33 trabalhadoras, Carlos foi o autor que mais fez uso dessas personagens para compor o elenco de suas telenovelas, assim foram 11 empregadas negras e 22 não-negras. O gráfico acima indicou que os demais autores detêm uma distribuição mais equilibrada, sendo assim, Glória Perez, Maria Adelaide Amaral, em parceria com Bruno Luperti, Silvio de Abreu e Walcyr Carrasco não registram a participação de trabalhadoras domésticas negras em suas telenovelas. Por meio da ilustração, não é possível identificar a opinião dos autores nem os fatores que impactaram na escolha da personagem.

O indicador revelou a predominância masculina na autoria das telenovelas, ao passo que a participação feminina esteve limitada a três autoras: Glória Perez, Maria Adelaide Amaral (coautora) e Edmara Barbosa (coautora). Nessa relação de parcerias, não há possibilidade de avaliar o impacto das opiniões femininas nas questões de roteiro e escolha

de personagens. Diante dessa quantidade de trabalhadoras, interessa-nos estabelecer uma relação de proporção entre as personagens negras e as não-negras, entre os anos 2000-2018.

Gráfico 15 - Distribuição das trabalhadoras nas telenovelas



Fonte: Tabela 3. Elaboração do autor.

A ilustração acima apresentou a distribuição das trabalhadoras categorizadas por denominação racial. A relação entre as trabalhadoras negras e não-negras é apresentada na forma de porcentagem e em termos de quantidade. Na análise do total de trabalhadoras, percebemos que a participação é majoritariamente branca, totalizando 58 empregadas, que representam 71,6% da mão de obra nas telenovelas entre os anos 2000-2018, equivalente a 2,5 vezes a mais que o número de empregadas negras, o qual corresponde a 23 trabalhadoras. Na distribuição, esse dado corresponde a 28,4% do total.

Quanto às empregadas negras, mesmo estando em minoria, a menor participação dessas personagens no papel de trabalhadora doméstica não anula a discussão sobre a escassez de atrizes negras em papéis de maior destaque nas telenovelas. Ao falar à CNN⁴⁰ sobre visibilidade negra na TV, os atores e atrizes reconhecem que as mudanças ocorrem a passos curtos e lentos, mas ressaltam que é importante comemorar o momento histórico sobre o protagonismo negro na TV.

⁴⁰ Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/atores-falam-sobre-visibilidade-negra-nas-novelas-da-tv-globo-foi-tarde/#:~:text=Protagonismo%20negro%20na%20Globo&text=Em%202023%2C%20a%20presen%C3%A7a%20de,negro%20atingiu%20o%20marco%20in%C3%A9dito.>

Acesso: 23/04/2025.

Pela primeira vez na história, todas as novelas da TV Globo têm protagonistas negras. As atrizes Gabz, 25, Jessica Ellen, 32, e Duda Santos, 23, representam um marco de visibilidade na dramaturgia brasileira, estrelando simultaneamente as produções “Mania de Você”, “Volta por Cima” e “Garota do Momento”. (CNN, 2024)

Por outro lado, a telenovela reflete a realidade social do país, logo, podemos supor que, para as atrizes negras, são dados papéis que reforçam estereótipos tradicionais relacionados à profissão e, nas telenovelas, ocupam cargos de empregadas, babás, cozinheiras, lavadeiras e outros.

Assim, as telenovelas brasileiras elencadas apresentam personagens de empregadas domésticas interpretadas por atrizes brancas, o que contrasta com a realidade social do país, onde a maioria das trabalhadoras domésticas é negra. Essa representação evidencia uma desconexão entre a ficção e a realidade, reforçando estereótipos e invisibilizando a presença negra em determinados espaços. No entanto, quando as novelas passam a incluir atrizes negras nesses papéis, surge outro tipo de questionamento, sobretudo por parte do movimento feminista negro, que critica a limitação dessas atrizes a funções subalternas e secundárias.

Assim, forma-se um paradoxo: a ausência de mulheres negras nas telenovelas é um problema, mas sua presença restrita a papéis de servidão também reforça desigualdades históricas e simbólicas.

Vimos no indicador acima que, na ficção, a atividade doméstica é ocupada majoritariamente por empregadas não-negras. Entretanto, na casa das Helenas, esse cenário se reconfigura, aproximando-se um pouco mais da realidade. Na relação patronal, a casa de Helena é um lugar onde a representação é baseada majoritariamente entre a patroa-branca e a trabalhadora-negra, a desigualdade se manifesta nos contextos sociais e econômicos, portanto pode ser um retrato do Brasil.

4.3 As empregadas das Helenas, parte ou propriedade da família

Helena foi o nome das protagonistas de todas as telenovelas do autor no período 2000-2018. Na casa delas, as domésticas trabalhavam o dia inteiro e, à noite, os patrões não tinham pudor para exigir o trabalho em tempo integral. Era como se fosse uma regra patronal legitimada pela relação de proximidade, pelo afeto e pela dependência da trabalhadora. A elite detinha o poder, afinal as empregadas de Helena moravam em um quarto na casa da patroa, não tinham para onde ir, situação típica de relação que vai além do âmbito profissional.

No ambiente doméstico, o vínculo entre patroas e empregadas era marcado por conflitos e contrastes, reflexo da diferença de nível social. A casa de Helena retratava a dinâmica entre a bondosa patroa branca e a empregada negra, entre as opressões e as relações familiares no contexto das raízes do trabalho doméstico. Nessa casa, a doméstica negra cuidava de uma criança branca que futuramente seria seu patrão ou patroa, já o filho da empregada seria criado por outra pessoa.

A complexidade do trabalho doméstico das babás no contexto histórico e atual é retratado no documentário⁴¹ de Consuelo Lins ‘Babás’, que destaca a abrangência tanto de vínculos afetivos quanto relações de trabalho. Em sua análise histórica, Lins (2010) abordou o período da escravidão e a presença da ama de leite, conhecida como "mãe preta", mulher escravizada que amamentava a criança branca de seu senhor. No entanto, esse mesmo carinho não podia ser oferecido ao seu próprio filho, que era cuidado por outra pessoa. A produção faz uma comparação entre o período histórico e o atual e apresenta trechos que mostram a separação das babás de seus filhos, a convivência íntima, porém desigual, com as famílias de seus empregadores, e a luta dessas profissionais por direitos e dignidade. O vídeo convida à reflexão sobre as transformações ao longo do tempo. Embora tenha havido progressos nas relações de trabalho, a complexidade dessa relação histórica entre patroas e babás ainda persiste. Randall (2018) considera que a complexidade do trabalho doméstico, que abrange tanto vínculos afetivos quanto relações de trabalho, pode ser definida como *paradoxo afetivo*.

Manoel Carlos definiu um cenário que combina fatores que remetem ao estereótipo da “mãe-preta”. Para entender essa relação recorreremos a Freyre (2005) quando o autor pontua que, entre os diversos tipos de trabalho escravo, destaca-se o da “ama de leite”: a escrava subia da senzala para a casa grande onde amamentava e criava a criança branca de seus opressores.

Hall (2016) pontua algumas características do estereótipo da mãe preta, como “*black mammy*”⁴², “*Mammy*, a escrava doméstica sempre fiel e dedicada” (HALL, 2016, p.172).

Ainda de acordo com Freyre (2005), as escravas eram tidas como “mães-pretas”. O autor defende que essas mulheres escravizadas se comportavam como se fossem da família - “quanto às mães-pretas, referem-se às tradições o lugar verdadeiramente de honra que

⁴¹ Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=JTIfgGr_Y3Q&t=709s Acesso: 20/11/2025

⁴² Para Hall (2016) *Black Mammy* é um estereótipo racial associado a mulheres negras escravizadas, o termo vem do inglês, “mãe preta” servia na casa dos brancos, era fiel e dedicada. Esse termo foi herdado do imperialismo e do capitalismo inglês. Para o autor, a estereotipagem é uma aplicação do poder simbólico.

ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais” (Freyre, 2005, p. 435). A frase “como se fosse da família” alinha-se às empregadas domésticas das Helenas e demais patroas das telenovelas de Manoel Carlos, com o bordão sendo repetido constantemente. Em perspectiva que perpetua o caráter da “mãe preta”, as empregadas, além de serviçais, eram frequentemente representadas como babás.

Compreender a cultura brasileira é fundamental para refletir sobre a realidade da mulher negra, inclusive da trabalhadora doméstica. Lélia Gonzales (1984) pontua que o “mito da democracia racial” oculta onde a mulher negra está situada nesse discurso, sendo um lugar permeado de racismo e sexismo e que define algumas percepções sociais. Nas palavras da autora, “a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta”. (Gonzales, 1984, P. 224)

O estereótipo da mãe preta é descrito nas telenovelas *Laços de Família* (2000-2001), *Mulheres Apaixonadas* (2003), *Páginas da Vida* (2006-2007) e *Em Família* (2014). Nessas telenovelas, todas as Helenas eram brancas e as empregadas mais próximas que cuidavam de seus filhos ou netos eram negras, elas transitavam entre dois mundos onde a pobreza e a riqueza são diversas.

Na telenovela *Viver a Vida* (2009-2010), Manoel Carlos inverte a relação patroa branca-empregada negra com a primeira Helena negra, cuja empregada era branca. Essa iniciativa se distancia de um possível estereótipo definido culturalmente pelo racismo, que sustentava que o papel da protagonista deveria pertencer a uma personagem branca. A relação entre Helena (Taís Araújo) e sua empregada era branca, a protagonista não tinha muita interação com a doméstica. Ao analisar a lista de personagens do portal Memória Globo, percebemos que para essa telenovela, Manoel Carlos selecionou apenas atrizes brancas para compor o quadro de trabalhadoras domésticas.

A amostra a seguir está relacionada ao núcleo de empregadas domésticas das casas das Helenas e objetiva identificar e refletir a realidade recorrente no Brasil. O quadro a seguir traz uma seleção de telenovelas de Manoel Carlos e compara as empregadas domésticas com as patroas (Helenas). Para estabelecer as comparações necessárias, do lado esquerdo da tabela registramos as principais trabalhadoras e a denominação racial dessas personagens, enquanto do lado direito da tabela registramos as patroas e a respectiva denominação racial.

A planilha também apresenta um breve histórico do nível de relacionamento das empregadas domésticas com as patroas, definido no portal Memória Globo. Nossa análise

pretende identificar se há exploração da mão de obra doméstica. Além disso, trazemos para a discussão a distribuição das trabalhadoras das Helenas, categorizadas em negras e não negras.

O conjunto abaixo corresponde às telenovelas *Laços de Família*, *Mulheres Apaixonadas*, *Páginas da Vida*, *Viver a Vida* e *Em Família*.

Tabela 4 - As empregadas e as patroas (Helenas)

As empregadas e as patroas (Helenas)						
Ordem	Telenovela	Empregada	Negra/não-negra	Patroa	Negra/não-negra	Nível de relacionamento das empregadas com a patroa
1	Laços de Família	Zilda (Thalma de Freitas)	Negra	Helena (Vera Ficher)	Não-negra	Criada de Helena, parte da família.
2	Mulheres Apaixonadas	Sônia Fernandes (Priscila Dias)	Negra	Helena (Cristiane Torloni)	Não-negra	A relação de carinho é tamanha que Sônia entregou seu filho para Helena batizar.
3	Páginas da Vida	Lídia Alves (Thalita Carauta)	Negra	Helena (Regina Duarte)	Não-negra	Além de cuidar dos afazeres domésticos, é amiga da patroa e está sempre pronta a ajudá-la nos momentos difíceis.
4	Viver a Vida	Zilda (Sheila Matos)	Não-negra	Helena (Taís Araujo)	Negra	Trabalha na casa de Helena (Taís Araújo) e Ellen (Daniele Suzuki).
5	Em Família	Rosa (Tânia Toko)	Negra	Helena (Júlia Lemertz)	Não-negra	Empregada na casa de Chica (Natália do Vale) desde a época em que a família morava em Goiás.

Fonte: Autor, dados Memória Globo, *GShow*, *Globoplay*.

O quadro acima apresentou uma seleção das principais empregadas domésticas das Helenas de Manoel Carlos e relacionou com as respectivas patroas. Ainda na tabela, qualificamos todas as personagens como negras ou não-negras. Nossa investigação tem o propósito de identificar e analisar o que há por trás do relacionamento entre as patroas e as empregadas nessa seleção de telenovelas. Na tabela acima, a descrição de nível de relacionamento das empregadas com as patroas define um vínculo parcial que sempre privilegia dona Helena - o vocábulo “dona” aqui designado no contexto de realeza porque as trabalhadoras tinham a patroa no pedestal.

O afeto das trabalhadoras simboliza devoção a uma amizade oportuna para a patroa, fruto de uma relação em que de fato não se percebe o limite entre a dedicação e a exploração da mão de obra. Sem aparentar, a patroa se abstém, não se sabe até onde compartilha do

mesmo sentimento, mas faz uso dessa amizade em benefício próprio e da casa. Esse vínculo de afetividade tornava a empregada “propriedade da família” – podendo ter outro significado na visão da empregada, definida como “parte da família”.

Há uma dinâmica do abuso nessas situações que constituem relações que habitam no contexto dos sistemas que Bourdieu (1989) chama de poder simbólico, ao definir uma ordem social que atende aos interesses da elite. Aqui, a ficção representa a realidade no que tange a essa relação desigual, pois a vulnerabilidade da empregada é explorada pela empregadora com jornada de trabalho sem limites de horário, exercício de multitarefas e/ou trabalho sem carteira assinada. Como exemplo, apresentamos abaixo um breve resumo das atividades regulares atribuídas a todas as trabalhadoras negras, conforme descrito na tabela 2.

- Na telenovela *Laços de Família* (2000), Zilda fazia todos os serviços da casa, estava sempre disponível. A jovem empregada negra também era babá do neto de Helena, além disso, tinha a responsabilidade de cuidar do filho da amiga da patroa, Capitu (Giovanna Antonelli).
- Em *Mulheres Apaixonadas* (2003), a família tinha duas empregadas, mas Sônia era quem fazia os serviços e estava sempre disponível, a jovem trabalhadora negra também cuidava do filho de Helena.
- Na telenovela *Páginas da Vida* (2006), Lídia era a empregada de Helena, a jovem negra fazia os serviços da casa, estava sempre disponível e era babá da filha adotiva da patroa. Ao longo do dia, Lídia realizava as tarefas domésticas e tomava conta da filha de Helena (Regina Duarte), levando-a à escola e ao parque, enquanto a patroa trabalhava no hospital. À noite, enquanto Helena saía com Diogo (Marcos Paulo), seu namorado, Lídia permanecia na casa sendo a babá da menina.
- Em *Viver a Vida* (2010), Zilda foi empregada da primeira Helena negra. A trabalhadora doméstica era branca e aparentava ser madura. A rotina de Helena (Thaís Araújo) era diferente das outras Helenas, pois a casa permanecia vazia devido às constantes viagens e sua participação em eventos de moda. A empregada quase não era vista em serviço, mas a doméstica estava presente quando Helena voltava de um evento, até mesmo nas altas horas da noite, e servindo nas confraternizações dos amigos da patroa.
- Na telenovela *Em Família* (2014), Rosa era empregada de Antônia, cuidou dos filhos da patroa, estava sempre disponível. A empregada era negra, permaneceu na família

por muitos anos, serviu à mãe, depois foi doméstica de Helena, a filha. Essa relação reforça a perspectiva da empregada como uma propriedade da família, passada para gerações futuras como se fosse herança.

O termo “sempre disponível” pode adotar dois significados. Do ponto de vista das trabalhadoras, descreve um aspecto de disponibilidade, dedicação, estando sempre prontas para ajudar quando necessário. No âmbito dos empregadores, o termo “sempre disponível” pode descrever um estado de quem está sob domínio, além daqueles definidos pelas leis.

Em *Laços de Família*, Irene, a ex-babá, agora idosa, continuou na casa de Nilda (Yara Lins), onde prestava serviços de doméstica e atuava como acompanhante de sua patroa em festas e eventos. Essa situação se relaciona com a exploração da mão de obra, as empregadas estão sempre alertas aguardando para entrar em cena, sem adoecer, sem se cansar, tanto durante o dia quanto à noite, incluindo finais de semana e feriados. Em alguns casos, essa disposição de estar “sempre disponível” é favorecida pela moradia da trabalhadora que vive em um quatinho na casa da patroa. Nessa condição, temos a empregadas Ritinha, Irene e Zilda de *Laços de Família* e Cida de *Viver a Vida*.

Para as trabalhadoras formalizadas, esse controle exercido pelos patrões pode impactar até em período de férias. Essa decisão é do empregador, mas cabe a negociação entre as partes. Foi o caso de Zilda, em que a empregada teve seu pedido de férias negado pela patroa. No capítulo 122 de *Laços de Família*, a empregada doméstica pede férias à patroa; justifica que queria visitar sua família na Bahia. Sem nenhuma negociação, Helena (Vera Fischer) responde: “E eu lá fico sem você, Zilda? Claro que não.” Na cena, ficou claro que a patroa estabelece as regras, sem espaço para debate ou negociação. Observamos um ambiente que remete aos possíveis contextos que favorecem a subordinação excessiva característica das trabalhadoras acima.

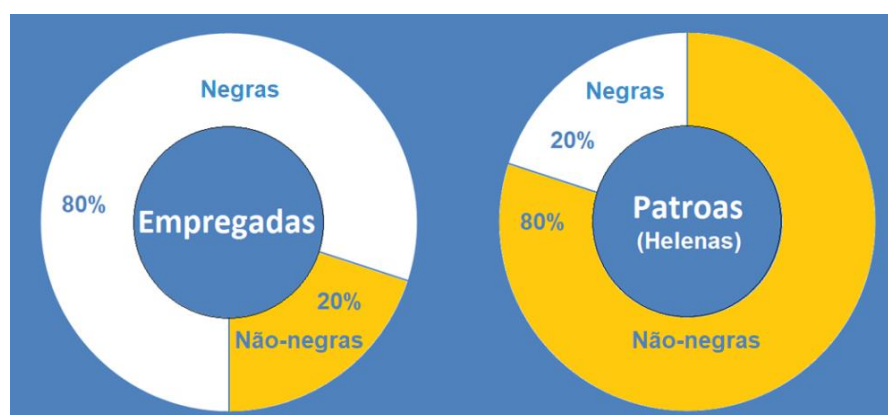
As domésticas eram sujeitas a suas patroas e aos familiares, os limites iam além dos regidos pela lei trabalhista, as circunstâncias eram de servidão. A jornada de trabalho era extensa, as trabalhadoras estavam à disposição de dia e de noite. Em uma abordagem sobre a diferença racial nas representações populares no período da escravidão, Hall (2016, p.169) pontua que um dos temas principais era o “*status de subordinação*”, portanto, nessa condição, os negros eram bons apenas para a servidão. Nesse sentido, a ficção representa a realidade, pois foi isso que aconteceu do começo ao fim dessas telenovelas. Assim, as trabalhadoras continuaram dependentes de seus patrões, sem expectativa de ascensão profissional, como empregadas vitalícias. As domésticas das Helenas carregaram o fardo da

servidão até o fim das telenovelas, alimentando a narrativa de que este é o único final possível para essa classe de trabalhadoras, também na vida real.

4.4 A relação 80-20 patroas brancas e as empregadas negras

A ilustração abaixo foi baseada na tabela 2, apresenta um conjunto de gráficos cujo objetivo é estabelecer uma comparação entre as Helenas (patroas), sendo as personagens principais das cinco telenovelas de Manoel Carlos, com as empregadas, considerando as categorias trabalhadoras negras e não-negras.

Gráfico 14 - Proporção de denominação racial nas casas de Helena: empregada e patroa nas cinco telenovelas



Fonte: Tabela 4. Elaborado pelo autor.

O gráfico acima é uma representação da estrutura racial patroa-empregada na casa das Helenas, e apresenta um cenário antagônico, com diferenças observadas entre as patroas e suas empregadas domésticas. Nessa análise, consideramos as Helenas das telenovelas *Laços de Família*, *Mulheres Apaixonadas*, *Páginas da Vida*, *Viver a Vida* e *Em Família*.

Podemos notar no conjunto de indicadores que a relação 80-20 se encaixa bem no estudo, essa reciprocidade é inversamente proporcional. Do lado esquerdo do conjunto gráfico, 80% das empregadas domésticas são negras e somente 20% são qualificadas como não negras. Do lado direito da ilustração, a distribuição ocorre de forma inversa, 20% das patroas são negras, enquanto as não-negras ocupam 80% da distribuição. A representação acima é uma alegoria da dominação racial proposta pelo autor das telenovelas. A distribuição gráfica foi baseada na relação patroa-empregada encenada na casa de Helena de cada uma das cinco telenovelas e pode ser definida como uma metáfora do Brasil, lugar onde a atividade doméstica é predominantemente ocupada por mulheres negras.

A amostra de trabalhadoras domésticas acima representa a realidade imaginada por Manoel Carlos, assim na narrativa a história se repete em 80% dos casos, a elite branca aqui representada por Helena era servida por uma empregada negra.

Dentre as cinco telenovelas analisadas, somente *Viver a Vida* apresentou uma Helena negra (Taís Araújo), servida por uma empregada branca. Na época da primeira exibição da telenovela, Aguinaldo Silva, em entrevista⁴³ ao Portal IG, fez uma crítica à Helena (Taís Araújo). O autor pontuou que Maneco faz novela para a elite e que o “Leblon não é Brasil”.

Silva também expôs que a telenovela não pode ter uma atriz negra como se fosse branca. Na fala, Aguinaldo Silva alega que faltou componente racial na personagem.

Na ocasião, Manoel Carlos rebateu⁴⁴ a rejeição de Silva à Helena negra, defendeu que “além da idade, ela reúne atributos fundamentais para o personagem: talento, beleza e elegância. Nasceu para o papel e o papel nasceu para ela”. Essa iniciativa não solucionou o problema da representação do negro nas telenovelas. A primeira Helena negra poderia abrir caminho para outras protagonistas negras, mas não aconteceu, assim, na telenovela *Em Família* (2014), o autor retoma a relação padrão, patroa-branca e empregada-negra, com Júlia Lemmertz no papel de Helena na última telenovela do autor indicada no período (2000-2018).

4.5 Dona Helena, a boa patroa

Além de bondosas, as Helenas (patroas) das telenovelas de Manoel Carlos possuíam virtudes, defeitos e buscavam manter o autocontrole. Mesmo em momentos de crise pessoal, tratavam os subalternos com cordialidade e, em retribuição, as empregadas tinham afeição pelas patroas. O autor padronizou uma aparente cumplicidade que se desenvolveu nas tramas das Helenas e suas empregadas domésticas nas questões emocionais e sociais.

Randall (2018), ao analisar a obra de Sérgio Buarque de Holanda, propõe que a palavra cordialidade não se restringe a uma forma de tratar alguém de maneira amável que valoriza laços afetivos, podendo também funcionar como instrumento de opressão. A “cordialidade brasileira” possui uma concepção complexa que transcende a simples familiaridade e cortesia. Para a autora, atua como um mecanismo sociocultural que esconde e mantém a hierarquia social e as formas de exploração, especialmente no âmbito do

⁴³ Fonte: <https://extra.globo.com/famosos/aguinaldo-silva-alfineta-manoel-carlos-critica-tais-araujo-389855.html> Acesso: 03/06/2025

⁴⁴ Fonte: <https://caras.com.br/arquivo/manoel-carlos-tais-araujo-helena-viver-a-vida.phtml> Acesso: 04/06/2025

trabalho doméstico. A autora propõe um olhar nas relações patroa-empregada, a partir do ponto de vista de Holanda.

Portanto, podemos concluir que a "cordialidade" peculiar das Helenas de Manoel Carlos ocultam uma relação de dominação. Nesse cenário, as protagonistas podem explorar o trabalho das empregadas domésticas por serem patroas bondosas, sendo que essa lógica abrandava os conflitos. De acordo com Perdigão (2018), essa familiaridade entre empregador e empregado pode conceder aos personagens da classe trabalhadora mais espaço na trama do que seu criador original teria previsto, ao mesmo tempo que esvazia o comentário social derivado das estruturas de poder. Nesse contexto, para o autor, a diluição das linhas de classe reflete a realidade brasileira ao usar a conexão emocional para mascarar a opressão e criar uma falsa sensação de igualdade.

Randall (2018, p. 305) define como "cordialidade perversa" aquela que é retratada no cinema e na televisão, "que faz parecer que os empregados desfrutam de um status estimado dentro das famílias patriarcais", um privilégio problemático que Freyre via nos escravos domésticos da sociedade colonial. Essas narrativas constroem identidades nas quais o público pode se reconhecer, logo, "são recorrentes nas novelas a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas reais. Entre as tramas, os problemas reais e a tendência para uma maior verossimilhança nas histórias contadas, está, aliás, uma demanda forte do próprio público" (Lopes, 2003, p. 25-26). Lopes (2003) pontua que vê o Brasil na telenovela, nesse sentido é possível identificar as violências que atravessam as narrativas e entender o panorama das trabalhadoras domésticas, em especial, as negras.

A relação patroa-empregada oculta uma luta simbólica que envolve questões das diferentes classes sociais, em que a elite se impõe para defender seus interesses e as tomadas de decisões fundamentadas em ideologias próprias que, em geral, definem quem manda e quem obedece. Na ficção, a relação de opressão foi naturalizada pelos patrões; as trabalhadoras por vezes eram maltratadas, não podiam rejeitar o trabalho, a exemplo de *Laços de Família*, na qual a empregada Zilda era ofendida pela nora de Helena. Clara (Regiane Alves) tratava a empregada de forma rude, dando-lhe ordens como se fosse a patroa, o que deixava Zilda incomodada, sem poder fazer nada a respeito.

Helena sabia disso, mas não tomava nenhuma atitude para controlar o comportamento de sua nora. A subserviência da trabalhadora, nem sempre percebida, não era exclusividade da casa de Helena, estava presente na maioria dos núcleos familiares que compõem a elite das telenovelas de Manoel Carlos.

Para Bourdieu (1989), o domínio de uma classe sobre outra é componente de uma estrutura que alimenta diversos tipos de violência simbólica. É essencial discutir a violência simbólica e enfatizar casos em que as empregadas são submetidas a situações que frequentemente não são reconhecidas como violência, mas consideradas normais na relação entre patroa e empregada. Nas telenovelas, a violência simbólica era própria da cultura dominante, produzia um efeito ideológico para satisfazer os interesses das elites do Leblon⁴⁵.

Sem perceber, as empregadas acreditavam ser amigas da patroa. Por trás da relação, a violência e a exploração de mão de obra eram ocultas na sutileza do manto da amizade que desestimulava uma possível luta de classe.

Hall (2016) identifica o poder simbólico na representação, poder que não consiste no uso da força, nem na exploração econômica. O poder simbólico trata de um aspecto cultural, o poder de marcar, atribuir e classificar. Nesse sentido, “a estereotipagem é um elemento-chave deste exercício de violência simbólica” (2016, p.193). Para o autor, a estereotipagem é uma prática relacionada à representação que reduz as pessoas a algumas características e traços que, em nosso estudo, podem ser definidos como negativos. A passividade das trabalhadoras pode ser entendida como uma marca recorrente da estereotipagem definida por Manoel Carlos.

4.6 Entre a passividade e o ativismo, as empregadas domésticas e as *Empreguetes*

Nas telenovelas, as histórias de Manoel Carlos são marcadas por ações socioeducativas, com tramas realistas que impulsionaram a discussão e a conscientização de temas importantes para a sociedade. As abordagens incluíram leucemia, Síndrome de Down, câncer de mama, alcoolismo, maus-tratos contra idosos, homossexualidade, racismo, desarmamento, violência contra mulher e masculinidade tóxica.

Essas iniciativas representam apenas uma amostra das mobilizações e da força da telenovela em promover debates significativos e campanhas nacionais, por exemplo, como a de doação da medula, desarmamento, promoção do estatuto do idoso, entre outras. Os manifestos eram protagonizados por pessoas brancas da elite, as discussões eram promovidas pela classe média e alta. Quanto às empregadas de Manoel Carlos, vimos como era a realidade do trabalho doméstico, as violências e as explorações, mas o autor não propôs nenhuma iniciativa que valorizasse a atividade profissional, não promoveu ações pela luta dos direitos trabalhistas. Desde a época da primeira exibição das telenovelas, o preconceito e

⁴⁵ Leblon: Bairro nobre, Zona Sul do Rio de Janeiro-RJ.

as violências que envolviam as trabalhadoras eram fatos eloquentes que ainda são atuais. Em sua maioria, essas personagens não sinalizavam consciência política, não tinham preparo para diagnosticar os dilemas sociais do dia a dia, nem tão pouco protagonizar campanhas a favor da classe profissional. A aparente carência do engajamento politizado não indica que as trabalhadoras estavam à deriva sem assertividade a favor da classe, daí presumirmos que na trama das domésticas não há casualidade. Rever esses assuntos e trazer para a discussão pode ser um dos possíveis propósitos e significados das narrativas dessas trabalhadoras.

As domésticas de *Maneco* podem representar um convite à reflexão, mas vale dedicarmos algumas linhas para refletirmos sobre outra telenovela que não consta em nosso corpus de pesquisa, por não ser de autoria de Manoel Carlos, mas é aqui mencionada como corpus de referência: as empregadas domésticas da telenovela *Cheias de Charme*⁴⁶(2012).

As chamadas ‘empreguetes’ perturbaram a ordem estabelecida na sociedade a ponto de transformar a própria realidade, ou seja, funcionaram como *recurso comunicativo*, contribuindo para política pública de regulação do trabalho doméstico. Mesmo em tom descontraído, a essas personagens foi dada a disposição para protagonizar mudanças nas questões que afetam a categoria profissional.

A Telenovela *Cheias de Charme* conta a história de três empregadas domésticas, Maria Aparecida (Isabelle Drummond), Maria da Penha (Taís Araújo) e Maria do Rosário (Leandra Leal). Na trama, as empregadas são amigas e trabalham em um condomínio de luxo. Ao contrário das telenovelas de Manoel Carlos, *Cheias de Charme* jogou luz sobre as empregadas domésticas, que eram protagonistas. O elemento de transformação na vida dessas trabalhadoras foi um videoclipe postado na internet, que se espalhou rapidamente nas redes sociais. Com isso, as três empregadas passaram do anonimato à fama rapidamente, dando início ao trio musical “As Empreguetes”.

O videoclipe criado por elas possuía um viés crítico, com paródia cantada por elas, na qual relatavam as dificuldades que todas as trabalhadoras domésticas enfrentam em sua rotina profissional, além de abordar os conflitos com as patroas. Para complicar, o videoclipe foi gravado no estúdio de uma das patroas, que estava ausente na ocasião - a patroa era a cantora Chayene, vilã dessa trama. *Cheias de Charme* mostrou um lado crítico ao colocar as empregadas protagonistas com engajamento politizado e ao fazer uso da internet para dar visibilidade à causa das domésticas. A trama envolveu as três empregadas

⁴⁶ A telenovela *Cheias de Charme* (2012), era exibida originalmente às 19h, dos autores Izabel de Oliveira e Filipe Miguez, foi reapresentada pela TV Globo no programa *Vale a Pena Ver de Novo* em 2016, no Canal Viva 2020-2021. Em 2024, retornou à TV aberta na faixa vespertina em edição especial, 14h40.

domésticas, uma negra e duas não-negras, abordou questões relacionadas aos direitos trabalhistas, trabalho informal e os maus-tratos sofridos pelas trabalhadoras domésticas, temas que fazem parte de nossos estudos. *Cheias de Charme* repercutiu⁴⁷ fora das telas. As Empreguetes levaram para a Organização Internacional do Trabalho (OIT) questões relacionadas aos direitos das empregadas domésticas.

Após o engajamento na questão do trabalho digno na novela *Cheias de Charme*, as personagens Penha (Taís Araújo) e Lygia (Malu Galli) estrelaram uma campanha, através de uma parceria entre a Rede Globo, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) e a ONU Mulheres, para incentivar que empregados conheçam seus direitos e que patrões contratem dentro da lei, assinando a carteira de trabalho de seus funcionários. (GLOBO CIDADANIA, 2012)

Essa é só uma amostra da repercussão da telenovela que, em tom de leveza, destacou a importância do trabalho doméstico e relatou desigualdades, maus-tratos e outras mazelas. A narrativa dessas personagens propõe reflexões acerca da atividade profissional, que no Brasil emprega mais de 6 milhões de mulheres, que em sua maioria são negras. Fica evidente, assim, que a telenovela enquanto produto cultural pode trazer reflexões sobre essa classe trabalhadora e elucidar possíveis abusos, auxiliando na conscientização dessas trabalhadoras.

Entretanto, não parece ter sido objetivo de Manoel Carlos problematizar essa relação, apesar de ser o autor que mais escreveu personagens com esta função narrativa.

4.7 Relações problemáticas: o recorte de *Celebridade* e *Senhora do destino*

Além de *Cheias de Charme*, outras duas telenovelas serão mencionadas por serem para o debate, ainda que não façam parte do corpus principal (novelas de Manoel Carlos).

Este recorte visa examinar as interações entre uma amostra de patroas e empregadas nas telenovelas *Celebridade* (Gilberto Braga) e *Senhora do Destino* (Aguinaldo Silva), além de realizar uma comparação com as personagens trabalhadoras das telenovelas de Manoel Carlos. Enquanto a telenovela *Senhora do Destino* apresentava três trabalhadoras, em *Celebridade* o grupo era composto por cinco empregadas. Para representar a população de domésticas nessas telenovelas, escolhemos duas profissionais que eram maltratadas por suas patroas.

⁴⁷ Fonte: <https://redeglobo.globo.com/globocidadania/nas-novelas/noticia/2012/10/cheias-de-charme-valorizou-o-trabalho-das-empregadas-domesticas.html>
Acesso: 21/06/2025

Regina - Celebridade

A telenovela *Celebridade* (2003-2004) abordava temas como o jornalismo de celebridades, a ascensão social e a busca por reconhecimento. O enredo se concentrava na disputa entre a empresária e ex-modelo Maria Clara Diniz (Malu Mader), dona de uma produtora, e Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu), personagem falsa e invejosa. No núcleo das trabalhadoras estava Regina (Aline Borges), uma jovem que era maltratada pela patroa. Aline era arrumadeira na casa de Beatriz (Deborah Evelyn) e Fernando (Marcos Palmeira). A patroa era uma mulher vulnerável e carente de afeto do marido, vivia nervosa e, por isso, descarregava seu mau humor na empregada. Durante momentos de chiquetes, Beatriz gritava com Regina, que aceitava a condição por depender do emprego.

Fausta - Senhora do Destino

Uma das tramas de *Senhora do Destino* (2004-2005) apresenta Nazaré Tedesco (Renata Sorrah), uma ex-prostituta que se tornou uma das vilãs mais afamadas da telenovela.

A personagem inicia com uma história violenta que envolvia sequestro de bebê, manipulação, mentiras e assassinato, mas adquiriu contornos cômicos ao longo da trama. Fausta (Guida Vianna) era diarista na casa de Nazaré; a empregada ocupava a faixa dos 35 anos. A patroa ofendia Fausta com xingamentos como “galinha velha do rabo depenado” e outros nomes.

A empregada resmungava, mas tolerava os maus-tratos. Na narrativa dessas trabalhadoras, além dos abusos, não foram observadas cenas de assédio sexual. Como observado, as empregadas domésticas de *Celebridade* e *Senhora do Destino* não contrastavam com as empregadas das telenovelas de Manoel Carlos. Por meio de observações, foi possível perceber que os maus-tratos eram evidentes nas falas das patroas. Em comum com as empregadas de Manoel Carlos, essa amostra de empregadas não tinha histórias próprias, fazia parte da relação de servidão e nem sempre eram bem tratadas. Podemos supor que essas personagens atuavam como elementos de enredo para realçar os outros personagens.

Comparato (2009), ao falar sobre personagens secundárias, defende que mesmo que a participação delas não seja crucial para o desenvolvimento da trama, recomenda que sejam bem aproveitadas. O autor enfatiza que é fundamental que essas personagens tenham boas cenas, diálogos e momentos engraçados. O autor define essas personagens como “escada”, “uma espécie de trampolim que projeta os protagonistas para as grandes graças” (COMPARATO, 2009, p. 387).

4.8 Imprensa reforça os estereótipos da empregada doméstica

A maneira como a mídia retrata, define e divulga as empregadas domésticas está vinculada à sua relação com os estereótipos e padrões pré-estabelecidos. Cabecinhas (2002, p.2) pontua que “os meios de comunicação social, nomeadamente a imprensa, teriam elevada responsabilidade na formação dos estereótipos devido à maneira simplista e enviesada como determinadas minorias étnicas eram descritas.” Podemos relacionar a reflexão da autora ao tratamento dispensado às trabalhadoras domésticas. Durante uma entrevista ao Jornal Folha⁴⁸, a diarista e influenciadora digital Veronica Oliveira, de 39 anos, aborda temas que promovem discussões e ajudam a desconstruir preconceitos e estereótipos que afetam as trabalhadoras domésticas. Na visão da diarista e influenciadora, esses temas não são bem explorados pela imprensa. Oliveira pontuou que “a imprensa reforça o estereótipo da doméstica como coitada”. Ao usar os estereótipos que reduzem as trabalhadoras a certas características, a mídia restringe a representação e, com isso, reforça uma imagem predominante na sociedade.

Na ficção, isso fica evidente na relação entre patroa e empregada, às vezes de maneira discreta. Durante a entrevista, Veronica Oliveira discute a representação dos profissionais domésticos na mídia. Para ela, há uma “visão preconcebida dos jornalistas que ofusca a realidade da profissão”. A influenciadora questiona a estigmatização e a desvalorização do trabalho doméstico tanto na mídia brasileira quanto na sociedade. Em sua opinião, essa visão reforça estereótipos e reitera que os trabalhadores domésticos são sub-representados pela imprensa, são expostos a preconceitos, estereótipos e desinformação.

Sou neta de doméstica e descobri que muitas situações que presenciei com minha avó ainda existem: pessoas se recusam a entrar no elevador que eu, que julgam minha inteligência e minha escolha por trabalhar como faxineira. É uma profissão como qualquer outra. Por que vou achar que alguém é pior ou melhor por conta daquilo que faz? A mídia e a imprensa, no geral, retratam o trabalho doméstico de forma caricata. Sempre tem uma reportagem do tipo “Filho da faxineira se formou em medicina.” Qual é a importância de dizer que é o filho da faxineira? No consenso geral, filho de faxineira nunca iria poder estudar, o que é uma visão totalmente inadequada. Quase todas as mulheres investem dinheiro na educação dos filhos. (Folha, 2021)

Veronica expressa sua inquietação com a ausência de diálogo e a perspectiva distorcida de jornalistas e agências de publicidade, que costumam ignorar a realidade e a complexidade do trabalho doméstico. Oliveira defende que “[Os jornalistas] são uma galera muito específica: é todo mundo branco, classe média, que estudou em grandes faculdades e vai para grandes veículos de imprensa. Por mais que vá fazer uma matéria ou outra, ele não

⁴⁸ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/imprensa-reforca-estereotipo-da-domestica-como-coitada-diz-faxineira-influencer.shtml> Acesso: 24/10/2025

tem vivência”. Os estereótipos estão associados à maneira como um indivíduo compreende e atua no mundo. Segundo Lippmann (1998, p. 97) “os estereótipos estão, portanto, altamente carregados com os sentimentos que estão presos a eles. São as fortalezas de nossa tradição, e atrás de nossas defesas, podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos.”

Ao analisar a situação das trabalhadoras domésticas, a diarista pontua a influência dos estereótipos veiculados pela mídia e a necessidade de valorizar a profissão e problematiza a persistência de uma herança escravocrata que marginaliza as trabalhadoras. Para a influenciadora, os estereótipos midiáticos sobre as empregadas estão fortemente arraigados em uma perspectiva de inferioridade e na manutenção de privilégios sociais e históricos. Isso intensifica o preconceito que qualifica as domésticas como pessoas menos importantes na sociedade. Bhabha (1998, p.121) pontua que o “estereótipo também pode ser visto como aquela forma particular, ‘fixada’, do sujeito colonial que facilita as relações coloniais e estabelece uma forma discursiva de oposição racial e cultural em termos da qual é exercido o poder colonial”. Para Hall (2016), os estereótipos emergem em cenários de grande desigualdade de poder, excluindo o outro e criando uma hierarquia cruel, geralmente em circunstâncias onde o controle do poder está em jogo. Podemos citar a relação patroa-empregada, local onde persevera o poder discursivo e simbólico.

Essa é uma abordagem das classes privilegiadas para moldar a sociedade conforme seus valores, perspectivas de mundo e ideologia, de modo que tudo pareça natural. O uso de tipos sociais é crucial para estabelecer um sistema de categorização geral em nossa sociedade e para compreender o que nos cerca de forma inteligível (Hall, 2016). O autor concentra suas investigações na análise da representação e seu papel central na cultura, analisando como o sentido é criado por meio da linguagem e de diversos sistemas de representação. Hall (2016, p.192) pontua que “a estereotipagem, em outras palavras, é parte da manutenção da ordem social e simbólica”, ela define uma fronteira entre o que é aceitável e inaceitável, normal e pervertido, pertencente e o que não pertence ao grupo e exclui o que não se encaixa.

Associamos pessoas a grupos com base em sua classe, idade, gênero, nacionalidade e personalidade. Essas tipificações nos ajudam a organizar e nos encontrar. São construções simbólicas simplistas que acabam por criar distinções. Como exemplificado pelo papel da empregada doméstica na mídia, as trabalhadoras são reduzidas a determinadas características, logo vemos a estereotipagem como “um conjunto de práticas representacionais” (HALL, 2016, p.190). Os estereótipos, à medida que fortalecem os laços entre os considerados normais em uma comunidade imaginária, excluem aqueles que não são considerados normais. O estereótipo atua como uma barreira que isola e marginaliza o diferente, mantendo a ordem

social e simbólica. Para Hall (2016, p.192) “a estereotipagem facilita a ‘vinculação’, os laços, de todos nós que somos ‘normais’ em uma ‘comunidade imaginária’; e envia para o exílio simbólico todos Eles, ‘os Outros’, que são de alguma forma diferente, ‘que estão fora dos limites.’”

Além disso, é importante ressaltar que a maneira como a empregada doméstica é representada na cultura, especialmente nas telenovelas, pode ser considerada uma forma profundamente problemática e um reflexo da realidade brasileira. O impacto dessa representação é complexo, podendo variar entre a perpetuação de estereótipos e a promoção de debates sobre as relações de poder. Isso é especialmente importante considerando que a profissão de empregada doméstica está entre as mais exploradas e de baixa remuneração.

Ademais, essa profissão é caracterizada pela falta de direitos e por um elevado número de abusos.

No próximo capítulo, continuaremos traçando o mapa das personagens de telenovelas, cujo elemento norteador será a idade das trabalhadoras domésticas. É de nosso interesse compreender a distribuição por faixa etária das domésticas nas telenovelas e assim estabelecer uma análise comparativa da ficção com a realidade.

CAPÍTULO 5: DISTRIBUIÇÃO DAS TRABALHADORAS DOMÉSTICAS, POR FAIXA ETÁRIA NAS TELENÓVELAS

O emprego doméstico no Brasil está em constante transformação, com mudança de perfil e tendência crescente de trabalhadoras adentrando a terceira idade. Vimos no capítulo 2 que grande parte das trabalhadoras domésticas não possuía carteira assinada, situação que as coloca sem qualquer tipo de apoio jurídico e seguro social. Esse agente complicador afeta principalmente as idosas que, por sua vez, são obrigadas a trabalhar porque não possuem cobertura assistencial da aposentadoria. O envelhecimento dessa mão de obra, somada a más condições de trabalho, a riscos para a saúde derivados do ambiente doméstico, longas jornadas de trabalho, esforços excessivos e o desenvolvimento de múltiplas tarefas, essas variáveis impactam diretamente na saúde e bem-estar das trabalhadoras.

Este capítulo quantifica e qualifica a presença das empregadas domésticas agrupadas por idade. É de nosso interesse incluir nesta pesquisa uma análise da faixa etária das trabalhadoras domésticas e assim estabelecer uma relação entre a ficção e a realidade.

5.1 Faixa etária das trabalhadoras nas telenovelas

Nas telenovelas, as empregadas domésticas aparecem em diversas situações, englobando tanto jovens quanto aquelas de maior experiência. Para ilustrar essa mescla de personagens na forma quantitativa, foi necessário realizar um levantamento de dados da faixa etária das trabalhadoras. Como a idade não era mencionada nas narrativas, o parâmetro etário foi definido pelo aspecto das atrizes que interpretaram os papéis. A coleta foi organizada em uma planilha, as definições e os critérios da organização dos dados seguem abaixo.

Veremos à frente que, para descrever o perfil das domésticas, definimos duas categorias ⁴⁹ baseadas na faixa etária das trabalhadoras. Como critério, categorizamos em dois grupos etários, “jovem” que contempla as trabalhadoras com idade abaixo dos 35 anos e a categoria “35+” que compreende as demais trabalhadoras a partir dessa idade. A tabela abaixo registra a coleta de dados relacionados à faixa etária das 81 trabalhadoras domésticas distribuídas nas 31 telenovelas das 20h e 21h entre os anos 2000-2018. Na planilha, as colunas “jovem” e “35+” correspondem à faixa etária das personagens.

A tabela abaixo apresenta a distribuição da participação das trabalhadoras domésticas nas telenovelas quantificadas por faixa etária. Na distribuição, a categoria “jovem” contém 46 participantes, essa faixa de idade ficou à frente da categoria “35+”, que somou 35 trabalhadoras.

⁴⁹ Para efeito de estudo e comparação da faixa etária das trabalhadoras domésticas, utilizamos a classificação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua) realizada nos anos 2013 e 2022. O levantamento PNAD apresenta a distribuição da faixa etária das trabalhadoras em seis categorias. Para facilitar este estudo, sintetizamos as categorias em dois grupos etários. As categorias jovem e 35+(35 anos ou mais) são denominações que dizem respeito à faixa etária fundamentada na aparência e informações sobre as atrizes na ocasião da primeira exibição de cada telenovela do estudo. A coleta de dados é resultado de uma aproximação, as informações foram obtidas em diferentes fontes e baseadas em estimativas. No levantamento, foram considerados os dados disponibilizados pelas fontes: *Globoplay*, *GShow*, *Memória Globo* e *Wikipédia*.

Fonte: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/trabalhoDomestico2023.html>

Acesso: 02/11/2025

Tabela 5 - Distribuição por faixa etária das trabalhadoras nas telenovelas

Ordem	Ano	Autores	Telenovelas	Jovem	35+
1	1999/2000	Benedito R. Barbosa	Terra Nostra	1	2
2	2000/2001	Manoel Carlos	Laços de Família	2	1
3	2001/2001	Aguinaldo Silva Ricardo Linhares	Porto dos Milagres	0	1
4	2001/2002	Glória Perez	O Clone	0	1
5	2002/2003	Benedito R. Barbosa Walcyr Carrasco	Esperança	1	0
6	2003/2003	Manoel Carlos	Mulheres Apaixonadas	10	4
7	2003/2004	Gilberto Braga	Celebridade	4	1
8	2004/2005	Agnaldo Silva	Senhora do Destino	0	3
9	2005/2005	Glória Perez	América	1	0
10	2005/2006	Sílvio de Abreu	Belíssima	3	1
11	2006/2007	Manoel Carlos	Páginas da Vida	4	1
12	2007/2007	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Paraíso Tropical	1	0
13	2007/2008	Aguinaldo Silva	Duas Caras	2	0
14	2008/2009	João Emanuel Carneiro	A Favorita	0	0
15	2009/2009	Glória Perez	Caminho das Índias	1	0
16	2009/2010	Manoel Carlos	Viver a Vida	2	3
17	2010/2011	Sílvio de Abreu	Passione	0	0
18	2011/2011	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Insensato Coração	1	2
19	2011/2012	Aguinaldo Silva	Fina Estampa	1	1
20	2012/2012	João Emanuel Carneiro	Avenida Brasil	1	1
21	2012/2013	Gloria Perez	Salve Jorge	1	1
22	2013/2013	Walcyr Carrasco	Amor à Vida	0	1
23	2014/2014	Manoel Carlos	Em Família	4	2
24	2014/2015	Aguinaldo Silva	Império	0	0
25	2015/2015	Gilberto Braga Ricardo Linhares	Babilônia	1	1
26	2015/2016	João Emanuel Carneiro	A Regra do Jogo	1	0
27	2016/2016	Benedito R. Barbosa Edmara Barbosa Bruno Luperi	Velho Chico	2	1
28	2016/2017	Maria A. Amaral Vicent Villari	A Lei do Amor	2	1
29	2017/2017	Gloria Perez	A Força do Querer	0	2
30	2017/2018	Walcyr Carrasco	O Outro Lado do Paraíso	0	2
31	2018/2018	João Emanuel Carneiro	Segundo Sol	0	2
			SOMA	46	35

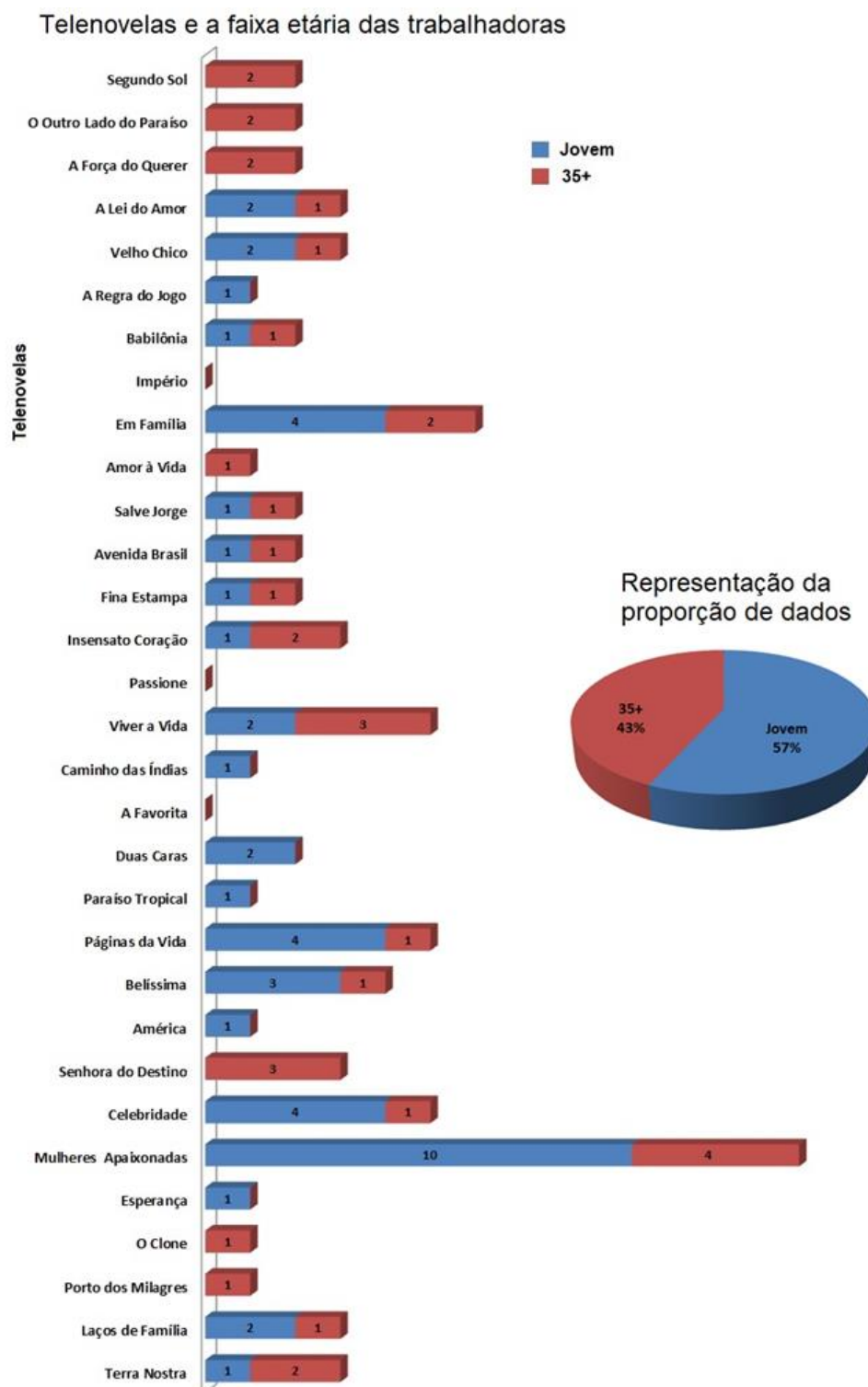
Fonte: Memória Globo, GShow e Wikipedia. Elaborado pelo autor.

Para compreender melhor o contexto das telenovelas e estabelecer uma distribuição dessa força de trabalho com base na idade das trabalhadoras, elaboramos o gráfico a seguir.

Na ilustração, combinamos um gráfico de colunas que representa a distribuição quantitativa das trabalhadoras domésticas categorizadas por faixa etária do conjunto de 31

telenovelas com um gráfico de setores que apresenta a síntese das duas categorias em números percentuais, enquanto o agrupamento de dados reflete o cenário fictício.

Gráfico 15 - Distribuição das trabalhadoras por faixa etária



Fonte: Tabela 5. Elaborado pelo autor.

A ilustração acima combinou um gráfico de colunas com um de setores. As colunas comparam o perfil das 81 trabalhadoras compartilhadas nas 31 telenovelas. A análise indicou que a distribuição de trabalhadoras categorizadas em “jovem” e “35+” não é proporcional, variando a cada telenovela. As telenovelas *A Favorita*, *Império* e *Passione* não entraram na estatística, pois o portal Memória Globo não registrou nenhuma trabalhadora na coluna personagens dessas telenovelas.

Em termos quantitativos, Manoel Carlos foi o escritor que mais empregou esse tipo de personagem. As telenovelas *Mulheres Apaixonadas*, *Em Família*, *Páginas da Vida* e *Viver a Vida* apresentaram maior quantidade de trabalhadoras, com predominância de empregadas jovens. Entre as demais telenovelas, *Celebridade* (Gilberto Braga) foi a única com cinco trabalhadoras, sendo quatro jovens. As demais telenovelas apresentaram no máximo três empregadas em seus quadros de personagens.

Notamos no gráfico de setores (pizza) que, na distribuição, as empregadas jovens são maioria, correspondendo a 57% do total. As trabalhadoras com mais idade, representadas na categoria “35+”, correspondem a 43% da soma.

5.2 Perfil da trabalhadora doméstica nas telenovelas

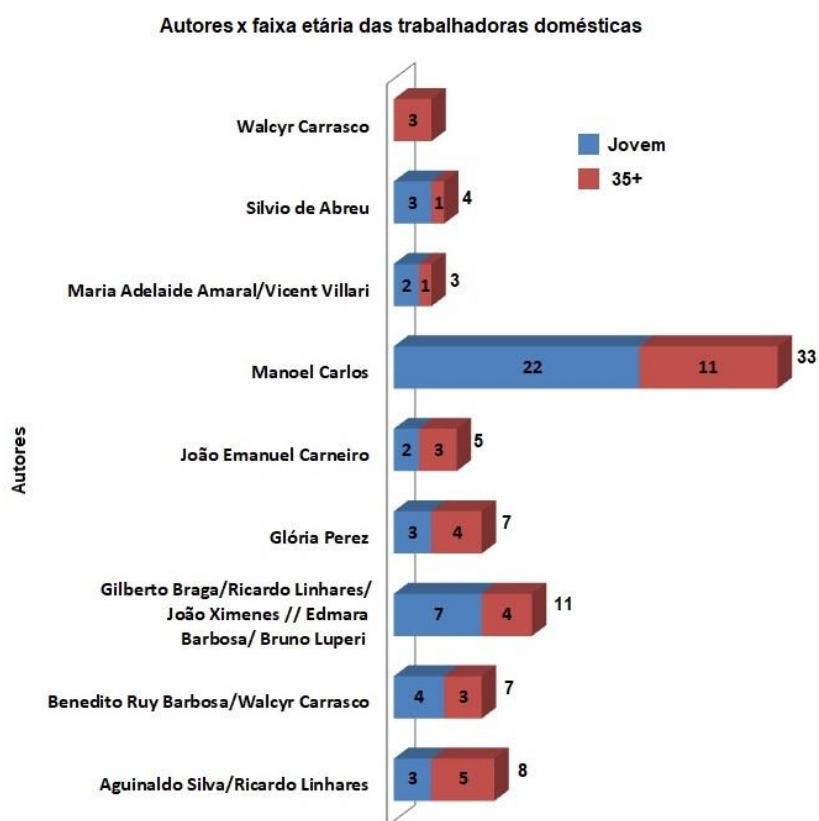
Vimos no gráfico de setores que o trabalho doméstico nas telenovelas das 20h e 21h tem o perfil predominante da mulher jovem. Nas telenovelas, a história de muitas trabalhadoras, principalmente das jovens, é marcada pela migração. As trabalhadoras deslocam-se do interior e de estados do nordeste com a intenção de residirem nas capitais, na casa das patroas. Longe do amparo familiar, essa aproximação coloca as trabalhadoras em situação de vulnerabilidade. Esse cenário torna a relação profissional entre a trabalhadora e os empregadores um tanto irregular, sem limite definido e dependente.

Esse ambiente favorece a existência de práticas abusivas como a exploração de mão de obra, assédio, jornadas de trabalho extensas. Esses maus-tratos atingem as trabalhadoras jovens e as mais idosas. O histórico dessas personagens é desconhecido, não se sabe o sobrenome nem quem são seus familiares, há poucas informações disponíveis. Em algumas ocasiões, as trabalhadoras desconhecem seus direitos trabalhistas. No universo das telenovelas, a escassez de informações sobre as trabalhadoras domésticas e a ausência de conhecimento sobre os direitos trabalhistas caracterizam as semelhanças entre elas.

5.3 Faixa etária da trabalhadora por autor

É de nosso interesse conhecer a relação da distribuição da faixa etária das trabalhadoras domésticas por autor. O gráfico abaixo apresenta a distribuição das trabalhadoras em duas categorias: “*jovem*” e “35+”.

Gráfico 16 - Distribuição da faixa etária das trabalhadoras por autor



Fonte: Tabela 3. Elaborado pelo autor.

O gráfico acima apresentou a distribuição quantitativa das trabalhadoras domésticas categorizadas por faixa etária, pelos autores das telenovelas. Na comparação, a análise indicou que a divisão de trabalhadoras categorizadas em “*jovem*” e “35+” não é proporcional, variando a cada autor. Podemos supor que o resultado apontado no indicador seja influenciado pela disponibilidade de atrizes da emissora. Logo, os autores das telenovelas fizeram uso do elenco disponível para compor o quadro de personagens. Essa escolha pode definir o perfil das trabalhadoras.

Outra variável, como a preferência do autor em função das narrativas das telenovelas, também pode impactar a seleção das atrizes mais jovens ou não, e assim determinar a

distribuição apresentada na ilustração acima. Vimos no gráfico de setores (1) que, na proporção, prevaleceu a presença de empregadas jovens, com a idade abaixo dos 35 anos. Para as atrizes jovens em início de carreira, a personagem pode ser o primeiro trabalho delas.

É o caso de Juliana Paes⁵⁰, a Ritinha de *Laços de Família*.

5.4 Autor e as evidências de representatividade da faixa etária das trabalhadoras

Na avaliação geral, o gráfico acima indicou que, entre os anos 2000 e 2018, Manoel Carlos foi o autor com maior proporção de empregadas domésticas em suas telenovelas. A liderança atinge ambas as faixas etárias, são 22 trabalhadoras na categoria “jovem” e 11 na categoria “35+”. As telenovelas de Maneco são ambientadas em bairro nobre do Rio de Janeiro, logo, a presença da elite é maciça no local. Sendo assim, é comum que as classes sociais mais elevadas possam empregar muitas trabalhadoras em suas casas e mansões. Na relação causa e efeito, se na telenovela o Leblon é o cenário, a casa da patroa reproduz a realidade da elite, logo, a grande quantidade de empregadas domésticas faz parte dessa ostentação. Para Preus (1997) a demonstração excessiva de riqueza pode propor superioridade.

A superioridade que a “posse” de uma empregada doméstica confere foi identificada, no final do século passado, no Rio de Janeiro, a partir da análise de documentos referentes ao emprego doméstico. Ghahan (1992) observa que, já naquela época, enquanto era natural que a elite contasse com o serviço de criados, esse costume era imitado por famílias de menos recursos que quisessem denotar Fidalguia”. (PREUSS,1997, p.56)

Historicamente, para as famílias ricas, a presença das trabalhadoras domésticas poderia denotar pertencimento a uma classe social mais elevada, assim sendo entendida como símbolo predominante de riqueza. Essa poderia ser uma das possíveis explicações para a presença maciça dessas personagens nas telenovelas de Manoel Carlos ambientadas no bairro nobre do Rio de Janeiro.

5.5 Estereótipos comuns relacionados à faixa etária das empregadas

Observamos no gráfico anterior que as telenovelas de Manoel Carlos são as que possuem maior quantidade de empregadas domésticas em relação aos outros autores.

⁵⁰ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/juliana-paes/noticia/juliana-paes.ghtml>
Acesso: 03/06/2025

Maneco definiu alguns tipos de caracteres comuns que identificam suas empregadas domésticas. A faixa etária carrega elementos que caracterizam o comportamento centrado na figura dessas personagens. Pallottini (1989) pontua que o personagem é um ser de mentira, é um simulacro. Mesmo sendo uma representação, as personagens podem sugerir estereótipos. Para Lippmann (2008), estereótipo é a forma de codificar o mundo segundo o nosso código. Para o autor, “os sistemas de estereótipos podem ser os cernes da nossa tradição pessoal, as defesas de nossa posição na sociedade” (Lippmann, 2008, p.96).

Na visão de Bhabha (2007, p.117), o estereótipo “constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”. Alguns elementos podem sugerir novos significados ao papel da empregada doméstica, atribuindo estereótipos, resultado de conceitos negativos na forma de julgar as circunstâncias que levam ao preconceito. Jodelet (2001) atribui um significado ao vocábulo “preconceito”:

Preconceito é um julgamento positivo ou negativo, formulado sem exame prévio a propósito de uma pessoa ou de uma coisa e que, assim compreende vieses e esferas específicas. Disposto na classe das atitudes, o preconceito comporta uma dimensão cognitiva, especificada em seus conteúdos (asserções relativas ao alvo) e sua forma (estereotípia), uma dimensão afetiva ligada às emoções e valores engajados na interação com o alvo, uma dimensão conativa à descrição positiva ou negativa. (JODELET, 2001, p.59)

O preconceito não afeta somente as trabalhadoras jovens. Heller (2002) considera que algumas visões relacionadas à velhice são ligadas aos valores que predominam na sociedade. Segundo a autora “observam-se diversos posicionamentos frente à velhice e ao envelhecimento. Por um lado, destacam-se todos os seus traços negativos, criando expectativas, temores e rejeição” (2002, p.90). Para Pallottini (1989), o processo de construção e definição dos traços do personagem segue uma tradição.

Há modos de caracterização que têm sido utilizados costumeiramente através dos tempos; assim, quando se disse que é possível caracterizar por *tradição*, queria-se dizer que, pelo menos no seio de uma mesma cultura, certas coisas já são do domínio comum, e não se precisa informar a ninguém sobre elas. (Pallottini, 1989, p.73)

Assim, diante do ponto de vista da autora, como segue a tradição, a personagem deve atender aos caracteres definidos pelo autor. Esses traços fundamentam algumas empregadas domésticas de Manoel Carlos. Pallottini (1989) enumera alguns modos de caracterização das personagens:

- Aparência física: cor da pele, cabelo, traços faciais e outros;
- Elementos visuais: uso de traje, uniforme e maquiagem;
- Traços psicológicos: emoções, temperamento, moralidade, intelecto, vícios e virtudes;
- Contexto social: classe social, profissão e relações familiares;
- Linguagem e diálogo: que revelam a essência do personagem.

A caracterização por tradição pode reforçar preconceitos e estereótipos ainda presentes na sociedade. Esse estudo colabora para melhorar a percepção quanto à identificação da atuação do preconceito e do estereótipo, que reforçam posturas, ressaltam as desigualdades e buscam subvalorizar tanto a classe das trabalhadoras jovens quanto as de mais idade. É nosso objetivo comparar e analisar as empregadas domésticas, por este motivo tomamos como referência uma amostra de trabalhadoras das telenovelas de Manoel Carlos.

Para realizar a análise dessas personagens, fizemos uma seleção com base na faixa etária. A partir desse conjunto de trabalhadoras, é possível identificar e comparar as características.

5.6 Elementos característicos das personagens segundo a faixa etária

Ao longo de 18 anos, Manoel Carlos roteirizou cinco telenovelas para os horários das 20h e 21h, tendo empregado 33 empregadas domésticas nesse conjunto de obras. É possível observar algumas características conforme a faixa etária dessas personagens. O quadro abaixo apresenta uma amostra com nove domésticas, a seleção permite analisar as circunstâncias acerca das trabalhadoras nas diferentes telenovelas.

Consideramos que essa amostra de trabalhadoras é representativa do panorama das telenovelas dos anos 2000 a 2018. A seleção contempla aspectos inseridos nas personagens e suas narrativas. As características relacionadas à faixa etária das empregadas foram organizadas em tabela, dividida em duas partes: a primeira registra características pertinentes às trabalhadoras categorizadas na faixa etária “*jovem*”, a segunda parte da tabela registra características das trabalhadoras da categoria “35+”.

Os registros foram definidos da esquerda para a direita, iniciando pela ordem, telenovelas, personagem, classificação racial das trabalhadoras, atividade, trajes de trabalho, características e breve histórico. A análise dessas trabalhadoras identificou tópicos delicados, que serão aprofundados nos próximos capítulos.

Tabela 6 - Elementos característicos das empregadas segundo a faixa etária

Categoria jovem							
Ordem	Telenovela	Personagem	Negra/não-negra	Atividade	Trajes de trabalho	Uma característica	Breve histórico
1	Laços de Família	Ritinha	Não-Negra	Empregada	Uniforme padrão	Era sexy e provocante	Teve um romance com o patrão/engravidou/morreu no parto.
2	Mulheres Apaixonadas	Gracinha	Não-Negra	Filha da empregada Celeste	Roupas curtas e apertadas	Era sexy e provocante	Teve um romance com o filho dos patrões e engravidou.
3	Mulheres Apaixonadas	Shirley Maria de Souza	Não-Negra	Empregada	Uniforme padrão	Estudava inglês	A empregada foi promovida para o cargo de secretária da patroa.
4	Mulheres Apaixonadas	Zilda	Negra	Empregada	Uniforme padrão ou roupas curtas e apertadas	Era sexy e provocante	Era alvo de cantadas de Carlinhos, o filho do patrão, teve um romance com o Carlinhos.
5	Páginas da Vida	Sandra	Não-Negra	Filha da Governanta Constância	Roupas curtas e apertadas	Era sexy e provocante	Era revoltada, falava que foi usada pelo filho dos patrões. Teve um romance com o filho dos patrões, engravidou e abortou.
6	Viver a Vida	Cida	Não-Negra	Empregada	Uniforme curto	Era sexy e provocante	Era alvo de cantadas do patrão, chantageava o patrão.
Categoria 35+							
Ordem	Telenovela	Personagem	Negra/não-negra	Atividade	Trajes de trabalho	Uma característica	Breve histórico
1	Laços de Família	Irene	Negra	Babá	Trajes comuns	Amável	Ficou na casa da patroa após o crescimento das crianças.
2	Páginas da Vida	Constância Ribeiro	Não-Negra	Governanta	Trajes comuns	Cuidava de todos da casa	Trabalha com a família há muitos anos. Viu os filhos dos patrões crescerem.
3	Viver a Vida	Dalva	Negra	Empregada	Uniforme padrão	Aparência de pessoa sofrida	Ouve os desabafos, chora junto com a patroa.

Fonte: Memória Globo e *Globoplay*. Elaboração do autor.

O quadro acima comparou as trabalhadoras domésticas categorizadas por faixa etária. As trabalhadoras desenvolveram atividades de empregada doméstica, babá, governanta e ajudante. Essas profissionais estão inseridas nos grupos de empregadas que exerciam multitarefas, incluindo as filhas das trabalhadoras que residem com as mães na casa da patroa. Essas personagens não eram reconhecidas como empregadas, mas por vezes ajudavam as mães a realizarem as atividades domésticas nos lares, sendo consideradas ajudantes.

Nesse perfil, na categoria “*jovem*” temos Sandra, filha de Constância, a governanta (*Páginas da Vida*) e Gracinha, filha da empregada doméstica Celeste (*Mulheres Apaixonadas*). A empregada Cida (Thaíssa Carvalho) da telenovela *Viver a Vida* não foi citada pela coluna Personagens do Portal Memória Globo. A partir dessa perspectiva, as

categorias de análise possibilitaram a identificação de características e comparações das personagens. A primeira parte da tabela abordou as empregadas jovens, a segunda parte da tabela apresentou as trabalhadoras com mais idade, a partir dos 35 anos.

5.7 Análise das trabalhadoras categoria jovens

Nessa amostra, na categoria “*jovem*” identificamos seis trabalhadoras, entre as quais observamos significativa semelhança entre quatro delas.

Uso de vestes provocantes

Na primeira análise, foi percebido que em algumas cenas as vestimentas das personagens estavam relacionadas a um tipo de comportamento que não corresponde à categoria profissional de empregada doméstica. Entre as empregadas da categoria “*jovem*”, identificamos quatro trabalhadoras com trajes que possuíam algumas dessas características: eram apertados, decotados ou curtos: Zilda (*Mulheres Apaixonadas*), Gracinha (*Mulheres Apaixonadas*), Sandra (*Páginas da Vida*) e Cida (*Viver a Vida*).

Em certas ocasiões, as empregadas podiam transitar livremente pela residência da patroa trajando essas vestes. Quanto ao uso de elementos visuais, como as vestes curtas, apertadas e o uso de decotes exagerados, nota-se um apelo sedutor na caracterização das personagens.

Figura 7 - Empregadas jovens caracterizadas pelo tipo de veste



Fonte: autor, print Memória Globo e Globoplay, acesso em 09/08/2025

Para o caso das personagens Cida (1), Zilda (2), Sandra (3) e Gracinha (4), supomos que a indumentária dessas trabalhadoras está inserida na lógica da “caracterização por

tradição” (Pallottini,1989, p.73), prática que pode reforçar preconceitos e estereótipos presentes na sociedade. Vale destacar que Cida (Thaissa Carvalho) não figura na coluna de personagens do Portal Memória Globo. A personagem foi incorporada ao estudo e sua identificação foi realizada por meio da análise das cenas da telenovela.

Observa-se também na tabela que cinco trabalhadoras jovens têm um histórico parecido, todas foram vítimas de assédio sexual de seus empregadores. Ritinha (Juliana Paes) vestia um uniforme padrão de empregada doméstica, porém se mostrava insinuante e “dava bola” para as cantadas do patrão.

Figura 8 - Empregada Ritinha



Fonte: autor, print Globoplay, acesso em 09/08/2025

Em comum, Manoel Carlos definiu um caráter erotizado para as personagens, em que elas utilizavam roupas curtas, decotadas, apertadas ou no comportamento tinham tom sapeca, como de Ritinha (Juliana Paes), Gracinha (Carol Castro), Zilda (Roberta Rodrigues), Sandra (Danielle Winits) e Cida (Thaíssa Carvalho). Pallottini (1989) apresenta um exemplo clássico de caracterização por tradição das personagens do teatro que pode estar relacionado à telenovela. Nas palavras de Pallottini (1989, p. 74), “durante algum tempo, no teatro brasileiro, quando uma mulata bonita entrava em cena, já se sabia que ela era a ex-escrava sapeca, namoradeira e graciosa, que ia perturbar a cabeça de muitos personagens masculinos”.

Essa categorização para a formação das personagens definida pela autora é baseada em códigos enraizados no imaginário social compartilhado principalmente pelo público masculino. A categorização por tradição (Pallottini, 1989) nivelou as trabalhadoras, o uso de alguns estereótipos e qualificou as empregadas de Manoel Carlos. As cinco empregadas dessa categoria foram assediadas sexualmente pelos patrões, portanto, identificamos nessas narrativas cenas de assédio, violência física e simbólica. Para Bourdieu (2012), a violência simbólica se institui na relação de dominação contrapondo o dominado e o dominador, a

subalterna e o empregador. Essa violência se manifesta nas relações sociais, resultado de uma dominação cuja submissão vem da cumplicidade e faz dela uma violência sutil, insensível, invisível a suas próprias vítimas.

Vimos que entre as empregadas jovens predominam estereótipos normalmente atribuídos às mulheres de pouca idade. Nas telenovelas, a juventude das trabalhadoras facilitou algumas tramas e permitiu ao autor impor a erotização no universo das empregadas domésticas, logo, nessas narrativas, as trabalhadoras se tornaram “objetos” de desejo de seus patrões. Essa é uma amostra da violência que atinge as mulheres, principalmente as mais jovens, independentemente do tipo das roupas que utilizam. Nessa lógica, a violência faz parte de um sistema pautado em uma narrativa conveniente para o agressor.

Sandra

Além do lado sedutor, o perfil da personagem era definido como uma vilã. Sandra (Danielle Winits) era filha de Constância (Walderez de Barros), a governanta na mansão de Tide (Tarcísio Meira) e Lalinha (Gloria Menezes) na telenovela *Páginas da Vida*. Sandra cresceu em um ambiente de luxo, junto aos filhos dos patrões - “como se fosse da família” - mas não tinha os mesmos direitos, por isso tinha que trabalhar e estudar, mas não seguiu esse caminho. Na adolescência, Sandra foi seduzida por Jorge (Thiago Lacerda), filho do patrão, engravidou e fez um aborto. Em vez de aceitar o destino profissional como o de sua mãe ou buscar uma carreira, Sandra passou a seduzir homens ricos para ascender socialmente.

A jovem era bastante questionadora e suas perguntas se fundamentavam na diferença de classe e privilégios. Sandra reconhecia a exploração que sua mãe sofria, o porquê de os patrões serem tão ricos e sua mãe, que trabalhava há anos “dia e noite sem folga”, para servir à família de Lalinha e continuar pobre. Ainda assim, Constância (sua mãe) era grata à família de Tide e Lalinha e não reconhecia que era explorada.

É possível supor que Manoel Carlos, ao mudar o perfil da personagem de questionadora para vilã, esteja enfatizando que, para a elite, as “boas” empregadas são aquelas submissas, agradecidas e que não percebem os abusos nas relações existentes. Sandra foi a única personagem do grupo dos empregados ou filhas de empregados que desafiava essas dinâmicas de poder, mas acabou sendo categorizada como ingrata e invejosa.

Shirley Maria de Souza

Shirley (Renata Pitanga), a jovem empregada, era branca, trabalhava na casa de Silvia (Natália do Vale) e Afrânio (Paulo Figueiredo) em *Mulheres Apaixonadas*. A doméstica namorava o taxista Caetano (Paulo Coronato). A trabalhadora corria atrás de um

sonho, se esforçava nas tarefas e nas horas vagas estudava inglês. No final da telenovela, com o divórcio de Silvia, houve mudanças na casa da patroa, e Shirley alcançou a sonhada ascensão profissional, transformando-se em uma secretária.

Figura 9 - Empregada Shirley



Fonte: autor, print Globoplay, acesso em 09/08/2025

A narrativa de Shirley propõe a discussão sobre questões de desigualdade, logo os assuntos relacionados à transformação social só entraram na pauta dessa personagem. Do vasto rol de empregadas domésticas de Manoel Carlos, Shirley foi a única que declarou ambição profissional. Sem protagonismo, a voz dessa empregada não serviu para mobilizar a classe das trabalhadoras na busca por uma transformação social. Na ficção e fora das telas, predomina a perspectiva negativa de que as empregadas, faxineiras e demais trabalhadoras domésticas estão debaixo do jugo de discursos dominantes que impõe normas que reforçam as desigualdades e as colocam à margem da transformação social, sendo impedidas de alcançar “um lugar que não é delas”. A violência simbólica, segundo Bourdieu (2012), descreve as inúmeras formas de violência que se instala nas relações de classe, quando as elites definem que a categoria das trabalhadoras domésticas não é merecedora de melhores empregos, ascensão social e até a universidade pública. Essa violência se estende aos dependentes dessa classe profissional.

Um reflexo dessa violência simbólica no meio educacional se manifesta na crença enraizada no ambiente social que exclui alunos que não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade. Definimos esses padrões como privilégios sociais, dos quais se excluem os alunos negros, filhos de trabalhadoras domésticas entre outras famílias atravessadas por condições desiguais e situações menos favoráveis. Dentro e fora da ficção, o privilégio social configura-se em uma violência simbólica instalada e nem sempre percebida.

Essa violência é cíclica, faz parte do cotidiano e se revela na perplexidade coletiva, quando as pessoas ficam atônitas, por exemplo, quando uma informação é transformada em notícia⁵¹ de que as “gêmeas alunas de escola pública e filhas de faxineira são aprovadas para medicina e letras na universidade pública na UFJF”. Não questionamos a relevância social do assunto, mas é sintomática a estupefação da sociedade a ponto de virar notícia e reverberar nas plataformas digitais.

A discussão remete ao dualismo entre o mérito e o privilégio. Nesse último princípio, o esforço, o talento e o resultado são deslocados para segundo plano tendo em conta os privilégios sociais cristalizados na sociedade. Nessa cultura, a universidade “pública” não é um local para todas as classes sociais, assim a educação legitima a desigualdade social e privilegia a classe dominante. Bourdieu (2007) comenta sobre a escola como instituição de conservação social:

Ora, se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios. (Bourdieu, 2007, p.53)

Considerando o apresentado, chegamos à conclusão de que a concepção da escola como uma instituição de conservação social, conforme articulado por Bourdieu (2007), contribui para a continuidade da dominação social exercida pela elite, garantindo privilégios aos descendentes das classes dominantes.

5.8 Análise das trabalhadoras categoria “35+”

A segunda parte da tabela abordou as trabalhadoras na categoria “35+”, definida para as personagens com mais de 35 anos. Mesmo com o baixo corte de idade, as três personagens da categoria aparentam ter idade mais avançada, perto da terceira idade. Na tabela, esse núcleo das trabalhadoras é representado por Dalva (*Viver a Vida*), Irene (*Laços de Família*) e Constância Ribeiro (*Páginas da Vida*). Nessas personagens identificamos a caracterização por tradição conforme definiu Pallottini (2009), representação com traços psicológicos marcantes. As trabalhadoras possuem características e similaridades, carregam emoções, temperamento, sabedoria, moralidade, intelecto, virtudes, cuidam de todos da casa, são pacientes, acolhedoras, sensíveis e bondosas e têm um longo histórico com a família.

⁵¹ Fonte: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2025/02/06/gemeas-alunas-de-escola-publica-e-filhas-de-faxineira-sao-aprovadas-para-medicina-e-letras-na-ufjf.ghtml> Acesso 16/05/2025.

Avaliando as narrativas dessa amostra de trabalhadoras do núcleo da maturidade ou terceira idade, concordamos com Motter (2003, p.116) quando a autora pontua características presentes em personagens idosas. Verifica-se em comum que “quando mais idosas, são verdadeiras mães dedicadas, abnegadas e tolerantes. Tornam-se agregadas e incorporam-se à família dos patrões, pois, em geral, não se percebem nelas vínculos familiares próprios”. A figura abaixo apresenta as três empregadas da categoria 35+, na sequência Irene (1), Constância (2) e Dalva (3).

Figura 10 - Trabalhadoras da categoria 35+



Fonte: autor, print Globoplay, acesso em 09/08/2025

Irene (Laços de Família)

A primeira empregada nessa faixa etária é negra e já ocupa a terceira idade. Irene (Cléa Simões), ex-babá na casa de Nilda (Yara Lins) servia a todos da casa, era paciente, fiel, sensível e bondosa. Irene foi a babá de Ciça (Júlia Feldens), que vivia com seu pai, Miguel (Tony Ramos) e Nilda, sua avó paterna. Irene permaneceu na casa da família após o crescimento de Ciça.

Constância (Páginas da Vida)

A segunda empregada da categoria 35+ é Constância Ribeiro (Walderez de Barros), que atuava como governanta na casa de Lalinha (Glória Menezes) e Tide (Tarcísio Meira), em *Páginas da Vida*. Observa-se nas telenovelas que a figura da governanta era mais frequente junto às famílias mais endinheiradas. Na narrativa, Constância contrasta com as empregadas domésticas, a governanta é branca e coordena um grupo de empregadas negras.

Constância detém as práticas profissionais e as regras de etiqueta definidas pela elite, exigidas pela classe social dos patrões, tem passe livre, frequenta os ambientes da casa, faz a mediação entre as empregadas e os patrões. Constância estava em todas as reuniões de família, aguardando uma oportunidade de auxiliar ou orientar as empregadas. Ela servia

Lalinha e Tide há muitos anos, fazia questão de ajudar a todos da casa. A governanta era dedicada à família, sempre ressaltava a gratidão pela acolhida de seus patrões. Constância viu os filhos dos patrões crescerem, assumiu o papel de “segunda mãe” com a morte de Lalinha.

Dalva (Viver a Vida)

A terceira empregada da categoria 35+ é Dalva (Márcia Di Milla), ela era a empregada de Ingrid (Natália do Vale). É importante ressaltar que Dalva não está listada na coluna de personagens do Portal Memória Globo. A personagem foi incluída na pesquisa, e sua identificação foi feita por meio da análise das cenas da telenovela. Dalva era negra, aparentava ter mais de 35 anos e era amiga da patroa. Nos momentos de solidão de Ingrid, a empregada ouvia os desabafos e chorava com a patroa. Em uma cena do capítulo 200, Ingrid convidou Dalva para se sentar à mesa e tomar café com ela. A patroa disse: “senta Dalva, toma café, come o bolinho, não tem ninguém para comer isso, isso aqui vai estragar, a gente não pode jogar comida fora”. A cena revela uma relação hierárquica marcada por um gesto de falsa generosidade. O ato, que aparenta cordialidade, na verdade reafirma o lugar subalterno da empregada, tratada como extensão dos restos, um descarte simbólico disfarçado de simpatia. Assim, a cordialidade opera como mecanismo de manutenção das desigualdades sociais. Sob a aparência de benevolência, o gesto revela a naturalização de uma lógica de exclusão, em que a trabalhadora é associada ao residual.

A doméstica sinalizava amizade por Ingrid, por outro lado, a patroa demonstrava um “relacionamento de conveniência”.

No quadro, a descrição “aparência de pessoa sofrida” pode descrever um “semblante cansado”. A expressão pode ser fruto da rotina de trabalho das empregadas e propor um estigma, uma “marca” que representa as inúmeras mazelas que envolvem as trabalhadoras já idosas. O aspecto do rosto da trabalhadora pode ser consequência de uma longa e exaustiva jornada de trabalho, fruto da exploração da mão de obra, maus-tratos ou até questões de saúde. Avaliando as narrativas dessa amostra de trabalhadoras nos casos da governanta, da empregada e da babá, essas trabalhadoras já acumulam anos de trabalho com os seus patrões. Há uma questão familiar comum presente na vida dessas personagens: a forma de inclusão dessas empregadas nas famílias. Nos três casos, essa relação está vinculada ao longo tempo de convivência, de prestação de serviço às famílias.

- Irene era babá, sua carreira profissional, em tese, encerraria quando Ciça crescesse. No entanto, ela permaneceu com a família.
- Constância acompanhava a patroa há anos, manifestava gratidão pelo acolhimento no seio da família e com a morte de Lalinha assumiu uma “maternidade” que não lhe pertencia.
- Dalva era empregada doméstica, tinha acesso à intimidade de Silvia, aconselhava e sofria junto, até chorava. A relação revela uma dinâmica de proximidade afetiva, problemática do ponto de vista profissional.

Essa é uma realidade que ocorre em torno das elites. A relação é controversa, não define um grau de parentesco da trabalhadora com a patroa, somente “reduz” o distanciamento entre níveis hierárquicos. As empregadas continuam empregadas, logo, não fazem parte da família. Outro ponto de reflexão em relação a trabalhadoras domésticas com mais idade é que o mercado de trabalho não é complacente, as oportunidades são limitadas, logo resta a elas “servir” na casa que as acolheram. A essas personagens foi atribuído um comportamento que perpetua o estereótipo da *Mãe Preta*. Hall (2016) pontua algumas características do estereótipo da mãe preta, como “*black mammy*”, “*Mammy*, a escrava doméstica sempre fiel e dedicada” (HALL, 2016, p.172).

Há dois princípios nessas relações: por um lado, as trabalhadoras serviam com dedicação, criaram os filhos dos patrões; por outro, a condição dessas empregadas favorecia a exploração, sem direitos trabalhistas, longa e exaustiva jornada de trabalho, sem direito à aposentadoria. Nesse contexto, as trabalhadoras idosas, desprovidas de opções, permaneciam junto às famílias, o que nem sempre deixa evidente onde residem os limites entre o acolhimento profissional e o trabalho análogo à escravidão. No Brasil, o trabalho análogo ao de escravo não é exclusividade de empregadas domésticas negras, essa violência também atinge as trabalhadoras brancas.

A ficção atua na dicotomia entre realidade e a fantasia, para (Wolton, 1996, p.45) “a televisão não é unívoca”. Há um duplo sentido arraigado a essas representações. As personagens (empregadas domésticas) das telenovelas em sua maioria estão fundamentadas em estereótipos, dessa forma, podem não representar a classe das trabalhadoras, nesse caso são somente simulacros. Em contraposição, a ficção tem seu momento de verdade quando a telenovela, como narrativa da nação, dá visibilidade a determinados assuntos (Lopes, 2003).

Portanto, independentes da faixa etária das personagens, alguns estereótipos observados podem resultar de uma série de caracterizações e classificações definidas pelo

autor das telenovelas que em alguns casos extrapolam a realidade. Por outro lado, Pallottini (1989) defende que as personagens são porta-vozes de uma ideia, carregam traços selecionados pelo autor, segundo critérios pessoais. A autora faz algumas considerações sobre as caracterizações das personagens.

Há momentos altíssimos da criação dramaturgica em que o autor não está absolutamente interessado em perquirir o que passa no interior, no íntimo, no subjetivo do personagem. Interessa-lhe o que ele faz, interessam-lhe as suas ações, interessam até mais as forças que o impelem a fazer o que faz. Forças sociais ou políticas, por exemplo. (PALLOTTINI, 1989, p.67)

Desse modo, as personagens podem representar padrões de comportamento que dialogam com a realidade. Esse diálogo, em seu “papel social”, carrega um convite à reflexão. Notamos que na ficção predominou a mão de obra de trabalhadoras domésticas jovens, são 56,8% da mão de obra na categoria “*jovem*” contra 43,2% na categoria representada pela faixa a partir dos “35+”. Em contraste, está a realidade das empregadas domésticas a partir da faixa dos “35+”. Vimos no capítulo 2 que, fora da ficção, o mercado de trabalho não é tão “generoso” para as mulheres com mais idade, as oportunidades profissionais não são abundantes, logo só resta exercer as atividades relacionadas ao serviço doméstico. Essa seria uma possível explicação para a predominância de trabalhadoras na categoria “35+”. Além disso, a baixa escolaridade é uma barreira dessa faixa etária que favorece a formação desse cenário desfavorável para as empregadas com mais idade. Em suma, as personagens jovens são elemento sedutor, com função de trazer a feminilidade passível de desejo e, em certos casos, de assédio. Em contrapartida, as empregadas de idade mais avançada representam as mulheres que não se profissionalizaram e, por falta de opção, continuam no lar dos patrões como ‘parte da família’.

O próximo capítulo é de caráter analítico-específico, tem a finalidade de examinar as situações, com o intuito de identificar aquelas que exploram temas relacionados aos objetivos da pesquisa.

CAPÍTULO 6: ASSEDIADAS ESTEREOTIPADAS E SUBMISSAS

Este capítulo colabora para consolidar os resultados obtidos nas etapas anteriores desta pesquisa, concentrando-se em diversas formas de violência identificadas ao longo do processo de mapeamento. O objetivo é expor, através da análise de conteúdo fundamentada em Bardin (2016), algumas circunstâncias que evidenciam a violência, a exploração do trabalho e o

preconceito nas narrativas de uma seleção de empregadas domésticas, personagens das telenovelas de Manuel Carlos. Tendo essas opressões como eixos de nossas reflexões, as abordagens exploradas pelo autor das telenovelas servem como ponto de partida para debates em que convergem as preocupações atuais de uma parcela da sociedade. A pesquisa pretende apresentar alguns desdobramentos de violências analisadas sob a perspectiva da interseccionalidade. Considerando a interseccionalidade proposta por Crenshaw (2002) como recurso metodológico para a nossa análise, partimos da exposição de recortes e interfaces das violências utilizadas na construção das narrativas de uma seleção de trabalhadoras.

6.1 A combinação de métodos ao longo da pesquisa

O primeiro capítulo detalhou os métodos aplicados na investigação, enquanto o segundo capítulo apresentou o panorama nacional do trabalho doméstico por meio de indicadores econômicos e descreveu a realidade das empregadas no mercado de trabalho. Do terceiro ao quinto capítulo, a pesquisa foi de natureza investigativa, tendo o percurso guiado pela cartografia. O mapeamento identificou 81 trabalhadoras domésticas em 31 telenovelas das 20h e 21h ao longo dos anos 2000-2018. No decorrer do levantamento, surgiram outros atributos relevantes para a segmentação da população de trabalhadoras domésticas, tais como as ocupações profissionais, raça, faixa etária e as desigualdades. Por meio do mapeamento, foram observadas as condições de trabalho das empregadas frente às reivindicações trabalhistas da categoria profissional. Os dados coletados foram modelados em tabelas e gráficos, sendo submetidos a análises quantitativas. A escolha e a estruturação desses dados foram feitas a partir de observações e medidas empíricas pertinentes para a formação do *corpus* da pesquisa.

Dessa forma, foi possível confrontar os resultados do estudo com a realidade social das trabalhadoras domésticas. Para a pesquisa acadêmica, a combinação dos métodos de pesquisa e coleta de dados colaborou para fundamentar e direcionar o projeto e assim determinar os eixos de análises. A cartografia de Deleuze e Guattari (2011), aliada à análise de conteúdo (Bardin, 2016; Greco, 2023) possibilitou demonstrar de forma abrangente as considerações discutidas nos capítulos.

Este último capítulo possui um caráter analítico específico, examinando cada situação dos períodos escolhidos, com o objetivo de identificar as narrativas que apresentarem variedades de temas. Esse estudo realiza uma análise empírica com abordagem qualitativa que vai colaborar para interpretação de dados não numéricos, como as cenas das telenovelas e

falas das personagens que remetem à violência, preconceitos e estereótipos direcionados às trabalhadoras domésticas. Para Bardin (2016, p.146), “a análise qualitativa é o fato de a “inferência – sempre que é realizada – ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem etc.)”. Para a autora, essa abordagem não rejeita a quantificação dos dados.

O uso das abordagens quantitativa e qualitativa assegurou as análises, a precisão numérica e a decodificação de um conjunto de narrativas. A integração dos métodos possibilitou ao pesquisador formar uma unidade completa e coesa de raciocínio para compreensão da realidade das trabalhadoras domésticas dentro e fora da ficção. Para Creswel (2010, p.39), “como alternativa, os dados qualitativos e quantitativos podem ser unidos em um grande banco de dados ou os resultados usados lado a lado para reforçar um ao outro”. A união de métodos permitiu interpretações significativas das apurações.

6.2 Organização e análise de conteúdo

A partir desta fase da pesquisa, seguiremos os passos para a estruturação da análise de conteúdo definida por Bardin (2016). As etapas incluíram a seleção do *corpus*, exploração do material, classificação em categorias, tratamento dos resultados e interpretação.

Seleção do corpus de análise

Para a seleção do corpus, seguimos a regra da representatividade proposta por Bardin (2016), que orienta que a amostra deve ser representativa do universo das trabalhadoras domésticas. A seleção deu preferência às trabalhadoras envolvidas em situações que abrangessem uma variedade de temas nos conflitos exibidos. Durante a exploração do material, delimitamos a pesquisa, selecionamos uma amostra de trabalhadoras das telenovelas *Laços de Família* e *Mulheres Apaixonadas*, ambas de Manoel Carlos, e escolhemos alguns recortes das narrativas de quatro trabalhadoras. A amostra contém uma trabalhadora negra idosa e três jovens, sendo duas delas negras e outra não-negra.

As cenas trouxeram representações estereotipadas e variados níveis de preconceitos e violências. Os conteúdos são apropriados enquanto fonte de pesquisa e análise, sendo que a tabela a seguir apresenta a relação das trabalhadoras do estudo.

Tabela 7 - Empregadas selecionadas para análise

Trabalhadora	Telenovela	Negra/não-negra	Faixa etária
Zilda	Laços de Família	Negra	Jovem
Irene	Laços de Família	Negra	Idosa
Ritinha	Laços de Família	Não-negra	Jovem
Zilda	Mulheres Apaixonadas	Negra	Jovem

Fonte: Memória Globo. Elaborado pelo autor.

Categorias de análises

Para fazer o acompanhamento das narrativas das trabalhadoras, definimos três categorias para as análises, visando observar e analisar tópicos semelhantes que englobam as violências direcionadas às trabalhadoras domésticas.

Tabela 8 - Categorias de análise

Categorias
Exploração da mão de obra
Trabalho análogo a escravidão
Assédio sexual

Fonte: elaborado pelo autor.

As categorias representam alguns tipos de agressões, possuem elementos entrelaçados e não se manifestam de maneira isolada. As agressões configuram ações deliberadas de diversas formas de violência (física, moral, psicológica e sexual) que ocasionam danos e prejuízos à integridade das trabalhadoras, seja por meio de ações ou omissões. Nesse estudo, as categorias de análise abordam situações predominantemente observadas no ambiente doméstico e, de modo geral, as agressões partiram dos empregadores e seus familiares.

6.3 O contexto das tramas das empregadas

Vimos que Manoel Carlos compôs narrativas baseadas em pautas sociais e, com isso, colocou na “vitrine” diversos temas importantes fundamentados em reivindicações comuns ao público, em maioria protagonizadas pelas personagens principais. Em uma esfera menos prestigiosa ficou a pauta das domésticas. As personagens viveram na narrativa o descaso dos patrões, preconceitos e violências não problematizadas na trama.

Os conflitos, desenvolvidos em papéis secundários, retratam situações recorrentes à época, anterior à regulamentação do trabalho doméstico. Assim, poderíamos supor que a maneira como as empregadas domésticas foram tratadas na telenovela é um reflexo da

forma como a sociedade as tratava na época das primeiras exposições, há mais de vinte anos. As empregadas domésticas “gravitavam” em torno das patroas. Os núcleos de personagens evidenciavam conflitos de classes, especialmente por ocorrerem no Leblon, bairro nobre na zona sul da capital fluminense. As relações de trabalho estavam além da laboral, uma vez que essas profissionais eram subordinadas a um vínculo de submissão semelhante à servidão, resultado de uma estratégia silenciosa de poder de seus patrões.

Elas se mantinham atentas aos dramas de suas patroas, assumiram sistematicamente os cuidados da casa, crianças e idosos para que, assim, as classes média e alta pudessem trabalhar, prosperar, passear e viajar.

A casa da patroa representa o espaço social definido por Bourdieu (1996), no qual ocorreriam as interações dos mundos. Por trás das personagens principais, que em sua maioria foram protagonizadas por famílias brancas, “cultas” e ricas, figuravam as empregadas, que nos dramas faziam contraste ao universo da elite carioca. As trabalhadoras domésticas eram, em sua maioria jovens, muitas eram negras e todas eram originárias de classes sociais menos favorecidas. Mais de uma década depois da transmissão da telenovela, diversas reivindicações das categorias de profissionais domésticos resultaram na Proposta de Emenda à Constituição 66/2012, conhecida como ‘PEC das Domésticas’⁵², que impõe a regularização do trabalho doméstico.

Ainda que sejam inegáveis as melhorias ocasionadas pela PEC, o preconceito enraizado e o racismo estrutural deixam ainda muito a desejar. Vimos no capítulo 2 desta tese que, atualmente no Brasil, as empregadas domésticas, babás e diaristas são marcadas por um histórico mais severo que o abordado na ficção, em sua maioria mulheres negras, maduras e de origem humilde. A pesquisa também mostrou que as mulheres negras recebem 20% a menos que as mulheres não negras. Outro ponto abordado é que o número de trabalhadoras sem registro em carteira é maior nesse grupo. Estes dados revelam uma realidade que manifesta os estereótipos presentes na sociedade, associados à profissão, e seguem a lógica do preconceito. Para pessoas negras, restam atividades “menos relevantes” com menor remuneração, em que lhes são negados os direitos trabalhistas, configurando assim o racismo estrutural⁵³. Lima (2000-2001), destaca:

⁵² Fonte: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/03/30/pec-das-domesticas-10-anos-de-lei-80-anos-de-luta> Acesso:16/09/2025

⁵³ Fonte: <https://www.brasildedireitos.org.br/atualidades/o-que-racismo-estrutural/> Acesso: 12/09/2025

Ao persistir retratando o negro como subalterno, a telenovela traz, para o mundo da ficção, um aspecto da realidade da situação social da população negra, mas também revela um imaginário, um universo simbólico que não modernizou as relações interétnicas na nossa sociedade. (LIMA, 2000-2001, p.98)

No âmbito ficcional, estabelece-se uma convergência com o real ao se considerar que Manoel Carlos adotou narrativas presentes na realidade. Nas telenovelas desse autor, é possível observar a recorrência de características que marcaram as personagens. As empregadas eram assediadas, estereotipadas e submissas.

6.4 Identificação das categorias de análises nas tramas das empregadas domésticas

A reprise de *Laços de Família*, nos anos 2020 e 2021 no programa *Vale a Pena Ver de Novo* colocou a problemática das empregadas domésticas em perspectiva. Zilda (Thalma de Freitas) representou as empregadas que acumulam funções que nem sempre são atribuições de seu cargo e desconhecem seus direitos trabalhistas. No entanto, em sua primeira exibição no início dos anos 2000, a situação laboral de Zilda não repercutiu negativamente, em parte pela naturalização deste tipo de relação à época. Com a reapresentação da telenovela 20 anos depois, em contexto com avanços de informação e denúncias sobre más condições de trabalho das domésticas, repercutiu nas redes sociais o tratamento dado a Zilda.

A funcionária da casa, além de exercer multitarefas, estava sempre de plantão, ora submetida à jornada exaustiva ou sendo maltratada pela nora de Helena (Vera Fisher). O site *Observatório de TV* assinala: “embora todos digam que Zilda é da família, ela é explorada de todas as formas pela família de Helena, sem ter nenhum momento de folga.”⁵⁴ Zilda não tinha horário fixo para o trabalho, fazia faxina, era cozinheira, fazia compras, costurava e atuava como babá dos netos de Helena e também do filho de Capitu (Giovanna Antonelli). Zilda trabalhava até tarde da noite, inclusive na véspera do Natal.

⁵⁴ Fonte: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/publico-critica-tratamento-dado-a-zilda-em-lacos-de-familia> Acesso em: 10/06/2023

Figure 11 - Zilda e o neto de Helena



Fonte: Observatório da TV. Acesso em: 29/09/2025⁵⁵

A relação patroa-empregada é passível de tensionamentos sensíveis, pois mescla o âmbito profissional com questões pessoais. Nesse jogo de forças, a trabalhadora está em desvantagem, pois nem sempre possui repertório necessário para distinguir com clareza o que delimita as atribuições de sua profissão e, principalmente, não pode se opor, por ser dependente do trabalho.

Na atividade profissional das empregadas, é possível que o exercício de multifunções caracterize a exploração da mão de obra e a precarização da profissão, já desvalorizada socialmente. Por exemplo, de acordo com o Sindicato das Empregadas Domésticas e Trabalhadores Domésticos da Grande São Paulo (SINDOMESTICA)⁵⁶, as atividades de babá e empregada doméstica são distintas, tanto é que são categorias diferenciadas pelo Ministério do Trabalho (MTE).⁵⁷ Em razão disso há uma classificação Brasileira das Ocupações (CBO) definida para cada atividade.

Em entrevista⁵⁸ ao programa *Sem Censura* da TV Brasil, Thalma de Freitas, a atriz que interpretou Zilda, apresentou outro aspecto de sua personagem. Ela explicou que na ocasião houve uma “intenção do Maneco de dar dignidade para o personagem da empregada doméstica na televisão brasileira, que geralmente era aquela figura que entrava com cafezinho e saía, e a Zilda tinha bastante texto, tinha cena sozinha, tinha cena com outros núcleos”. Na perspectiva da atriz, Zilda ganhou destaque na telenovela, diferente de outras trabalhadoras, porque tinha uma participação ativa nas cenas. A dignidade defendida pela atriz é questionável, poderíamos supor que Zilda obteve popularidade porque era caricata, inocente e não percebia a exploração a qual era submetida. Com a reapresentação da telenovela *Laços de Família*, a personagem “ganhou” as redes sociais com a frase “cafezinho, dona Helena”, que

⁵⁵ Fonte: <https://observatoriodatv.com.br/noticias/publico-critica-tratamento-dado-a-zilda-em-lacos-de-familia> Acesso em: 29/09/2025

⁵⁶ Fonte: https://www.sindomestica.com.br/noticias_mostra.php?id=718 Acesso em: 10/06/2023

⁵⁷ Fonte: <https://empregabrasil.mte.gov.br/76/cbo/> Acesso em: 10/06/2023.

⁵⁸ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=8b9f8ZIxZU4> Acesso: 18/03/2025

até virou meme. Em outra análise, a personagem poderia simbolizar uma crítica à realidade profissional das empregadas domésticas.

Irene - as sutilezas do trabalho análogo ao de escravo

Além do desvio de função, da sobrecarga e da ausência de horário fixo de trabalho, algumas domésticas vivenciam um regime análogo à escravidão pela falta de limites trabalhistas e pela longevidade em que se estende a relação, disfarçada pela frequente premissa de que seriam ‘um membro da família’. Esse é o caso da segunda empregada que suscita nossas reflexões. Irene (Cléa Simões) é negra e já ocupa a terceira idade. Ela era a babá de Ciça (Júlia Feldens), filha de Miguel (Tony Ramos) e vivia com eles e a avó paterna Nilda (Yara Lins). Irene havia atuado como babá, mas permaneceu na casa da patroa mesmo após o crescimento de Ciça.

Figura 12 - Irene e a patroa



Fonte: *Globoplay*. Acesso em: 19/06/2023

Irene fazia as refeições sentada à mesa com a família e acompanhava a patroa nas festas. Embora a família tivesse outra empregada, Irene ainda aparecia fazendo pequenos serviços, como ajudar a servir a mesa. A trabalhadora não tinha horário de trabalho definido, a ex-babá foi “naturalizada” no lar, era como se fosse “da família”. E esse acolhimento pode ocasionar um equívoco, assim as questões relacionais podem ser problemáticas e favorecer a exploração da mão de obra. Teixeira, Saraiva e Carrieri (2015) destacam que, na casa em que as empregadas atuam, coexistem a proximidade física e o distanciamento simbólico entre empregadas e patrões. Os autores apontam, ainda, a recorrente negação da condição de empregada doméstica para se permitirem pertencer aos lugares, o que leva a uma noção plural de espaço, pois condensam a diferença entre estar fisicamente em um lugar e simbolicamente a ele pertencer.

Irene pode acreditar que é mesmo da família, o “vínculo” de dependência desse núcleo familiar enfraquece a relação profissional e coloca em outro plano as reivindicações trabalhistas. A situação reflete um cenário favorável aos patrões, em que a empregada realiza trabalho não visível, prestando serviços a qualquer hora sem escala de descanso e nem sempre remunerado. Com a idade avançada, Irene não tinha mais oportunidade profissional, o que enfraquece a possibilidade de rompimento com o vínculo em que se acostumou. É possível que a condição de Irene represente a precarização da profissão que abrange domésticas, babás e outras profissionais de serviços que trabalham sem registro em carteira. Mais do que isso, a situação poderia ser estendida atualmente a qualquer classe trabalhadora, pela evidente priorização do trabalho jovem em detrimento de profissionais da terceira idade. Como afirma Castel (2012), isso resulta na invalidação dos trabalhadores que estão envelhecendo, ou seja, aqueles que são demasiado idosos para serem reciclados, mas jovens demais para se aposentarem. No caso de Irene, assim como para muitas domésticas com anos de atuação informal no Brasil, não há opção de aposentadoria, tampouco direitos trabalhistas acumulados. Portanto, as circunstâncias vividas por Irene criam um ambiente que favorece a prática do trabalho análogo ao de escravo⁵⁹.

O trabalho em condições análogas à escravidão é caracterizado pela privação de direitos do trabalhador ao executar suas atividades profissionais. O trabalhador ou a trabalhadora presta serviços durante anos, muitas vezes com um salário abaixo do mínimo estabelecido na lei, recebe acomodação e alimentação precárias e até insalubres.

O governo federal elaborou uma lista⁶⁰ de empregadores infratores, denominada “lista suja” com nomes de empregadores que submeteram trabalhadores e trabalhadoras a condições análogas à escravidão. Entre as atividades econômicas com o maior número de empregadores inclusos na lista, figura o trabalho doméstico.

Uma das formas de erradicar o trabalho escravo e degradante é a denúncia, constantemente trazidas ao público em exemplos desse tipo de exploração. O trabalho escravo não atinge somente as empregadas idosas, as jovens também são vítimas da exploração. O portal G1 trouxe a manchete que descreve uma situação que se repete durante anos: “Doméstica é resgatada após passar 43 anos em condições análogas à

⁵⁹ Fonte: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/assuntos/inspecao-do-trabalho/areas-de-atuacao/combate-ao-trabalho-escravo-e-analogo-ao-de-escravo> Acesso em: 10/09/2025.

⁶⁰ Fonte: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202510/mte-atualiza-201clista-suja201d-do-trabalho-analogo-a-escravidao-com-159-novos-empregadores> Acesso: 06/10/2025

escravidão; 'Diziam que era da família', diz procurador"⁶¹.

Essa frase, não raro enunciada por patrões em relação a suas empregadas, ressalta uma ligação afetiva e imaginária. Ao dizer que “são da família”, estabelecem um vínculo de confiança por parte da empregada e de seus familiares. O portal complementa: “Além dos afazeres na residência, ela também atuava como babá. Durante todo esse período, trabalhou em todos os turnos, sem vínculo empregatício”. Essa empregada desconhecia seus direitos e confiava em seus patrões. O portal de notícias também informou que a doméstica não tinha carteira assinada, portanto não tinha direito a nenhum benefício da previdência. A doméstica iniciou a carreira quando era adolescente, teve seus documentos confiscados pelos patrões, isso também caracterizou a relação como trabalho forçado.

O segundo caso⁶² noticiado pelo portal G1 apresenta a situação de uma empregada mantida há pelo menos 20 anos realizando tarefas domésticas na residência de um desembargador em regime de trabalho análogo ao de escravo. Segundo o portal, a trabalhadora não recebia salário, não tinha registro em carteira, era vítima de maus-tratos e não tinha convívio social. O desembargador apresentou uma nota de esclarecimento.

Venho manifestar surpresa e inconformismo com o ocorrido, antecipando, desde logo, que aquilo que se cogita, infundadamente, como sendo “suspeita de trabalho análogo à escravidão”, na verdade, expressa um ato de amor. Haja vista que a pessoa, tida como vítima, foi na verdade acolhida pela minha família. Trata-se de alguém que passou a conviver conosco, como membro da família, residindo em nossa casa há mais de 30 anos, que se juntou a nós já acometida de surdez bilateral e muda, tendo recebido sempre tratamento igual ao dado aos nossos filhos. (G1, 2023)

Apresentamos somente dois exemplos, mas há inúmeros casos noticiados em portais de notícias e também nos registros da “lista suja” do trabalho análogo à escravidão elaborado pelo Governo Federal.

A expressão “como se fosse da família” citada nas denúncias acima, nas telenovelas e no portal Memória Globo coloca em perspectiva uma problemática dentro das narrativas de profissionais que exercem serviços domésticos. Estamos falando de visões de mundo, um modelo de sociedade que assegura a manutenção de privilégios da elite, e ao mesmo tempo afeta as camadas mais “baixas” da população. Na representação, as empregadas domésticas cumpriam uma ordem social estabelecida. Para Hall (2016, p.

⁶¹ Fonte: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/06/30/domestica-e-resgatada-apos-passar-43-anos-em-condicoes-analogas-a-escravidao-diziam-que-era-da-familia-diz-procurador.ghtml> Acesso: 10/09/2025.

⁶² Fonte: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/06/06/investigacao-contradeseembargador-de-sc-apura-indicios-de-trabalho-forcado-jornadas-exaustivas-e-condicoes-degradantes-diz-mpf.ghtml> Acesso: 06/10/2025

31) a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura.” No Brasil, tornou-se naturalizado no hábito cotidiano e cultural das elites a dissolução do trabalho doméstico, travestido de relação pessoal. Zilda (*Laços de Família*), Irene (*Laços de Família*), Ritinha (*Laços de Família*) e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) tinham em comum esse pertencimento, pois acreditavam que eram da família.

Ritinha e o assédio sexual no ambiente de trabalho doméstico

Laços de Família apresentou também a trama envolvendo a empregada doméstica Ritinha (Juliana Paes). A jovem veio do interior para trabalhar na casa do casal Danilo (Alexandre Borges) e Alma (Marieta Severo). Alma era a detentora da fortuna e se casou com Danilo, mais jovem e sem bens próprios.

Na trama, a personagem trouxe à tona um tipo de violência da qual muitas empregadas podem ser vítimas, sendo assediadas ou tratadas como “objeto sexual” de seus patrões. Ritinha foi seduzida por seu patrão Danilo, que a engravidou. Danilo ficou com medo que Alma descobrisse a traição, sugeriu que Rita fizesse um aborto, mas ela não aceitou. A doméstica termina por morrer no parto de seus filhos gêmeos, que acabam sendo criados por Danilo e Alma, a patroa traída.

Vale mencionar que, assim como no caso da exploração da empregada Zilda na mesma novela, os assédios sofridos por Ritinha não foram acusados pela audiência quando de sua primeira exibição. A interação entre patrão e empregada era entendida como recíproca, de um núcleo com possível intenção de alívio cômico.

Entretanto, na ocasião da reprise, duas décadas depois, os espectadores foram às redes denunciar os absurdos daquela relação, que no cenário de 2021 foi percebida como permeada de violências.

Figura 13 - Ritinha

Fonte: Resumo das Novelas On Line. Acesso 14/06/2023⁶³

É interessante observar que há uma dicotomia entre os papéis de Danilo, entre ser marido de Alma e patrão de Rita. Para Alma, Danilo era conservador, defendia a fidelidade no casamento, tinha a família como uma instituição sagrada e vivia de mesada da esposa. Como patrão de Rita, Danilo era exibicionista, estava sempre na piscina tomando champagne. O patrão contava vantagens, fazia promessas mentirosas e a empregada acreditava nessas conversas. As cenas aparentemente divertidas, onde prepondera a tolerância à violência, culminam na culpabilização da vítima como justificativa do ato. Manoel Carlos atribuiu um caráter erotizado ao comportamento de Ritinha, explorou o estereótipo da hipersexualização da personagem e, com isso, a doméstica se tornou “objeto” de desejos de seu patrão. O autor estimulou as fantasias masculinas ao compor uma personagem que era jovem, bonita, de uniforme curto. Em certas cenas, como ao servir seu patrão na piscina, as suas pernas eram destaque.

Figura 14 - Danilo observando Ritinha

Fonte: *Globoplay*. Print da cena do capítulo: 47. Acesso em: 19/06/2023

Fazendo uso das ideias de Martín-Barbero (1997), quando o autor relata como era

⁶³ Fonte: <https://resumodasnovelas.online/ritinha-tera-final-tragico-em-lacos-de-familia-relembre-qual-sera/>
Acesso: 14/06/2023

formada a rede de personagens que compõem o núcleo de um drama de romance no século XVIII, percebe-se que há algumas semelhanças que descrevem os arquétipos do assediador, daí temos: “o traidor, ou perseguidor ou agressor” (1997, p.163). O autor defende que uma dessas figuras pode ser a “personificação do sedutor que fascina a vítima” (Martín-Barbero, 1997, p.163). Danilo tinha os arquétipos do assediador, era compulsivo pela sedução, flertava com todas as mulheres ao seu redor e fez fama de mulherengo. A empregada tinha um sonho de ser modelo, no final foi seduzida pelo patrão. As cenas não descrevem uma grande história de amor, mas refletem uma possível realidade vivida por algumas profissionais do serviço doméstico. Morin (2005, p.37) ressalta o duplo movimento que envolve a cultura de massas, do “imaginário arremedando o real e do real pegando cores do imaginário”.

Vale ressaltar que, justamente porque a ideia de uma empregada jovem, atraente (evidenciada algumas vezes pelo uniforme de saia curta) e submissa (até mesmo pela posição hierárquica) também habitasse o imaginário coletivo no fim dos anos 1990, o assédio sofrido por Ritinha pôde passar despercebido.

Zilda - o assédio sexual no ambiente de trabalho doméstico

Mulheres Apaixonadas trouxe para o debate a história de Zilda (Roberta Rodrigues), a jovem empregada era negra, trabalhava na casa de Irene (Marta Melinger) e Carlão (Marcos Caruso), fazia comida, faxina e cuidava de idosos. Zilda era maltratada pela adolescente Dóris (Regiane Alves), a filha da patroa, que a humilhava constantemente. O assédio sexual também esteve presente no ambiente de trabalho doméstico quando o autor estimulou as fantasias do adolescente Carlinhos (Daniel Zetel), ao compor uma personagem que era jovem e bonita. Em algumas cenas, a empregada andava pela casa com trajés apertados e curtos, situação que dava destaque a seu corpo. Carlinhos se sentia atraído pela trabalhadora e, mesmo sem sua permissão, assediava-a frequentemente, forçando contatos físicos e intimidando-a no ambiente de trabalho. Como no caso de Ritinha, Manoel Carlos também atribuiu um caráter erotizado ao comportamento de Zilda, e mais uma vez explorou o estereótipo da hipersexualização da personagem.

A doméstica não dava “bola” ao jovem que era muito ousado e, em certa ocasião, assediou a empregada durante o jantar da família e os pais não reprovaram a atitude do adolescente, o que revela a ambiência de naturalização dos abusos de poder naquela família. Zilda (Roberta Rodrigues) se queixava dos atos de Carlinhos, reclamou que se sentia

observada o tempo todo, porém os patrões não consideraram as queixas, mesmo conhecendo o comportamento do adolescente.

Figura 15 - Zilda (Mulheres Apaixonadas)



Fonte: Zappeando, acesso: 24/09/2025⁶⁴

No capítulo 98, Carlinhos é surpreendido por sua mãe ao observar a empregada através da fechadura da porta enquanto ela trocava de roupa no quarto. Irene (Marta Melinger), perplexa, diz “eu não estou acreditando nisso”, e comenta que “se a Zilda te pega ou se ela fica sabendo, é capaz até dela pedir demissão e nunca mais trabalhar aqui”. Fica claro que a preocupação da mãe é com a possibilidade de perder sua ‘propriedade’, e não com a atitude desrespeitosa do filho. Carlinhos responde “mãe, não é o que você está pensando”, e completa “mas eu não tava olhando pra ela do jeito que você tá pensando. Eu só ia abrir a porta, ia bater, dar um susto, dar um grito, só isso. Juro, pode crer”. Diante dessa ocorrência no capítulo 107, Irene cobra de Carlão (Marcos Caruso) que converse com o adolescente.

No capítulo 114 Carlão, chama Carlinhos para um diálogo e diz que reprova suas atitudes.

Deixa a Zilda em paz, meu filho, por favor! A Zilda é nossa empregada, quantos anos ela trabalha aqui, se ela fica sabendo, é uma pessoa que a gente gosta, pessoa que a gente trata como se fosse da família, de repente ela vai embora e aí?

O adolescente argumentou “mas a Zilda, é uma parada federal, eu vi ela peladinha, ela é muito gostosa”. Mesmo com o aconselhamento do pai, Carlinhos segue importunando a trabalhadora. No capítulo 118, Carlinhos tenta beijar Zilda à força, mas ela conseguiu

⁶⁴ Fonte: <https://zappeando.com.br/entretenimento/7-atrizes-que-ainda-nao-eram-superfamosas-quando-fizeram-mulheres-apaixonadas> Acesso: 24/09/2025

escapar. Nas falas de Carlão e Irene, o que se destaca são as declarações onde eles não demonstram se importar com o bem-estar e o respeito à trabalhadora, mas, sim, o que preocupa é quem realizará os serviços domésticos, caso a empregada fique ofendida e resolva ir embora.

No capítulo 156, a empregada cedeu aos desejos do filho do patrão. O episódio repercutiu fora das telas, de acordo com o Diário dos Trabalhadores da Grande ABC⁶⁵, o Sindicato da Sociedade dos Trabalhadores Domésticos de Jundiaí e Região entendeu que a trama reforçaria o preconceito contra as domésticas, logo, solicitou à justiça que a cena entre a empregada doméstica e o filho-patrão não fosse para o ar. Porém, a justiça negou o pedido alegando que a cena era uma obra de ficção. A tão desejada oportunidade para Carlinhos, a fantasia do adolescente de perder a virgindade com a empregada, se transforma em frustração, no momento de tensão e ansiedade, o jovem falha. Logo, tenta apresentar um argumento sem nexo para se justificar diante do incidente. Para sorte do jovem, o telefone toca e a empregada vai atender. Do outro lado da linha está o ex-namorado de Zilda e Carlinhos se livra da humilhação.

6.5 As perspectivas dos assediadores e das trabalhadoras

Na perspectiva dos assediadores e talvez, do telespectador, Ritinha (*Laços de Família*) e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) demonstravam gostar das cantadas dos patrões, e o fato do sexo aparentemente ser consentido, depositam parcela de ‘culpa’ nas empregadas, principalmente em Ritinha pela gravidez. No entanto, a posição de subordinação fragilizava as empregadas e as colocava em posição vulnerável.

Esse tipo de assédio é criminalizado no Brasil e apontado no Artigo 216-A⁶⁶, que define Assédio sexual como “constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.” Desse modo, a insistência de Danilo e Carlinhos configura crime, ao passo que a posição das empregadas as coloca em posição de vítima. A telenovela, no entanto, não aponta criticamente essa relação. Talvez pelo contrário, coloca parcela de responsabilidade nas domésticas, configurando culpabilização da vítima. Assim, a narrativa deixa de evidenciar

⁶⁵ Fonte: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/245648/-mulheres-apaixonadas-justica-nega-pedido-de-domesticas> Acesso em 10/09/2025

⁶⁶ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110224.htm Acesso:10/09/2025

a desigualdade social, além de promover tolerância à violência, objetificação da mulher e da culpabilização da vítima. De acordo com Sommacal e Tagliari (2017), essas seriam

circunstâncias concernentes à cultura do estupro, as quais se materializam na normalização da violência, na objetificação da mulher e na culpabilização da vítima; características essas que, além de promover o culto do crime em comento, ensejam a permanência da mulher em um patamar inferior, desigual e adstrita às condutas morais socialmente esperadas pelo sexo feminino.

O desejo de permanência da mulher em seu lugar socialmente esperado por uma cultura absorva em machismo estrutural fica evidente no encerramento da trama. Ritinha morre no parto dos gêmeos, Alma perdoa Danilo e aceita criar as filhas do marido adúltero. O patrão assediador encerra sua trajetória narrativa sem grande perda, ao passo que Ritinha é retirada do caminho para a ascensão da felicidade de Danilo.

Carlinhos (Daniel Zetel), era um adolescente extrovertido, sardento e ruivo, cuja presença trazia leveza e humor ao núcleo familiar de Carlão. Na escola, o adolescente cantava todas as garotas, contava inúmeras vantagens, inclusive para a empregada da casa. Seu jeito compassivo e humano no trato com os familiares o tornava uma pessoa agradável. Ao contrário de Dóris, sua irmã que maltratava os avós, Carlinhos comovia pela sensibilidade e respeito aos idosos. No entanto, essa empatia não se estendia à empregada da casa, cuja agressão por parte do jovem não provocava a mesma comoção.

Figura 16 - Carlinhos



Fonte: Natelinha.UOL, acesso 23/09/2025⁶⁷

A conduta de Carlinhos não entrou para a discussão em família e Zilda seguiu sua trajetória sem qualquer reflexão perceptível. Assim temos:

- Carlinhos: filho dos patrões com a postura de assediador; o aconselhamento de Carlão

⁶⁷ Fonte: <https://natelinha.uol.com.br/novelas/mulheres-apaixonadas/personagem/carlinhos>
Acesso: 23/09/2025

(seu pai) não deu resultado. Carlinhos, assediava a empregada incessantemente, configurando uma relação abusiva. O jovem tinha obsessão de perder a virgindade e, por isso, tratava Zilda (Roberta Rodrigues) como um objeto, como se ela fosse obrigada a lhe fornecer serviços sexuais. A narrativa descreve um caso de assédio sexual contra uma trabalhadora doméstica, algo que atualmente seria intolerável e classificado como abuso de poder.

- Zilda: Seguiu sua vida sem demonstrar nenhum tipo de reflexão ou reação. A maneira como a trabalhadora agiu pode evidenciar conformismo, submissão ou até uma tentativa de se proteger emocionalmente. Como vítima da violência, é possível que a angústia tenha feito a doméstica se calar.
- A família: a ausência de escuta ou de empatia por parte dos padrões pode indicar um contexto em que sentimentos e atitudes de Zilda não são reconhecidos ou debatidos. Pode ser um sintoma característico da exclusão simbólica típica de lugares onde as minorias não têm voz e as desigualdades são naturalizadas. Ao longo da narrativa, Zilda reclamava das importunações de Carlinhos, mas não teve suas reclamações acolhidas. A conduta do jovem foi desconsiderada nas conversas de família, isso pode ser visto como negação ou naturalização do tema assédio. Em contrapartida, a anuência da família para com as ações do adolescente pode ser uma tentativa de preservar a harmonia no lar.

A família de Carlão legitimou o comportamento do filho quando fez “vista grossa”, vinculando a atitude do jovem à impunidade. Essa percepção é marcante nas narrativas dos assediadores, conferindo realismo às cenas das telenovelas de Manoel Carlos, caracterizadas pela violência velada contra as trabalhadoras domésticas. A narrativa apresentada pode caracterizar o patriarcado.

Akotirene (2019, p. 67) defende que o “patriarcado é um sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especialmente contra as mulheres”. A certeza da impunidade insufla o ego dos assediadores e retroalimenta o ciclo da violência nessa relação de desigualdade. De acordo com Aguiar (2000, p.305), “a violência contra mulheres e a impunidade, como legítima defesa da honra masculina, consiste em outra indicação de relações patriarcais”. Em geral, os assediadores possuíam um traço comum: usavam seu status social como estratégia de poder em um processo cíclico de abuso e opressão, sendo as empregadas submissas a essa dominação.

Nesse sentido, podemos observar o assédio presente nessas telenovelas como violência simbólica (Bourdieu,1999), formada por uma relação de submissão que o dominado vive diante do dominante.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/ baixo, masculino/ feminino, branco/ negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim, naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1998, p. 47).

Portanto, na trama, o assediador em seus ritos de conquista, machista legitimado, atuou livremente, dando um sentido quase cômico a suas atitudes, sob o risco do assédio ser visto como não ofensivo. Nos anos 2000, a situação das trabalhadoras domésticas, assim como a visão criminalista sobre assédio eram abrandadas e naturalizados. Quando de sua reprise, os avanços nos debates sociais levantaram a percepção, talvez não tão forte ou generalizada na exibição original, dos absurdos enfrentados pelas trabalhadoras domésticas. Hoje, é possível constatar a violência simbólica na relação entre essas personagens e seus patrões.

6.6 A Interseccionalidade como método de análise

Ao longo da pesquisa, notamos que a “lei da casa da patroa” permaneceu como um elemento relevante para a compreensão do conceito de pertencimento da empregada doméstica, especialmente diante da duplicidade entre ser considerada parte da família ou somente uma prestadora de serviço. Contudo, é necessário confrontar as violências presentes nas relações e reexaminar essas questões à luz das transformações sociais que estão ocorrendo. Nesse aspecto, a interseccionalidade irá colaborar para diagnosticar a dinâmica vertical do poder que se expressa cultural e simbolicamente e se estrutura na relação de dominação patrões-empregadas. A interseccionalidade também possibilitará análises horizontais entrelaçadas, admitindo que as opressões ocorrem simultaneamente e se fortalecem de maneira bilateral.

A interseccionalidade é uma ferramenta de análise de fenômenos e problemas sociais. De acordo com Carrera (2021, p.11) “a ferramenta metodológica é necessária aos estudos em comunicação.” A autora expande a abrangência da interseccionalidade ao campo da justiça

social. Para Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade serve como método para compreender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das vivências de cada indivíduo. Como recurso metodológico neste capítulo, ela visa diagnosticar os aspectos, as intersecções e as sobreposições dos sistemas de opressão em que gênero, raça, faixa etária, classe social, desigualdades e atividade profissional são atributos que podem conferir traços de inferioridade às personagens.

Para entender melhor o conceito de interseccionalidade, recorremos a Crenshaw (2002), a autora cunhou a expressão interseccionalidade, enfatizando a ineficácia de se focar apenas em um eixo de identidade (como gênero ou raça por exemplo) para compreender de forma mais profunda a complexidade das vivências das mulheres negras. O conceito da interseccionalidade enfatiza a interação entre diversas formas de opressão, impactando gênero, raça, faixa etária, classe e outras identidades sociais ao mesmo tempo.

Cabe ressaltar que nas telenovelas do período (2000-2018), a maioria das empregadas domésticas é branca e jovem, em contraste com a realidade, onde a maioria das trabalhadoras é negra e ocupa uma faixa etária acima dos 30 anos. Em nossos estudos, a interseccionalidade é utilizada como ferramenta de análise tanto para as trabalhadoras negras quanto as não-negras.

Crenshaw (2002) faz uma analogia na qual os cruzamentos de avenidas representam as intersecções de opressão. A autora menciona a intersecção, contextualizando a metáfora das avenidas como trajetórias de poder excludente que se originam de várias direções, onde se organizam os campos sociais, econômicos e políticos. Os sistemas de opressão ocorrem de forma simultânea e se entrelaçam nos cruzamentos das avenidas. Esses sistemas se sobrepõem, culminando em múltiplos esquemas de subordinação e desigualdades que impactam as trabalhadoras, sendo as principais vítimas dessas opressões. Carrera (2021, p.14-15) define os eixos de opressão como aqueles que afetam “os indivíduos no âmbito da sexualidade, gênero, raça, peso, idade, geolocalização, deficiência e classe impostos aos indivíduos, que se veem encurralados, cercados pela violência das suas desvantagens sociais”.

Para Hayeck (2009, p.4) “Em nossa sociedade caracterizada por relações violentas, a violência transforma-se numa linguagem organizadora, fazendo surgir uma espécie de senha de identificação que distingue iguais”. Percebe-se que a interseccionalidade aborda questões que fazem parte de grupos minoritários. Ao mesmo tempo, essa minoria é afetada por mais de um tipo de opressão. Considerando a interseccionalidade inspirada em Crenshaw (2002) como recurso metodológico para a nossa análise, partimos da exposição de recortes e interfaces das violências utilizadas na construção da narrativa das personagens.

A interseccionalidade como ferramenta analítica nos permite entender como as diferentes formas de opressão estão interrelacionadas e afetam a vida das empregadas domésticas na ficção e fora das telas.

6.7 Painel interseccional da violência

O painel abaixo exhibe alguns marcadores sociais associados às empregadas domésticas e apresenta um conjunto das várias formas de violência que esse grupo de trabalhadoras enfrentou, conforme retratado nas telenovelas. As personagens escolhidas — Zilda, Ritinha, Irene (*Laços de Família*) e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) — foram selecionadas por sua representatividade em relação ao conjunto de empregadas domésticas presentes no rol de trabalhadoras na obra de Manoel Carlos.

De acordo com Bardin (2016, p.127), “A amostragem diz-se rigorosa se a amostra for parte representativa do universo inicial. Neste caso, os resultados obtidos para a amostra serão generalizados ao todo”. Além de apresentar os marcadores sociais relacionados às trabalhadoras domésticas, a tabela abaixo tem como objetivo evidenciar como essas figuras femininas são afetadas ao mesmo tempo por múltiplas violências, revelando padrões recorrentes nas narrativas ficcionais. As violências catalogadas no painel não se restringem ao universo ficcional, elas também se manifestam na realidade das empregadas domésticas.

O conceito de interseccionalidade é extremamente importante para a identificação das opressões que afetam as profissionais de serviços domésticos. Enquanto ferramenta, ela possibilita análises essenciais para entender como marcadores sociais interconectados, como gênero, raça, classe social e idade geram desigualdades, aumentam a vulnerabilidade das trabalhadoras e limitam o acesso à assistência do Estado.

A tabela abaixo foi organizada na seguinte ordem: à esquerda estão listadas as telenovelas e a amostra com quatro trabalhadoras domésticas selecionadas para análise.

Seguindo para o lado direito, encontram-se os marcadores sociais. No centro da tabela, estão dispostas em paralelo as formas de violências identificadas e a soma. Na ilustração, os marcadores sociais e as violências estão interligados às trabalhadoras, destacando quais foram mais afetadas pelas formas de opressão e violência. A matriz gráfica não define uma hierarquia das violências, apenas estabelece uma relação e compara com as personagens. Nas telenovelas, as violências operavam em conjunto e se alternavam nas diversas narrativas.

Tabela 9 - Desdobramentos das violências nas narrativas das empregadas

Telenovelas	Personagens	Marcadores sociais				Violências											
		Gênero	Classificação racial	Classe social	Faixa etária	Racismo	Assédio sexual	Assédio moral	Exploração da mão de obra	Trabalho análogo à escravidão	Abusos	Estereótipos	Maus-tratos	Preconceitos	Precarização da profissão	Total de violências	
Laços de Família	Zilda	Mulher	Negra	Pobre	Jovem	✓		✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	9
Laços de Família	Irene	Mulher	Negra	Pobre	Idosa	✓		✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓		8
Laços de Família	Ritinha	Mulher	Branca	Pobre	Jovem		✓	✓	✓	✓	✓	✓		✓	✓		8
Mulheres Apaixonadas	Zilda	Mulher	Negra	Pobre	Jovem	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	10

Fonte: Autoria própria, dados telenovelas

O quadro ilustra as opressões e uma sequência de violências que emergiram das narrativas das trabalhadoras. Vimos que essas violências partiram dos empregadores e seus familiares, evidenciando que o abuso está centrado nas estruturas hierárquicas, assim como as práticas discriminatórias que ocorreram nas tramas. Ao analisar as personagens apresentadas na tabela acima, nota-se que Ritinha, por ser uma empregada branca, não foi exposta ao racismo. As demais trabalhadoras foram vítimas do racismo o que demonstra que o preconceito impacta todas as empregadas negras, independentemente da faixa etária que ocupam.

Através das lentes interseccionais é possível diagnosticar as múltiplas formas de opressões, evidenciadas nos recortes das narrativas das trabalhadoras. A abordagem analítica da ilustração possibilita entender como diversas violências se conectam e ocorrem simultaneamente. Na perspectiva da interseccionalidade proposta por Crenshaw (2002), as avenidas de opressão se correlacionam, se cruzam, contornam as trabalhadoras domésticas, sendo sistematizadas e direcionadas. A análise das narrativas do ponto de vista da vida social, das interações e das instituições busca elucidar as estruturas, normas e significados que as fundamentam.

O quadro demonstra que as violências retratadas nas narrativas atribuem características estigmatizadas às trabalhadoras. Esses aspectos incluem a forma de abusos,

submissão, exploração, maus-tratos, assédios e rotulações. Ao examinar o entrelaçamento e a sobreposição de gênero, raça e estrato social, o conceito de interseccionalidade inspirado em Crenshaw (2002) busca a inseparabilidade estrutural de sistemas mais amplos de opressão, caracterizados como a matriz colonial que gera vias identitárias. Essas opressões são como a base que forma a identidade das empregadas domésticas e mostram como elas são atingidas simultaneamente pelos cruzamentos e sobreposições dessas opressões.

Dentro e fora da ficção, as trabalhadoras são retratadas como pessoas que vivem em condição de pobreza, apresentam nível educacional reduzido, desconhecem seus direitos, em alguns casos, exercem a atividade profissional de maneira informal, sem acesso às garantias trabalhistas. As desigualdades são estabelecidas socialmente com base nas diferenças, logo, os marcadores sociais, como cor, gênero, idade e estrato social estão conectados às empregadas domésticas.

Nas telenovelas de Manoel Carlos, a caracterização da desvalorização da atividade profissional das trabalhadoras foi marcada pelas violências intensificadas nas condutas abusivas evidenciadas nas relações desiguais patrões-empregadas, a exemplo do assédio moral. Esse tipo de assédio ocorria verticalmente e envolvia ameaças, críticas humilhantes e insultos direcionados às empregadas.

Em *Mulheres Apaixonadas*, Dóris (Regiane Alves), a filha da patroa, criticava o trabalho e a comida de Zilda (Roberta Rodrigues). A trabalhadora era desqualificada pela adolescente, era submetida a insultos e injúrias racistas. No capítulo 143, durante um café em família, Carlão pergunta a Dóris se ela viu uma pasta preta. A adolescente diz que não viu o objeto, Zilda responde que guardou no armário. Em tom enfurecido, Dóris descarrega sua raiva em Zilda: “pelo menos guarda no mesmo lugar, sua anta”.

No capítulo 180, a empregada pergunta a Dóris se ela não tinha remorso por tratar mal seus avós. Dóris responde: “cala boca, urubu”. Em outro capítulo, Dóris rouba o dinheiro da aposentadoria do avô e insinua que Zilda foi responsável pelo desaparecimento do dinheiro.

Em *Laços de Família*, Zilda (Thalma de Freitas) era maltratada por Clara (Regiane Alves), a nora de Helena (Vera Fischer), sua patroa. Os abusos eram caracterizados pela forma grosseira como era tratada a trabalhadora, que recebia ordens de Clara como se fosse sua patroa. Outra violência presente na rotina das empregadas era a exploração da mão de obra.

Esse conceito é próprio de contexto em que os empregadores se beneficiavam da mão de obra das trabalhadoras, sem pagar nenhum adicional pela jornada excessiva de trabalho, ou pelo exercício de múltiplas funções no trabalho. Nas telenovelas, essa

exploração ocorria em função da relação de poder desequilibrada, os patrões usavam a vulnerabilidade das empregadas para obrigá-las a cumprir longas jornadas de trabalho, realizar multitarefas, algumas atribuições não eram necessariamente atividades de empregadas domésticas, como, por exemplo, cuidar de crianças e idosos.

Todas as trabalhadoras da amostra apresentaram indícios de condições de trabalho equiparadas às de trabalho escravo. No contexto em que elas viviam, eram submetidas a extensas jornadas de trabalho sem horário de descanso, considerando os demais abusos a que sofriam diariamente. Em relação à Irene (*Mulheres Apaixonadas*), a caracterização do trabalho análogo ao de escravo era mais evidente, apresentando características alinhadas a essa realidade, devido à trabalhadora estar há muitos anos com a mesma família, mesmo não atuando mais como babá, mas exercendo outras atividades domésticas. Irene é um exemplo que evidencia a complexidade da sobrecarga de opressões: ela é negra, idosa, esses marcadores sociais atuam em conjunto, influenciam negativamente a realidade profissional da ex-babá, que sem perspectiva, permaneceu no lar. Irene pode representar as trabalhadoras vítimas do etarismo, essa forma de discriminação é baseada no preconceito fundamentado na idade, que se expressa em atitudes negativas, estereótipos e exclusão social. O etarismo configura-se como obstáculo profissional para a recolocação das trabalhadoras idosas, negras e não negras. Nas narrativas de Zilda, Ritinha, Irene e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*), não foi possível perceber as questões relacionadas aos direitos trabalhistas, regulamentação de carga horária de trabalho, horas extras, férias e nem a oferta de algum benefício relacionado às atividades extras.

O assédio sexual presente nas tramas de Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) e Ritinha (*Laços de Família*) traz a padronização do comportamento e da personalidade das trabalhadoras nas telenovelas e está relacionado às convenções de gênero que permeiam as narrativas das personagens hipersexualizadas. As duas trabalhadoras, uma negra e outra não negra, foram vítimas da violência sexual. Neste caso, o assédio ocorreu em ambientes onde há interação de diversos marcadores sociais, incluindo a desigualdade ligada aos papéis atribuídos ao gênero masculino e feminino, na relação patrão e empregada, bem como ao *status* social e cultural. No âmbito ficcional e não ficcional, as trabalhadoras estão sujeitas ao assédio sexual, contudo pela visão interseccional é necessário levar em conta outras variáveis que impactam especialmente as mulheres negras. Gonzales (1984) enfatiza a importância de considerar que, nas estruturas de poder do país, as mulheres negras se encontravam em uma situação desfavorável e mais vulneráveis que as mulheres brancas.

Vale ressaltar que os indicadores sociais, quando analisados sob a ótica da mulher negra, evidenciam um cenário crítico de desigualdades em que esse segmento da população é mais propenso às violências; a isso acrescenta-se o racismo. As reflexões de Gonzales (1984) resultarão nos conceitos de interseccionalidade. Entre todas as suas contribuições, a autora dedicou-se às maneiras de tratar com as questões específicas das mulheres negras no contexto brasileiro.

Para nós o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Nesse sentido, veremos que sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular. Consequentemente, o lugar de onde falaremos põe um outro, aquele é que habitualmente nós vínhamos colocando em textos anteriores. E a mudança foi se dando a partir de certas noções que, forçando sua emergência em nosso discurso, nos levaram a retornar a questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. (Gonzales, 1984, p. 224)

Dessa forma, Gonzales (1984) estabelece uma crítica lógica ao defender que a cultura brasileira, ao mesmo tempo que limita, valoriza a figura da mulher negra. A autora questiona o antagonismo de ser “doméstica” ou “mulata” ou uma “mãe preta”, já que historicamente esses termos fazem referência a uma mesma pessoa.

Lima (2001, p. 92) faz referência à palavra ‘mulata’ como o “termo que se tornou um signo para invocar sensualidade e outros atributos a ela ligados”. O mito da igualdade racial oculta a violência simbólica que recai sobre as mulheres negras. Gonzales (1984) pontua “pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica” (p. 228).

No contexto particular das mulheres negras, o estereótipo da hipersexualização pode ser intensificado, consolidando mitos racistas, como o da sexualização, a objetificação e a subordinação da mulher negra, traços característicos herdados do período escravocrata do Brasil. Gonzales (1984, p.230) assinala que “constatamos que o engendramento da mulata e da doméstica se fez a partir da figura da mucama”. Essa repressão simboliza a continuidade histórica da função desempenhada pela mucama, que servia como doméstica e ocasionalmente se tornava concubina de seu senhor. Observamos que Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) carregava esse estigma. A jovem empregada negra, como doméstica, servia à família; como mulher, era objeto de desejos e assédio sexual de Carlinhos, filho do patrão.

Esse perfil de personagem não é exclusividade de Manoel Carlos. Já foi observado ao longo dos anos nas demais telenovelas de outros autores.

Como nas décadas de 70 e 80, as empregadas domésticas da década de 90 são mantidas de modo constante e recorrente. Sempre presentes nas telenovelas, apresentam variações: herdeiras das mucamas, das amas-de-leite, bisbilhoteiras, irreverentes sem “saber o seu lugar”, submissas, objeto do desejo dos patrões. (LIMA, 2001, p. 92)

Todas as trabalhadoras negras da amostra sofreram discriminação racial, especialmente as empregadas Zilda (*Laços de Família*) e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*), que foram mais expostas às formas mais duras do racismo. Na condição de empregada doméstica, Ritinha enfrentou diversos modos de violências, sobretudo o assédio sexual; entretanto, por ser uma mulher branca, não foi alvo de racismo.

Por meio do olhar interseccional, notamos que as trabalhadoras se encaixavam em mais de uma categoria minoritária e carregavam resquícios da colonialidade nas desigualdades, nas diferentes posições de poder, nos abusos, na submissão e exclusão. As opressões vistas pelo prisma das interseccionalidades identificadas a partir das narrativas de Zilda (*Laços de Família*), Irene e Zilda (*Mulheres Apaixonadas*) são sociologicamente fundamentados nos argumentos de Crenshaw (2002), que defende a ideia de que as opressões não ocorrem isoladamente. Por exemplo, essas trabalhadoras enfrentam opressões sobrepostas e entrelaçadas nas questões de gênero, raça e estrato social, que culminam nas desigualdades. São mulheres, negras, pobres e, no caso de Irene, também é idosa.

Quanto ao desdobramento das violências, ao mesmo tempo que ocorre a exploração do trabalho doméstico, a atividade profissional é precarizada, ocorreram os abusos, maus-tratos, assédio moral e sexual; nesse ritual, não há uma sequência definida para as vítimas. Os estudos realizados nos capítulos anteriores desta pesquisa, em conjunto com as análises desenvolvidas neste último capítulo, permitiram evidenciar as violências direcionadas às empregadas domésticas, que além do contexto físico, atuaram em outros âmbitos, onde se destacam:

- Violência econômica: essa modalidade de violência é caracterizada por remunerações inferiores ao piso salarial da categoria, inexistência de registro em carteira, situações de dependência financeira, carência de acesso aos direitos trabalhistas e previdência social e jornadas de trabalho exaustivas.
- Violência institucional: manifesta-se na omissão do Estado em assegurar políticas públicas eficazes voltadas para a proteção, supervisão e reconhecimento da classe profissional.

- Violência interseccional: abrange diversas modalidades de opressão, manifestando-se quando gêneros, raça e classes se entrelaçam, impactando sobretudo mulheres negras residentes em regiões economicamente desfavorecidas.
- Violência psicológica: manifesta-se por meio de assédio moral, humilhações, maus-tratos, xingamentos e ameaças por parte dos empregadores e trabalho análogo ao de escravo.
- Violência simbólica: revela-se através da desvalorização, da normalização da exploração e da manutenção de estigmas sociais que vinculam o trabalho doméstico à escravidão.

6.8 A temática da violência nas telenovelas: dois pesos e duas medidas

Vimos nesta pesquisa que os tipos de violência retratados por Manoel Carlos continuam sendo vistos há mais de duas décadas depois das primeiras exibições das telenovelas, como questões que persistem na sociedade, enfatizando a natureza perene das temáticas. Observamos que a nação que evidencia o poder mobilizador da telenovela é cenário para as inúmeras violências. Esse é um dos possíveis aspectos da telenovela como “narrativa sobre a nação” (Lopes, 2003). Outra característica pertinente à obra de Maneco está no contraste que diz respeito à questão de classe fundamentada na posição que sua base social ocupa nas hierarquias da sociedade, representada pelas oposições entre o Leblon - um bairro da elite no Rio de Janeiro - e a zona norte (região pobre) que representam um cenário socioeconômico extremamente desigual que reflete a nação.

Esse desnivelamento repercute nas discussões de temáticas análogas à violência, propondo diferentes perspectivas.

Consideramos a hipótese de que, juntamente com a distinção de classe, são atribuídos variados níveis de relevância às violências discutidas nas narrativas. Essa crença está na abordagem relacionada às empregadas domésticas e às personagens principais. Nessa ótica, percebe-se haver uma supervalorização da violência quando está afeta a classe média e alta, ressaltamos que para a classe das trabalhadoras o tema é pouco discutido, conseqüentemente subvalorizado. Essas suposições serão fundamentadas nas evidências descritas nas análises do quadro a seguir.

O quadro abaixo contém uma amostra dos tipos de violências abordados nas telenovelas de Manoel Carlos. O objetivo é comparar e identificar como são tratadas as

situações e assim identificar elementos que reforcem a proposição acima. A seção inicial da planilha exibe uma das modalidades de violência voltada às trabalhadoras domésticas, a segunda parte traz as violências que envolveram as classes média e alta, aqui definidas como elite. Na tabela, estão as telenovelas, as vítimas, as atividades das vítimas, os vilões, o nível de relacionamento entre a vítima e o vilão (causador da violência) e os tipos de violência que impactaram as vítimas.

Tabela 10 - Comparativo dos tipos de violências contra as domésticas e as elites

Tipos de violências nas telenovelas					
Trabalhadoras domésticas					
Telenovela	Vítima	Atividade	Vilão	Nível de relacionamento	Tipo de violência
Laços de Família	Ritinha (Juliana Paes)	Empregada doméstica	Danilo (Alexandre Borges)	Patrão	Assédio sexual
Mulheres Apaixonadas	Zilda (Roberta Rodrigues)	Empregada doméstica	Carlinhos (Daniel Zettel)	Filho do patrão	Assédio sexual
Viver a Vida	Cida (Thaissa Carvalho)	Empregada doméstica	Gustavo (Marcelo Airoldi)	Patrão	Assédio sexual
Elite					
Telenovela	Vítima	Atividade	Vilão/vilã	Nível de relacionamento	Tipo de violência
Mulheres Apaixonadas	Raquel (Helena Ranaldi)	Professora de escola de classe média	Marcos (Dan Stulbach)	Ex-marido	Levara surra de raquete de tênis. Foi estuprada pelo ex-marido
	Leopoldo (Oswaldo Louzada) e Flora (Carmem Silva)	Idosos	Dóris (Regiane Alves)	Avós de Dóris	Maus-tratos e violência contra idosos
	Téo (Tony Ramos) e Fernanda (Vanessa Gerbelli)	Músico e empresário	Bandidos	Nenhum	Violência urbana/ tiro/ bala perdida

Fonte: Autor, dados *Globoplay*

Na **primeira parte da tabela**, observamos que a comicidade é uma característica marcante dessas narrativas. As histórias que abordam o assédio sexual geralmente apresentam cenas cômicas, transmitindo uma atmosfera branda. O assediador (vilão) sempre apresentava uma postura divertida e atrapalhada.

Danilo (*Laços de Família*) era casado com Alma (Marieta Severo), estava sempre de bem com a vida, não hesitava em flertar com qualquer mulher de seu interesse.

Danilo era atrapalhado e cômico, assediou e engravidou Ritinha. De modo semelhante, Gustavo (*Páginas da Vida*) era casado com Betina (Letícia Spiller); o personagem era atrapalhado e cômico, assediava a doméstica Cida (Thaissa Carvalho),

entrava no quarto da empregada sem permissão. Gustavo foi pego beijando Malu (Camila Morgado), a prima de sua esposa. Depois disso, Cida começou a chantageá-lo.

Já Carlinhos (*Mulheres Apaixonadas*) era um personagem divertido, mas não perdia oportunidade de assediar Zilda (Roberta Rodrigues), que era a empregada da família. As ações de Carlinhos (Daniel Zethel) tinham a anuência de seus pais.

A **segunda seção** da tabela apresenta uma amostra das violências que envolveram as personagens de classe média e alta. As histórias que abordavam essas violências eram marcadas pelo clima tenso, denotando um tom de seriedade. Em geral, o vilão portava um perfil malvado. O mais emblemático exemplo talvez seja Marcos (Dan Stulbach), de *Mulheres apaixonadas*, que batia em Raquel (Helena Ranaldi), sua ex-esposa, com uma raquete de tênis, não aceitando a separação, usava a força física e a intimidação emocional.

As cenas eram marcadas pelo requinte de crueldade. Dóris (Regiane Alves), de *Mulheres Apaixonadas*, maltratava seus avós de diversas maneiras, não tinha nenhuma simpatia pela figura dos idosos, era rebelde, sempre afirmava que eles eram um incômodo na casa, ela não os respeitava, roubava dinheiro do casal de idosos, era rude e gritava com eles.

Na mesma telenovela, muitas violências foram retratadas. Havia cenas de confronto entre polícia e assaltantes, bem como os disparos de arma de fogo que atingiram Téó (Tony Ramos) e Fernanda (Vanessa Gerberli). Os criminosos atuando como antagonistas (vilões), evidenciaram a seriedade do enredo, sem qualquer tom cômico nesta perspectiva.

Como observado, nas telenovelas, as empregadas domésticas ocuparam um papel secundário nas narrativas, essa característica não é exclusiva das personagens de Manoel Carlos. Com base nessa amostra, percebemos que na obra de Maneco o destaque dado às violências contra as trabalhadoras domésticas foi abrandado, não causando comoção, ao contrário das demais violências que impactaram as personagens principais.

Vimos na tabela que, mesmo sendo um tipo de violência frequente nas telenovelas, o *assédio sexual* foi abordado de maneira cômica, e os antagonistas, jocosamente, provocavam o riso. Essa perspectiva ameniza a seriedade do problema e normaliza as agressões dirigidas às empregadas domésticas, o ato podendo intensificar a banalização da violência.

Quanto às empregadas domésticas, muitas trabalhadoras são expostas a diversos tipos de violências e vítimas dos efeitos da banalização da violência, Kehl (2004). São subjugadas, sem voz, suas convicções são moldadas pela cultura do medo e pela falta de intervenção do poder público.

Já as violências que envolveram as personagens da elite causaram grande comoção e resultaram em ações socioeducativas⁶⁸. Nas campanhas, Manoel Carlos utilizou a abordagem socioeducativa nas tramas violentas, incentivando o diálogo entre a ficção e a realidade. Os tópicos discutidos incluíram violência de gênero, violência contra idosos e a campanha Brasil sem armas.

Para Néia (2023, p.216), ‘a Globo utiliza o termo “ações socioeducativas” para abrigar temáticas sociais abordadas por todas as suas telenovelas’, Lopes (2009, p.19) defende que essas campanhas são “percebidas pela audiência – que, a partir das situações dramáticas, extrai ensinamentos e reflexões capazes de mudar positivamente seus conhecimentos, valores, atitudes e práticas”. As ações socioeducativas promovem o cruzamento entre a ficção e a realidade. Dessa junção, surgiram os “efeitos do real”. Para Motter (2003), esses efeitos aproximam a trama da realidade. Balogh (2002) pontua que o “ator e personagem se entrelaçam como porta-vozes privilegiados dos problemas sociais e políticos mais prementes no momento da emissão dos programas” (Balogh, 2002, p.164).

Enfatizamos que essas ações são necessárias e fomentam a reflexão sobre assuntos latentes que refletem muitas vezes as questões essenciais para a sociedade, inclusive para a classe das trabalhadoras domésticas. A síntese das informações coletadas neste estudo destaca a urgência de medidas que garantam a dignidade, o reconhecimento e a proteção das empregadas domésticas, ultrapassando estruturas históricas de opressão e desigualdades.

A telenovela, como produto cultural de alto alcance e impacto, pode contribuir para esse cenário, a partir de representações mais críticas em que transpareçam as denúncias de condições abusivas de trabalho, que possam conscientizar profissionais domésticas sobre seus direitos e orientar patrões sobre os limites dessa relação.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar as representações das empregadas domésticas nas telenovelas das 20h e 21h, exibidas originalmente na TV Globo entre os anos 2000–2018.

O primeiro capítulo detalhou os métodos aplicados na investigação, o segundo capítulo apresentou o panorama nacional do trabalho doméstico mediante indicadores econômicos e descreveu a realidade das empregadas domésticas no mercado de trabalho. Do

⁶⁸ Fonte: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/noticia/acoes-socioeducativas.ghtml> Acesso 18/08/2025

terceiro ao quinto capítulo, a pesquisa teve o percurso guiado pela cartografia, identificou 81 trabalhadoras domésticas em 31 telenovelas. No decorrer do mapeamento, foram identificados atributos relevantes para a segmentação da população de trabalhadoras domésticas, tais como as ocupações profissionais, raça, faixa etária e desigualdades. Por meio do levantamento, observaram-se as condições de trabalho das empregadas frente às reivindicações trabalhistas da categoria profissional. No mercado de trabalho ficcional e fora das telas, as atribuições da profissão não são restritas, o segmento abrange o âmbito dos serviços gerais como forma não declarada da ocupação do trabalho doméstico.

A pesquisa apresentou alguns desdobramentos da violência nas narrativas das empregadas analisadas sob a perspectiva da interseccionalidade proposta por Crenshaw (2002). Nas telenovelas, a representação das empregadas domésticas evidenciou estereótipos e preconceitos presentes na sociedade. Logo, para os papéis supostamente de pouca relevância, as personagens eram de origem humilde e muitas trabalhadoras eram negras. A caracterização das empregadas evidenciou a precarização da profissão de doméstica, revelou que algumas empregadas eram submissas, expostas aos assédios moral e sexual, exploração da mão de obra, submetidas ao trabalho análogo à escravidão, maus-tratos e não percebiam os abusos ou não detinham competências (financeiras, legais, educacionais) para denunciar ou se opor. A reexibição da telenovela *Laços de Família* no programa *Vale a Pena Ver de Novo* e no Canal Viva faz pensar na perspectiva crítica de situações que, se antes normalizadas, hoje são alvo de denúncia.

A mudança nos modos de ver da audiência faz refletir sobre as políticas criadas ao longo dos anos, que, ainda que tenham contribuído para avanços, até o momento não foram suficientes para reverter a situação.

Fora da ficção, as trabalhadoras estão categorizadas em diaristas ou mensalistas, que, na maioria das vezes, têm o trabalho doméstico realizado no lar dos patrões.

Como “ganha-pão”, o serviço doméstico remunerado custeia o orçamento familiar. A categoria profissional é uma das que mais emprega mulheres no país, aproximadamente 70% dessa mão de obra é composta por mulheres negras. Outro dado importante diz respeito à faixa etária, a maioria das trabalhadoras possui mais de 30 anos. Com mais idade, as trabalhadoras ficam mais vulneráveis e adentram em uma condição caracterizada pela redução na capacidade física e mental passíveis de desencadear doenças relacionadas às jornadas extensas de trabalho, assédio moral, desvalorização profissional, tratamento injusto e maus tratos.

Do ponto de vista de exploração profissional, o exercício de multitarefas pelas trabalhadoras é de conhecimento da sociedade e das autoridades do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). De acordo com os levantamentos, 64,5% das empregadas domésticas têm renda abaixo de um salário mínimo, muitas atuam em jornadas exaustivas.

Na faixa de salário, ainda persiste a desigualdade no mercado de trabalho. Conforme a pesquisa, as trabalhadoras domésticas negras recebem menos do que as trabalhadoras não negras. É necessário promover mudanças de mentalidade nesse contexto histórico e desafiador, quebrar os paradigmas de uma percepção negativa que desvaloriza a mão de obra de profissionais de serviços domésticos. A abolição dessas privações faz parte dos anseios de uma classe marcada pela pobreza e pela negligência social. Mais de uma década após o reconhecimento dos direitos e necessidades de condições de trabalho aprovada na PEC das Domésticas em 2013, a cultura da exploração da mão de obra de trabalho doméstico ainda é uma realidade no Brasil.

As telenovelas têm o potencial de estimular o debate sobre temas relevantes, como a violência e a exploração da mão de obra das empregadas domésticas. De acordo com Lopes (2003, p. 31), “a força e a repercussão da telenovela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos e provocam a discussão e a polêmica nacional.” White (1998) destaca que os telespectadores intepretam as mensagens transmitidas de maneiras diversas e plurais, buscando significados que se alinhem às suas próprias experiências de vida.

Nessa exposição, podemos concluir que o telespectador é constantemente desafiado a uma reflexão acerca dos problemas do cotidiano que vão além do entretenimento. Um ambiente de reflexão pode estimular discussões que promovam mudanças nas relações interpessoais e ações efetivas para o Estado proteger as trabalhadoras. Isso inclui a implementação de políticas públicas para combater abusos, desigualdades sociais, preconceitos e violência contra mulheres, especialmente mulheres negras.

Referências

- AGUIAR, N. **Patriarcado, sociedade e patrimonialismo**. *Sociedade e Estado*, v.15, n.2,p. 303-330, jun.2000.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidades**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2019.
- ARAÚJO, Joel Zito, **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. *Revista Estudos Feministas*, v. 16 n. 3, 2008.
- BALOGH, Anna Maria. **O Discurso Ficcional na TV: Sedução e Sonho em Doses Homeopáticas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre, **Escritos de Educação**. 9º edição. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, Pierre, **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomás, 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, Pierre, **Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner, 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRITES, Jurema. **Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores**. *Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso)*, v. 1, p.91-109, 2007.
- CABECINHAS, Rosa, Congresso de Ciências da Comunicação, 1, Lisboa, 1999 – “**As ciências da comunicação na viragem do século: actas**”. Lisboa: Vega, 2002. p. 407-418.
- CARRERA, F. (2021). **Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação**. *E-Compós*, 24. <https://doi.org/10.30962/ec.2198>.
- CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social, uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Boitempo Editorial, 2021.
- COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus, 2009.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. *Revista Estudos Feministas*. v. 10. n. 1. p. 171-188. Florianópolis, 2002.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto** / John W. Creswell; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. - 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2007.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

GONZALES, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**, Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo-SP, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRECO, Clarice. Análise de Conteúdo em Pesquisas de Fãs nas Redes Sociais. In: Patrícia Azambuja; Melissa Moreira Rabêlo. (Org.). **Ensaio sobre experiências com os sujeitos da pesquisa**. 1ª ed. São Luiz: EDUFMA, 2023, v. 1, p. 97-121.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HAYECK, C. M. **Refletindo sobre a violência**. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10353>. Acesso em: 7 dez. 2023.

HELLER, Agnes. **Aspectos da teoria do cotidiano em perspectiva** I Gleny Terezinha Duro Guimarães, org.; Idília Fernandes ... [et al.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 147 p.

JODELET, Denise. Os Processos Psicossociais da Exclusão, Em SAWAIA, Bader. As Artimanhas da Exclusão, Análise psicossocial e ética da desigualdade social, 2ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Televisão e Violência do Imaginário**. In: BUCCI, Eugenio e KEHL, M. R. Videologias. São Paulo: Boitempo, 2004.

LIMA, S. M. C. D. **A personagem negra na telenovela brasileira: alguns momentos**. Revista USP, [S. l.], n. 48, p. 88-99, 2001. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i48p88-99. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32894>. Acesso em: 23.06.2023.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, São Paulo, Brasil, n. 26, p. 17-34, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 4 fev. 2025.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Telenovela como recurso comunicativo**. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 1, p. 21-47, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v3i1p21-47. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38239>. Acesso em: 6 fev. 2025.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GRECO, Clarice. Brasil: dinâmicas da ficção televisiva na transição multicanal. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; GOMEZ, Guillermo Orozco (org.). **Ficção televisiva ibero-americana em plataformas de vídeo on demand**. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 103-128.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: O Espírito do Tempo – 1**. Neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. (edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

MOTTER, Maria Lourdes; JAKUBASZKO, Daniela. **Telenovela e realidade social: algumas possibilidades dialógicas. Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 1, p. 55–64, 2007. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v12i1p55-64. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37619>.. Acesso em: 30 jan. 2025.

MOTTER, Maria Lourdes Ficção e Realidade. **A construção do cotidiano na telenovela** São Paulo: Alexa Cultural, Comunicação & Cultura, 2003.

NÉIA, Lucas Martins. **Como a ficção televisiva moldou um país: uma história cultura da telenovela brasileira (1963 a 2020)**. 1.ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2023.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: a construção da personagem**. 1º ed. São Paulo: Ática, 1989.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO, Ricardo Corrêa. **Mucamas, Criadas ou Domésticas: Sinônimos de Uma Só História de Exclusão**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, Brasil, p.2, 2008. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/8/11/mucamas-criadas-ou-domesticas-sinonimos-de-uma-so-historia-de-exclusao> Acesso em: 12/03/2025

PERDIGÃO, Guilherme. **The cordial maid: representations of servants in Brazilian adaptations of Eça de Queirós**. Journal of Iberian and Latin American Studies, 24(3), 2018. 391–400. <https://doi.org/10.1080/14701847.2018.1531221>

PINHEIRO, Luana; POSTHUMA, Anne Caroline; TOKARSKI, Carolina Pereira. (orgs.). **Entre relações de cuidado e vivências de vulnerabilidade: dilemas e desafios para o trabalho doméstico e de cuidados remunerado no Brasil**. Brasília: IPEA; OIT, 2021.

PREUSS, Miriam Raja Gabaglia. **Patroas e empregadas: relações de proximidade e oposição**. In: Coletâneas da ANPEPP. n. 7, p. 53-65, 1997.

PROPP, Vladimir, **Comicidade e riso**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

RANDALL, R. (2018). Cordialidade e intimidade na cultura brasileira contemporânea: introdução. Journal of Iberian and Latin American Studies, 24 (3), 295–310. <https://doi.org/10.1080/14701847.2018.1531224>

ROSARIO, N.M., COCA, A. **A cartografia como um mapa movente para a pesquisa em comunicação**. Revista Comunicação & Inovação, [S. l.], v. 19, n. 41, 2018. DOI:

10.13037/ci.vol19n41.5481. Disponível em:
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5481. Acesso em: 21 maio. 2025.

SANTOS, Roberto Elísio dos, **As Teorias da Comunicação: Da Fala à Internet**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SOMMACAL, Clariana Leal; TAGLIARI, Priscila de Azambuja. **A Cultura de Estupro: o arcabouço da desigualdade, da tolerância à violência, da objetificação da mulher e da culpabilização da vítima**. REVISTA DA ESMESC, v.24, n.30, p. 245-268, 2017.

TEIXEIRA, Juliana C.; SARAIVA, Luiz Alex S.; CARRIERI, Alexandre de P. Os lugares das empregadas domésticas. **Organizações e sociedade**. 22 (72) • Jan-Mar 2015 • <https://doi.org/10.1590/1984-9230728> . Acesso em 31.07.23

WHITE, R. A. (1998). **Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais**. Comunicação & Educação, (12), 57-76.

WOLTON Dominique. **Elogio do Grande Público. Uma Teoria Crítica da televisão**. Trad. José Rubens Siqueira, São Paulo: Ed. Ática, 1996.